

Remígio Todeschini

Agonia e sofrimento dos trabalhadores contaminados pela **COVID-19**

(Estudo de casos sobre trabalhadores químicos e petroleiros)

Airton Cano - Prefácio

André H. Alves - Apresentação

“O livro traz um relato da triste realidade enfrentada pelos trabalhadores químicos e petroleiros contaminados pela Covid em 2020. Mostra o sofrimento psíquico, físico, familiar e social desses trabalhadores em serviços essenciais.”

Airton Cano

*Coordenador político da
Fetquim/CUT*

“Os trabalhadores relatam como foram contaminados nas fábricas. Em muitos locais faltaram medidas de proteção preventivas e não foram evitadas aglomerações, daí a importância permanente da preservação da saúde dos trabalhadores.”

André H. Alves

*Secretário de Saúde da
Fetquim*

Remígio Todeschini

Agonia e sofrimento dos trabalhadores contaminados pela Covid-19

(Estudo de casos sobre
trabalhadores químicos e petroleiros)

1ª edição

São Paulo

2021

Nsa Gráfica Editora

Remígio Todeschini

Pesquisador do Núcleo de Estudos
sobre Violência e Segurança (NEVIS)
da Universidade de Brasília –DF,
que em parceria com a FETQUIM/
CUT-SP, realizou estudo de casos de
trabalhadores químicos e petroleiros
contaminados por Covid-19.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T637a Todeschini, Remígio.

Agonia e sofrimento dos trabalhadores contaminados pela Covid-19 : estudo de casos sobre trabalhadores químicos e petroleiros / Remígio Todeschini ; prefácio: Airton Cano ; apresentação André Henrique Alves. – São Paulo : NSA Gráfica Editora, 2021.

150 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-62623-09-7

1. Covid-19 - Brasil. 2. Trabalhadores químicos - COVID-19 - Estudo de casos. 3. Trabalhadores petroleiros - COVID-19 - Estudo de casos. I. Cano, Airton. II. Alves, André Henrique. III. Título.

CDU 616-036.21:331-051(81)

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

Sumário

Prefácio – Airton Cano	7
Apresentação – André Henrique Alves	11
PARTE 1	
Premissas de um estudo de casos sobre Covid-19 e a revisão de literatura nacional e internacional	13
1. Estudo de Casos sobre Covid-19 entre trabalhadores de serviços essenciais	14
2. A Covid-19 e a reviravolta do pico da mortalidade das doenças infecto-contagiosas no Brasil e no mundo	16
3. Revisão da literatura nacional e internacional sobre a Covid-19	19
PARTE 2	
A narrativa de 10 contaminados por Covid-19 em serviços essenciais.	31
1. O sofrimento na contaminação junto à família	32
2. Medo frente à morte com a intubação	42
3. A paranoia (ou histeria?) gerada pelos erros dos exames de Covid	54
4. Doença Dolorosa: massacre físico, social e mental	67

5. O contágio decorrente da aglomeração laboral	78
6. A falha em não afastar contaminados e suspeitos na empresa	87
7. Enfrentando o confinamento do confinamento na pandemia	97
8. Preocupação com a família frente a uma doença terrível	105
9. Solidariedade dos amigos, descaso da empresa e perseguição sindical	112
10. “O maior sofrimento físico foi a falta de ar. (...) Minha maior preocupação psíquica era deixar a família exposta”	120

PARTE 3

Análise do estudo de casos de trabalhadores químicos e petroleiros 131

1. Resultados da Análise Lexical: A contaminação e os sintomas entre químicos e petroleiros	132
2. Discussão dos sofrimentos físicos e psíquicos encontrados e das prováveis causas nas empresas	138
3. Considerações finais e medidas que deverão ser continuamente adotadas	142

Apêndice 144

Referências 146

Prefácio

Neste livro se ‘ouvirá’ o sofrimento dos que foram acometidos pela Covid-19, são muitos, ver-se-á, e não estão aqui o sofrimento de seus próximos, o sofrimento de todas as pessoas do Brasil. Um inimigo invisível, que ataca onde menos se espera, que pode matar ou entrar e sair sem deixar sintomas; uma situação em que cada indivíduo, em que a sociedade como um todo está sem controle da própria vida. Nada pior pode acontecer, muito sofrimento vem sempre acompanhando uma pandemia, um bichinho invisível coloca em pânico toda a humanidade.

O que fazer contra este vírus? Buscar combatê-lo com todas as armas, dar suporte individual e social para o combate, cuidar de quem se infectou para dirimir o sofrimento ou buscar a cura. Acontece que no Brasil de Bolsonaro tudo aconteceu ao contrário.

Investiu em um medicamento que não tem efeito, e que ainda pode trazer outros danos graves a qualquer um de nós, inventou ‘tratamento precoce’ quando todos os cientistas do mundo sabem e dizem com todas as letras que não existe. Isto é criminoso! Iludir um paciente grave com água com açúcar e convencê-lo de que está sendo tratado promove uma ilusão, que no mínimo o deixa confortável perante o risco de morte e o desmotiva a continuar lutando. A cloroquina e outras anoma-

lias de Bolsonaro impediu que muita gente buscasse tomar as providências preventivas, máscaras, distanciamento, etc, porque estavam ‘protegidos’ por uma droga, que ao fim e ao cabo não tem efeito nenhum.

Menosprezou a pandemia, uma gripezinha, coisa de maricas, o mundo está superestimando esta pandemia. Isto é criminoso! O médico recebe você com uma doença grave e te manda embora sem cuidado; ‘Isto não é nada’, omite a gravidade do problema, com isto faz com que você menospreze o socorro.

Desobedece às mínimas regras de prevenção, sai às ruas sem máscara, satiriza quem as utiliza, promove aglomerações: propositalmente expondo a si e aos seus próceres ao contágio. Claro, estamos falando de um líder, pelo menos para 25 a 30% dos brasileiros, isto é um crime! Expor o outro a condições de vida que arriscam a morte, alguém que é modelo te oferece seguir uma atitude que pode te matar.

Nega a pandemia, sua capacidade destrutiva, sua capilaridade. Quando você se encontra sob ameaça, um dos principais mecanismos de defesa que você tem é a negação. O médico te diz após examinar você que se trata de uma doença grave, terminal, que provavelmente você vai morrer. Uma revelação insuportável, então você encontra a vizinha, conta teu drama e ela te diz: ‘isto não é nada, fulano e sicrano tiveram isto e não aconteceu nada’. A tendência do ser humano é se agarrar em qualquer coisa que permita negar o problema. Se estamos em uma pandemia onde corremos todos riscos de morte, e um líder, alguém que está em uma posição de mando, como o presidente da república, te diz que isto é uma invenção chinesa para impetrar o comunismo no Brasil, é muito fácil acreditar nele. Negar a pandemia e seu risco real é um crime.

Boicota sistematicamente a vacinação, primeiro se negando a suprir seringas e agulhas, depois se negando a comprar vacinas por razões ideológicas, depois fantasiando que nós é que deveríamos ser procurados pelos laboratórios e não pro-

curá-los; então se você tem uma dor de cabeça deve sentar-se e esperar que farmácias venham te oferecer remédios? Trocou de ministro da saúde aos montes até encontrar um que não fizesse nada, que não compreendesse nada do que há por ser feito. Nega à população brasileira a única saída que lhe garante a vida. Isto é um crime.

Luta para transformar a vacinação de obrigatória em optativa. Como assim? Um cidadão pode escolher se me coloca em risco de vida ou não? Avisa com humor negro que os vacinados vão se transformar em jacaré. Se omite e transforma um drama de saúde pública em uma escolha pessoal. Isto é um crime.

O resultado disso, todos sabemos, o Brasil disputou ombro a ombro com outros países governados por fascistas, como os Estados Unidos de Trump e a Índia.

É preciso dar ‘nome aos bois’, com diz o caipira. Bolsonaro está cometendo, desde o início da pandemia um genocídio, o ‘extermínio sistemático de um povo’.

Ao enorme drama, ao gigantesco sofrimento desta pandemia, que afeta o mundo inteiro, o Brasil agrega um presidente que faz seus melhores esforços para piorar nossa vida, aumentar nossos medos, para condenar à morte milhares de brasileiros. Bolsonaro é o lugar tenente da morte.

É sobre este nosso sofrimento que vamos aprender um pouco neste livro, e a luta permanente dos trabalhadores químicos em defesa de sua saúde, quer o risco seja físico, químico ou biológico como a Covid-19, que exige vacinação permanente.

Airton Cano,
coordenador político da Fetquim/CUT

Apresentação

Na apresentação desta pesquisa de estudo de casos entre químicos e petroleiros sobre Covid, feito com a parceria do NEVIS/UnB com a Fetquim-SP, mostrou o sofrimento que se abateu entre químicos e petroleiros que foram acometidos pela contaminação desse vírus mortal.

Até para que continuasse o combate à pandemia, inúmeras fábricas do setor químico e do petróleo tiveram de continuar operando para que não faltassem matérias-primas básicas para salvar vidas, mas centenas de trabalhadores foram contaminados. Aqui, neste estudo, é demonstrado a agonia e o sofrimento destes trabalhadores.

Lutamos para que os problemas dos trabalhadores fossem minimizados ao máximo, mas muitos tiveram de se deslocar às fábricas sem poder contar com transporte fretado, onde cobramos medidas de proteção efetivas. Ou seja, tiveram de se submeter à aglomeração do transporte público que continuou lotado oferecendo cada vez mais riscos para a continuidade da pandemia.

O pior de tudo foi a política da morte adotada pelo governo Bolsonaro que atrasou a vacinação, promoveu aglomerações e não deu exemplo para o distanciamento social. Pior induziu parte da população “à bruxaria”, como na Idade Média, de tratamento cientificamente ineficaz, como

foi demonstrado por diversas vezes na CPI da Covid que ocorreu no Senado no 1º semestre de 2021.

Nós da Fetquim, fizemos diversos alertas e divulgamos um manual do cipista para que se promovesse continuamente o distanciamento social e fossem adotados protocolos de distanciamento social permanente. Cobramos junto às empresas medidas de proteção, alertamos os companheiros de fábrica para que emitissem a Comunicação de Acidente do Trabalho (CAT) no caso de contaminação.

Enfim, esse livro, relata o sofrimento de companheiros que foram acometidos por uma doença desconhecida, e ao mesmo tempo devemos estar cientes do sofrimento constante dos riscos químicos e físicos que estão sempre presentes no local de trabalho.

Nossa luta continua a ser sempre em defesa da Saúde dos Trabalhadores de forma permanente!

André Henrique Alves

Secretário de Saúde da Fetquim-SP

PARTE 1

Premissas de um estudo de casos sobre Covid-19 e a revisão de literatura nacional e internacional

1 - Estudo de Casos sobre Covid-19 entre trabalhadores de serviços essenciais

Introdução

O presente livro e trabalho é resultado do estudo de 10 casos de trabalhadores, realizado entre maio e junho de 2020, durante a 1ª onda no Brasil da Covid-19, pela FET-QUIM/CUT e NEVIS/UnB (Núcleo de Estudos de Violência e Segurança, subgrupo de Saúde do Trabalhador da Universidade de Brasília). Esses trabalhadores entrevistados desenvolviam atividades operacionais essenciais no setor químico e de petróleo, em sua maioria no Estado de São Paulo e Paraná, pertencentes a sindicatos filiados à Fetquim/CUT, Sindicato dos Petroleiros do Litoral Paulista e Federação Única dos Petroleiros.

Objetivos do estudo de casos

O estudo de casos qualitativo de Covid objetivou investigar o histórico da contaminação de cada trabalhador quanto à suspeita da origem da contaminação se a fonte era comunitária laboral ou externa às empresas, seus sintomas físicos e psíquicos, suas relações familiares durante a quarentena, e ao mesmo tempo investigar se haviam sido tomadas medidas profiláticas iniciais ou posteriores nas empresas frente à contaminação.

Metodologia

A pesquisa foi feita por meio de estudo de casos (CODO, 2006)¹ na modalidade de uma entrevista em profundidade. Em decorrência do isolamento social devido à contaminação do Covid-19, essa entrevista foi feita por intermédio de uma plataforma digital, via aplicativo Zoom, de fácil comunicação. As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro estruturado conforme objetivos do estudo, sendo demandado principalmente o relato do sofrimento físico e mental e a origem causal do contágio e com os desdobramentos decorrentes da própria fala do entrevistado. Isso ajudou a colher dados que foram capazes de formar uma imagem do cenário da contaminação, sintomas físicos e psíquicos, medidas adotadas e reforçadas em virtude da contaminação, podendo servir de apoio para o aperfeiçoamento de políticas públicas e negociações sindicais.

Análise de dados

A análise dos dados das entrevistas foi composta de dois processos. No primeiro o conteúdo das entrevistas gravadas foi minuciosamente transcrita. Este processo muito trabalhoso, foi a melhor maneira de se analisar a fala dos sujeitos, propiciando uma visão da fonte de contaminação de cada caso, impactos familiares da quarentena, o sofrimento físico e mental da contaminação, medidas tomadas pelas empresas.

O estudo de casos propiciou também a criação de categorias e análise de conteúdo e discussão a partir da revisão de literatura nacional e internacional quanto à contaminação da Covid-19. Neste processo de análise foi utilizado o IRAMUTEQ, que incorporou o ALCESTE², software de Análise Lexical, quanto a temática do histórico da contaminação e os sintomas físicos e psíquicos percebidos pelos entrevistados.

2 - A Covid-19 e a reviravolta do pico da mortalidade das doenças infecto-contagiosas no Brasil e no mundo

Até o final de 2019, praticamente os dados epidemiológicos mostravam que no Brasil e no mundo a curva epidemiológica era descendente das doenças infecto-contagiosas em relação às demais doenças nos últimos 50 anos, e a pandemia estourou como uma hecatombe no mundo todo.

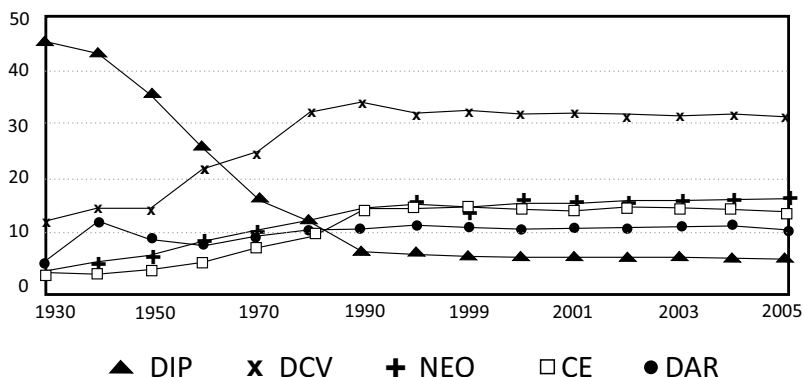
Com o surgimento desse novo vírus infecto-contagioso (Covid-19) em poucos meses houve um crescimento vertiginoso dos casos com centenas de milhares de mortos tanto no Brasil e no mundo, além de milhões de contaminados. No Brasil em 8 de agosto de 2020 os números de mortos por Covid-19 chegaram a 100.543 pessoas, e um ano após a primeira onda já chegávamos a ter mais de 520 mil mortos (julho 2021). Números esses que superavam outras grandes tragédias como: 40 mil mortos em 2019 no trânsito no Brasil; 90 mil mortos no primeiro impacto da bomba atômica em Hiroshima, Japão, em 1945; 50 mil brasileiros mortos na guerra do Paraguai no século XIX; e 42 mil pessoas assassinadas no Brasil em 2019.³ Houve uma parada brusca na economia em todo o mundo com a exigência de medidas sanitárias como o distanciamento social necessário. As consequências foram milhões de desempregados, colapsando grande parte da saúde pública, e exigindo medidas imediatas de proteção social e renda⁴.

Falava-se, até então, que as doenças infecto-contagiosas es-

tavam restritas com a ampliação das medidas profiláticas da vacinação e o desafio era como vencer as novas doenças da era industrial.

O quadro epidemiológico, no início do século XXI, mostrava a tendência de contenção das doenças infecto-contagiosas. Em 1930, por exemplo, como pode ser visto na figura do estudo de Lima Barreto e Hage Carmo⁵ (2007), com dados da Fio Cruz do Ministério da Saúde: 45,7% dos óbitos ocorridos nas capitais do Brasil eram decorrentes das doenças infecciosas e parasitárias (DIP), e em 2005 esse percentual correspondia tão somente a 5,2% (nove vezes menos). Na sociedade industrial as mortes em decorrência de doenças cardiovasculares (DCV) tiveram uma participação inversa: passaram de 11,8% (1930) para 31,5%(2005) (três vezes mais). As Neoplasias (NEO) cresceram, 4 vezes mais, de 4% (1930) para 16% (2005). As causas externas de mortalidade aumentaram 3 vezes, foram de 4% (1930) para 13% (2005) e finalmente as doenças do aparelho respiratório (DAR), dobraram, passaram de 5% (1930) para 11% (2005).

Mortalidade proporcional segundo grupos de causas selecionadas. Brasil e capitais (1930 - 2005)



Fonte: Fiocruz/Radis, Dados, nº 7, 1984: MS, Funasa.Cenepi - excluídas as causas mal definidas

O desafio é conter a reversão que já existia das doenças infecto-contagiosas. Exigirá novas parametrizações de vivência sócio-cultural-laborativa que impeçam os contágios e aglomerações muito comuns nas grandes cidades, centro comerciais, modo de produção intensiva de massa entre outras situações. Sem falar do grande esforço científico tecnológico em geral, além da solução profilática com um tipo de vacina específica, não esquecendo de outros tipos de vírus que estão atualmente latentes e poderão aflorar.

3 - Revisão da literatura nacional e internacional sobre a Covid-19

Importante conhecer o estado da arte de estudos e pesquisas que ocorreram até o momento e vão continuar de forma intensiva sobre a Covid-19 e de doenças infecto-contagiosas correlatas. Relatam-se nesta revisão os sintomas físicos e psíquicos em diversos países, referente à população em geral e principalmente de profissionais da área de saúde. São descritos os efeitos mentais relativos ao isolamento social decorrentes da quarentena. Inicialmente são apresentados as principais orientações referentes à Covid-19, quanto a sintomas em geral e medidas de proteção da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), Organização Mundial de Saúde (OMS) e a CDC americana, entre outros estudos em andamento e até um pequeno histórico da gripe espanhola no início do século passado.

Histórico da gripe espanhola em Portugal

Rebello de Andrade e Felismino⁶ (2018) relatam a história da gripe espanhola em Portugal em 1918, há mais de cem anos atrás, e documentos da época mostraram que as aglomerações foram um dos principais motivos da expansão da contaminação.

A gripe espanhola em Portugal grassou entre 1918 e a primavera de 1919 em três ondas sucessivas. Na época o vírus influenza não fora identificado e não existiam anti-

bióticos, e lançaram inúmeros desafios profiláticos e terapêuticos às autoridades sanitárias.

As aglomerações provocadas por “acampamentos militares e hospitais superlotados e a proximidade nos campos de treino, nos alojamentos e nos cenários de guerra (havia a 1ª guerra mundial) foram também propícios à transmissão rápida da doença” (p.77)⁶. Já em 1918 aconselhavam a lavar as mãos e usar máscaras. Segundo o médico brasileiro Henrique Aragão, do Instituto Oswaldo Cruz (Brasil), “a doença não era de origem bacteriana e o vírus era de curto período de incubação, além de extrema difusibilidade e contagiosidade.” (p. 82)⁶

As terapias usadas na época foram sintomáticas, assim como nos dias atuais da Covid-19. Havia a proibição de visita aos internados, porém não houve em nenhum momento o fechamento de escolas, teatros e fábricas. Pois o Diretor Geral de Saúde de Portugal na época afirmava que a vida econômica devia continuar: “No seu entender, nenhuma medida de fecho ou isolamento podia conter o contágio de um vírus como o de 1918”. (p.87)⁶

“A investigação laboratorial, iniciada em 1918-1919, lançou bases sólidas para a identificação do vírus influenza na década de 1930, apontando para a origem viral da gripe” (p.89)⁶

Orientações da OMS, OPAS e CDC americana quanto à Covid-19

A Organização Mundial da Saúde(OMS)⁷ em seu site especificou inicialmente como sintomas mais comuns da Covid-19: Febre, tosse seca, cansaço. Informou também como sintomas menos comuns: dores em geral, dor de garganta, diarreia, conjuntivite, dor de cabeça, perda de paladar e/ou olfato, erupção na pele e descoloração dos dedos das mãos e pés. Alertou no entanto que os sintomas mais sérios seriam: dificuldade de respiração ou falta de ar, dor ou pressão no peito e perda da fala ou movimentos.

A Organização Panamericana de Saúde (OPAS), organização regional da OMS para as Américas, em sua folha informativa⁸ foi mais extensiva quanto à Covid-19. Referenciou inicialmente os sete tipos de coronavírus existentes identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus com o nome de SARS-CoV-2, o Covid-19. Em 11 de março de 2020 foi declarada mundialmente a pandemia da Covid-19. Basicamente acrescenta além dos sintomas informados pela OMS a congestão nasal.

A OPAS recomendou como proteção as máscaras cirúrgicas ou de pano para contenção do vírus para trabalhadores da área de saúde, pessoas com mais de 60 anos, pessoas em qualquer idade portadoras de comorbidades, como doença cardiovascular ou diabetes, doença pulmonar crônica, câncer, doença cerebrovascular e imunossupressão. Ao mesmo tempo a própria OMS recomendou os governos a incentivarem a população em geral a usar máscaras não cirúrgicas de tecido, de três camadas, para melhorar a filtração e reter as gotículas. Informava também que não considerava o uso de cloroquina e hidrocloroquina como medicamentos eficazes e seguros no tratamento e combate à Covid-19.

O Centro e Controle de Prevenções em Doenças (CDC)⁹, americana, por sua vez detalhou um pouco mais os sintomas da Covid-19: Febre ou calafrios, tosse, respiração ofegante ou dificuldade de respirar, fadiga, dores do corpo ou musculares, dor de cabeça, perda de olfato ou paladar, dor de garganta, congestão nasal ou nariz escorrendo, náusea ou vômitos e diarreia. Relacionou também sintomas mais graves em que deve ser procurado um hospital: dificuldade de respirar, dor persistente ou pressão no peito, confusão (mental), incapacidade de ficar acordado ou estar acordado e lábios e faces azulados.

Problemas, Sintomas físicos e comorbidades

- **Complicações cardiovasculares**

DRIGGIN¹⁰ et al (2020) relatam que a Covid-19 apresenta significantes implicações em pacientes em geral com problemas cardiovasculares, sendo que estes pacientes têm riscos elevados de doenças e mortes. A infecção da Covid-19 associadas a múltiplas complicações cardiovasculares podem resultar em lesões do miocárdio, miocardites, arritmias e tromboembolismo venoso.

- **Distúrbios do olfato e paladar**

GIACOMELLI A, PEZZATI L, CONTI F, et al. (2020)¹¹ realizaram pesquisa entre 59 pacientes internados por Covid-19 no Hospital L. Sacco em Milão na Itália e constataram que 20 (33,9%) relataram pelo menos falta de paladar ou olfato e 11 (18,6%) ambos. Doze pacientes (20,3%) apresentaram os sintomas antes da internação, enquanto oito (13,5%) apresentaram os sintomas durante a internação. As alterações do paladar foram mais frequentes (91%) antes da internação, enquanto que após a internação, o olfato e o paladar apareceram com igual frequência. Os pesquisadores constataram também em sua revisão de literatura que esse fenômeno ocorre em infecções virais, e afirmam que os pesquisadores chineses WANG et al (2020)²⁴ descuidaram-se ao não descrever esses efeitos.

Outro estudo em 12 hospitais europeus, situados na Bélgica, França, Espanha e Itália, com 417 pacientes que tiveram Covid-19 confirmada, 85,6% e 88% dos pacientes relataram disfunções olfativas e gustativas (LECHIEN JR, CHIESA-ESTOMBA CM, DE SIATI DR, et al., 2020)¹² entre outros sintomas e sem outras queixas significativas ou apresentar concomitantemente sintomas nasais. O estudo concluiu que a súbita anosmia (perda de olfato) ou ageusia (perda de paladar) precisam ser reconhecidas pela comunidade científica internacional como sintomas importantes da infecção por Covid-19.

O estudo EpiCovid-BR da Universidade Federal de Pelotas -RS¹³, Brasil, que testou e entrevistou 89.397 pessoas, entre os dias 21 e 24 de junho de 2020, em 133 cidades de todos os estados do Brasil, detectou 2.064 infectadas pelo coronavírus. Dentre os infectados, os sintomas relatados com mais frequência foram as alterações em olfato e paladar (62,9%) e a dor de cabeça (62,2%).

Proteína ACE 2 facilitadora da entrada da Covid-19

XU H., ZHONG,L.; DENG J. et al. (2020)¹⁴ demonstraram, entre outros pesquisadores, a relação entre a proteína ACE2 com os mecanismos de entrada de alguns coronavírus, como o HCoV-NL63, o SARS-CoV e o novo SARS-CoV-2 (causador da Covid-19). O ACE2 está presente na mucosa da cavidade oral e é um risco potencialmente alto para a suscetibilidade infecciosa para a Covid-19.

Problemas mentais e Sintomas psíquicos

- **Depressão, ansiedade, estresse, distúrbio do sono, raiva e medo**

Uma revisão de estudos de RAJKUMAR, R.P.(2020)¹⁵, referentes à população em geral e de trabalhadores da área de saúde de 28 publicações revisadas, sendo 64% chinesas, demonstrou preliminarmente que as reações psíquicas autodeclaradas frente à Covid-19 mostram que os principais sintomas são ansiedade e depressão (entre 16 a 28%), e estresse (8%) e podem estar associadas a distúrbios do sono. Em uma publicação canadense de Asmundson e Taylor (2020)¹⁶ revisada, mostra a ansiedade excessiva sobre saúde frente à imprecisão e exagero de informações na mídia referente à Covid-19.

A ansiedade também se exacerbou em Wuhan, na China, epicentro do primeiro surto de Covid-19, que cresceu desde

a primeira morte, incrementado pela mídia (imprensa) e a escalada contínua de novos casos, segundo relato de RUBIN G.J. e WESSELY S. (2020)¹⁹.

Pesquisa sobre a população em geral realizado por WANG, C et al. (2020)²⁴, no estágio inicial do surto de Covid-19 na China, entrevistou 1210 sujeitos de 194 cidades. No total, 53,8% dos entrevistados classificaram o impacto psicológico do surto de Covid-19 como moderado ou grave; 16,5% relataram sintomas depressivos moderados a graves; 28,8% relataram sintomas de ansiedade moderados a graves; e 8,1% relataram níveis de estresse moderado a grave.

YAO, H; CHEN, J-H; XU, Y-F. (2020)²⁵, relatam que os 171 milhões de chineses que têm distúrbios mentais e necessitam de assistência constante, estão mais sujeitos à pandemia com medo, ansiedade e depressão.

Em outro estudo Chinês (HUANG JZ, HAN MF, LUO TD et al., 2020)²⁶, a incidência de transtorno de ansiedade e estresse foi alta entre a equipe médica. Os enfermeiros/enfermeiras tiveram incidência maior que a dos médicos.

Relato de KANG L, LI Y, HU S, et al. (2020)²⁷ mostra que os profissionais de saúde em Wuhan na China, estiveram submetidos a uma enorme pressão, incluindo o risco de infecção, inadequada proteção, sobrecarga de trabalho, frustração, discriminação, isolamento, pacientes com emoções negativas, a falta de contato com suas famílias e exaustão. Tiveram como problemas estresses, ansiedade, depressão, insônia, negação, raiva e medo.

- **Medo, comportamento de pânico e histeria**

RAJKUMAR, R.P.(2020)¹⁵, cita estudo de pesquisadores japoneses, coordenado por Shigemura et al (2020), que os impactos econômicos da Covid-19 têm efeitos sobre o bem estar das pessoas provocando elevados níveis de medo e comportamento de pânico entre a população.

A maioria dos profissionais de saúde que trabalhavam na

China em unidades de isolamento ou em hospitais não receberam treinamento para manter sua saúde mental. O medo tem sido uma consequência da quarentena em massa, segundo os pesquisadores LIMA CKT, CARVALHO PMM, LIMA IAAS, et al.(2020)¹⁸

As medidas de *lockdown* em Wuhan, na China, geraram pânico, criando um sentimento de fim do mundo, hospitais sobrecarregados e escassez de alimentos devido a pandemia. Ao mesmo tempo o confinamento causou uma sensação de histeria coletiva para as equipes de trabalho na área de saúde, isso também ocorrera no surto de Ébola na África em 2014 (RUBIN G.J. e WESSELY S, 2020)¹⁹

O medo geral da população foi objeto de pesquisa no Brasil pela DATAFOLHA³³, cujo resultado mostrado em 29.06.2020 mostrou que 47% de toda população brasileira dizia estar com muito medo da Covid-19 e outros 31% com um pouco de medo em relação à Covid-19. Esse dado divulgado mostrou que 78% da população estava impactada pelo fenômeno do medo.

- **Risco de infecção, longas horas de trabalho, carência de equipamentos de proteção, solidão, fadiga física e separação da família.**

Em estudo revisional sobre trabalhadores da área de saúde, de RAJKUMAR, R.P.(2020)¹⁵, o mesmo cita Kang et al (2020)²⁵ e adverte quanto aos significativos riscos da saúde mental quando trabalhadores de saúde são submetidos a longas horas de trabalho, risco de infecção, falta de equipamentos de proteção, solidão, fadiga física e separação da família.

- **Estigma, coronofobia e xenofobia**

Estudantes chineses no exterior sofreram estigma pelo fato de serem identificados como o primeiro país onde surgiu a Covid-19, sofrendo ansiedade e estresse, segundo RAJKUMAR, RP (2020)¹⁵.

O surto de Covid-19, segundo ASMUNDSON, GJ.G e

TAYLOR, S. (2020)¹⁶ com a falta de informação, o sensacionalismo e manchetes midiáticas alimentaram medos e fobias relacionadas à saúde agravando a situação de saúde dos contaminados provocando a coronofobia.

AGUILERA, J (2020)¹⁷ descreve a exacerbada xenofobia em relação aos chineses que foram o foco inicial do surto de coronavírus.

Pesquisa realizada em 2003, por KOH D, LIM M.K, CHIA S.E et al. (2005)²⁸, durante o surto de SARS com 10 mil sujeitos em Cingapura mostrou também o estigma social da população: 49% da pessoas evitavam profissionais de saúde, e outros 31% evitavam familiares da área de saúde, inclusive proibindo que seus filhos brincassem com familiares desses profissionais. Ao mesmo tempo 69% de profissionais de saúde sentiram que as pessoas estavam preocupadas na aproximação pelo fato de poderem ser infectadas.

Sentimento de culpa e *burnout*

ARANGO (2020)²³, da Espanha, frente à demanda exponencial da Covid-19 em Madrid descreve a vivência psicológica que o profissional de saúde enfrentou: um trauma agudo, e que independente de seu desempenho no trabalho não há recompensa, apenas punição, mais pacientes e mortes. Os profissionais sentem culpa por não poderem ajudar seus colegas e na maioria dos casos terem infectado suas família, especialmente quando envolve parentes idosos com terríveis consequências.

Os pesquisadores chineses, XIANG, Y. T., JIN, Y., WANG, Y., ZHANG, Q., ZHANG, L., & CHEUNG, T. (2020)²⁹, relatam que a sobrecarga em atender aos pacientes nos casos de Covid-19 podem levar à equipe de saúde ao *burnout*, e à exaustão física e mental.

Suicídio e a ideação suicida na quarentena

Estudo no Canadá, com 1057 sujeitos confinados em decorrência da Epidemia de SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) apresentou que 20% tinham medo, 17% tristeza, 10% culpa. Havia dependentes de álcool, estresse pós-traumático com surgimento de ideação suicida, comorbidade depressiva e sintomas dissociativos, segundo CONEJERO I, BERROUGUET S, DUCASSE D, et al.(2020)²⁰. O distanciamento social e a quarentena podem incrementar um sentimento de desconexão social para pessoas com maior vulnerabilidade individual, como idosos, profissionais da área de saúde, que detém 5 vezes mais risco de suicídio do que os demais, e pessoas jovens com precariedade econômica, entre outras. Medidas como a Avaliação Ecológica Momentânea (EMA) via inteligência artificial e o protocolo de vigilância anti-suicida na França, o Vigilans, que atende aqueles que tenham ideação suicida poderão prevenir essas situações. A crise da Covid-19 poderá agravar ainda mais a questão do suicídio.

Nos Estados Unidos REGER M.A, STANLEY I.H, JOINER T.E. (2020)²¹, alertam que o período de isolamento social, internações e solidão são propícios a um maior risco de suicídio. Também afirmam que a desaceleração da economia está associado a uma maior taxa de suicídio. O fechamento de igrejas e centros comunitários contribuem para um maior isolamento social e conseqüentemente ao risco de suicídio. A redução de atendimento à saúde, o estressor das notícias negativas, a exposição intensiva de profissionais da saúde à contaminação e ao estresse, entre outros fatores devem propiciar medidas de proteção para a mitigação da ideação suicida. As medidas protetivas devem ser de distância física, mas não de distância social. Utilização de meios telemáticos para implementar a saúde mental. Incrementar o atendimento à saúde e não ampliar o isolamento e oferecer maior atendimento e atenção aos que estão sujeitos aos riscos do suicídio.

Sintomas neuropsiquiátricos

TROYER, E. A., KOHN, J.N, HONG, S. (2020)²² afirmam em artigo que pandemias passadas tem demonstrado diversos tipos de sintomas neuropsiquiátricos como encefalopatia, alterações de humor, psicoses, disfunção neuromuscular ou processos desmielinizantes. A Covid-19 é um significativo estressor psicológico que provoca o medo da doença, incerteza e ansiedade quanto ao futuro, estresse e vários tipos de desordens, e é necessário ter um robusto programa de saúde mental para o público em geral e principalmente para os profissionais de saúde.

Máscaras cirúrgicas como proteção contra aerossóis

Com base no rastreamento de contatos, 41 profissionais de saúde foram identificados como expostos a procedimentos de geração de aerossóis por pelo menos 10 minutos a uma distância inferior a dois metros do paciente, ao terem tratado um paciente de Covid-19 na China. Nenhum dos profissionais de saúde expostos desenvolveu sintomas, e todos os testes de PCR foram negativos. O fato de nenhum dos profissionais de saúde nessa situação ter adquirido infecção sugere que máscaras cirúrgicas e N95, higiene das mãos e outros procedimentos padrão os protegiam de serem infectados (Kangqi, N. G et al., 2020)³⁰.

Sequelas de contaminados por Covid-19

- **Autópsias neurológicas de mortos por Coronavírus**
SOLOMON, I.H, NORMANDIN, E, BHATTACHARYYA, S. et al. (2020)³¹, relatam os achados neuropatológicos de autópsias de 18 pacientes consecutivos com infecção por Covid-19, que morreram em um único hospital de ensino entre 14 e 29 de abril de 2020. O exame microscópico mostrou lesão hipóxica (baixo teor de oxigênio) aguda no cérebro e ce-

rebelo em todos os pacientes, com perda de neurônios no córtex cerebral, hipocampo e camada celular Purkinje (cerebelo), mas sem trombos ou vasculite.

- **Estudo em andamento de sequelados no Hospital das Clínicas e Incor – SP**

Pesquisa de cerca de 2 mil pacientes, após infecção de Covid-19, vai investigar no Hospital das Clínicas e no Incor em São Paulo possíveis sequelas de contaminados. Observará a recuperação da parte respiratória, fraqueza muscular, problemas nefrológicos (rins) e a recuperação neurológica do olfato e paladar. Parte do projeto fará estudos anátomo-patológicos, com tomografia, ressonância e biópsia – para identificar comprometimento da Covid em órgãos vitais (GIRARDI, C., 2020)³².

- **Estudo nos Estados Unidos mostrou que a Covid-19 deixou sequela em saúde em 25% dos casos.**

Entre fevereiro e dezembro de 2020 o FAIR HEALTH americano, entidade de saúde sem fins lucrativos, constatou que 23,2% dos americanos contaminados por Covid-19 voltaram 30 dias depois da infecção queixando-se de outros problemas de saúde. Das 450 mil infectadas que tiveram problemas, 100 mil delas relataram dores e inflamações dos nervos. Os que apresentaram problemas declararam dificuldades respiratórias, colesterol alto, mal-estar geral e fadiga, além de problemas intestinais, enxaquecas, infecções de pele, anomalias cardíacas, distúrbios de sono e distúrbios de saúde mental. Os doentes crônicos não foram incluídos neste estudo ³⁴.

PARTE 2

A narrativa de 10 contaminados por Covid-19 em serviços essenciais

1. O sofrimento na contaminação junto à família

Trabalhador químico, 36 anos, casado, com dois filhos, relata o sofrimento físico e mental na contaminação por Covid-19, entre abril e maio de 2020, no âmbito familiar e laboral. O isolamento na quarentena familiar seguindo protocolos sanitários. As medidas reforçadas de proteção e distanciamento social na empresa, e a solidariedade dos colegas.

A percepção inicial da contaminação

A contaminação deu-se em uma unidade de Saúde, onde trabalhava a esposa do trabalhador químico, e propagou-se em âmbito familiar, com os sintomas característicos de gripe, dores no corpo e a falta de paladar.

“Pra mim foi simultâneo tanto o contágio da minha esposa como o meu. A gente começou a apresentar os sintomas. Dias depois estava pesando o corpo e tal. E aí tive sintomas gripais, dias depois estava pesando o corpo e tal. Aí fui sentindo uma gripe mesmo e depois sentindo um pouco mais, e minha esposa que ficou mais e aí ela foi pro hospital. Internou e ela fez exame. Depois que ela fez exame, eu não sentia paladar. Como o exame dela deu positivo (para Covid-19). Pedi pra fazer o exame também, aí fiz o exame e deu positivo.”

“A minha esposa, ela trabalha no sistema de saúde, numa Unidade Básica de Saúde, numa UBS (...) lá ela estava trabalhando na rede pública. Aí realizaram alguns exames na UBS onde ela trabalhava. Algumas pessoas foram afastadas por causa disso (contaminação por Covid-19), deu positivo e foram afastados”.

“Foi afastada e tinha gente afastada. Eles afastaram então preventivamente, mas não tinham feito exame ain-

da, porque na rede pública não tem exame.... e aí depois acabou afastando e fizeram. Depois quatro pessoas foram testadas e aí foram afastadas.”

Os dolorosos sintomas físicos da Covid-19, a internação da esposa, exames no hospital e medicação

A descrição dos sintomas físicos sentidos pelo trabalhador e pela sua esposa. A hospitalização da esposa e a realização de exames que confirmaram o diagnóstico de Covid-19.

“Começou como se fosse uma gripe forte mesmo. Estava sentindo muita dor no corpo, dor nas costas, muito próximo do pulmão e dor. A sinusite estava muito atacada e muito forte. Tanto que o sintoma que mais demorou para passar foi a sinusite, quase 14 dias com sinusite. Perda de paladar, e não cheguei a ter febre. Eu não tive febre não!”

“A minha esposa teve uma queda de temperatura: A temperatura dela caiu. Ela chegou quase a 34 graus. Aí eu levei ela para o hospital nesse dia. Ela estava com pneumonia. Ela fez uma tomografia, e aí identificou pneumonia e aí decidiu internar. (...) O atendimento foi rápido. Em menos de uma hora fizeram tomografia e saiu o resultado e disseram que tinha de internar.”

“Eu passei no mesmo dia no hospital. Aí eu fiz as tomos (tomografias) também, só que o meu pulmão não deu nada. Não deu nada. Daí eu tratei só em casa. Fiquei só em casa, em casa só de repouso.”

Confirmação dos resultados de Covid-19

“A médica me falou: “Como tua esposa tinha feito os exames, e já testou positivo e apresentou os mesmos sintomas, eu vou te afastar, você já tem Covid. Você tem. Só não posso fazer exame, por que com certeza você tem. Porque pra fazer exame é só internado no hospital.” Então, aí ela já me afastou por Covid mesmo. Daí eu só fui ter confirmação na outra segunda feira (sete dias depois). É daí minha es-

posa teve alta. Aí então ela fez o exame, saiu o resultado, e aí ela saiu de alta. E aí na quinta-feira realizei exame, e aí saiu o resultado (positivo) só na outra 2ª feira”.

Um dos principais sintomas sentido pelo trabalhador foi dor no corpo e dor nas costas. Anteriormente já tinha sido acometido por pneumonia, e estava com uma forte dor de cabeça, devido estar acometido por uma sinusite.

“Dor no corpo, acho que foi o principal, entendeu! Gripe e tal quando fui para o hospital. Dor principalmente na região das costas (e aponta com a mão o peito), sentindo o pulmão aqui. Porque eu já tive pneumonia, bem parecido quando eu tive pneumonia!”

“Outra vez quando era mais jovem tive pneumonia sim. A dor era bem parecida”.

“Por causa da sinusite (esfregando a mão na cabeça). Com a sinusite dói a cabeça toda, ao menos pra mim. O quadro tinha se agravado já... qualquer coisa com a sinusite e aí dói muito a cabeça. E aí a dor de cabeça foi constante ao menos por dez a doze dias”.

“Olha foi ao menos uns 12 dias que tive dor de cabeça todo dia. Até terminar a medicação do antibiótico, estava com dor de cabeça, e depois a dor passou.”

Relata também a falta de paladar, e não ter tido nenhuma comorbidade.

“Você não consegue (ter) paladar. Não sentindo gosto, constante. Isso foi constante com dor de cabeça. Sim, foi até curar!”

“Nunca tive problema nenhum de doença, não! Nunca fui fumante!”

Descreve a seguir a medicação específica e o tratamento de saúde feito, do trabalhador e sua esposa.

“Eu tomei um antialérgico que era o Allegra, e o antibiótico que era o Zinat, que tomei. Minha esposa tomou outras medicações, não sabia quais foram. Ela tomou dois antibióticos, inclusive o Zinat também e agora tomou outros medicamentos também”.

“Minha esposa só tomou medicação (Não esteve na

UTI ou foi intubada). Foi internada preventivamente para poder medicar ela para ficar um pouco mais forte. E aí, como ela tinha, também um coágulo de problema circulatório, ela tomou anticoagulante. (...) Ela já tinha tomado antes já durante a gravidez anticoagulante, ela tomou lá também no hospital.”

O sofrimento mental na contaminação

O sofrimento mental devido o medo e a ansiedade pelo fato da filha pequena ficar desamparada na amamentação, pela esposa estar internada em isolamento e por estar em tratamento sem poder acompanhá-los presencialmente. O forte sentimento de culpa em repassar o contágio para familiares próximos e colegas de trabalho.

“Primeiro (sentimento) foi, o principal foi o medo, porque a minha esposa estava internada, pensava que fosse uma coisa pior e tal. Mas também aqui fora, como aqui eu estava, em casa e tal, e eu tenho uma filha pequena, ela está sendo amamentada ainda. Ela só toma leite materno, porque ela tem alergia à proteína do leite. Então quando aí minha esposa foi internada, ela tinha um pouco de estoque de leite, porém esse estoque já estava terminando. Se ela ficasse mais tempo internada, muito provavelmente ela ia ter problema. (...) Graças a Deus ela saiu logo e deu certo.”

“Ah, a gente fica pensando assim. Se acontecer alguma coisa. Como que vou fazer, deixar minha esposa de lado (não). O que eu vou fazer. Passa um milhão de coisas pela cabeça. E você fica meio assim. O mais complicado é que você não pode ter contato. Todos os dias que ela ficou internada, o máximo que você pode fazer é uma chamada para poder ficar com ela. De resto não pode fazer nada. Não pode fazer muito porque está no hospital. E aí você sem contato, o que fazer com teus filhos. Você não sabe o que fazer se fizeram alguma coisa errada. Passa muita coisa na cabeça! (passando a mão pela cabeça meio se descabelando)”.

“Daí bastante pessimismo, desânimo e ansiedade, principalmente porque ainda mais, onde você está em um grupo familiar que você está totalmente fora disso e você não tem a esposa do teu lado que te apoie, é bem complicado.”

Perguntado na entrevista se entre a falta de vontade, indecisão, ansiedade, desânimo, o que foi mais forte. Respondeu:

“A ansiedade! A ansiedade, por causa, de todo o contexto, por causa da minha filha, por causa da minha esposa. E aí, assim é a ansiedade não é uma coisa que... e não é uma coisa que possa resolver, tem de esperar, é ela se resolve sozinha, e isso é mais difícil”.

A ansiedade estava junto a um sentimento de angústia e relata a psicodinâmica dessa preocupação naquele momento.

“É que tudo é controlado mais, você não sabe. Ah como vai sair não vai sair (do hospital em relação à esposa). Ela iria ter alta e aí não saiu. Aí teve um surto de caso febril, e aí a alta dela deixaram mais um tempo no hospital. Ela sairia na 3ª feira, aí ela acabou não saindo, e isso aí gera isto (angústia). Aí fica aguardando, ah tomara que ela saia hoje, como é que ela sai, e aí acaba não saindo. Angústia sempre vai ter.”

Um dos sofrimentos era o sentimento de culpa, devido a esposa estar internada e a filha lactente do casal estar sendo cuidada por uma parente que poderia estar sujeita ao contágio devido trânsito permanente junto à sua casa.

“Uma das coisas que me preocupou, é assim, a minha filha, pequena ela fica com uma parente. E como ela ia sempre buscar lá direto ela estava em contato direto com a minha filha, e ela é uma pessoa de idade, mais de 60 anos. Então por causa disto, a gente ficou muito preocupado por ela. Porque tive (a contaminação) e o fato de ter em casa o caso com pessoas jovens novas. Só que os idosos são as pessoas que mais sofrem. E aí como a gente, que acaba carregando a culpa, porque, vai que de repente matei minha parente por exemplo. Por causa

dela cuidar da minha filha. Aí isso aí foi uma coisa que pesou muito quando eu tive. Eu entrei em contato com um médico que é médico de serviço lá. Quando eu fui fazer o exame, pedi pra que se ele pudesse pra fazer o exame de minha parente também. Aí fez o pedido do exame da minha parente e a gente ficou torcendo, porque eu já tive. Por sorte, o dela deu negativo. Aí o dela deu negativo, e o meu deu positivo, graças a Deus! E aí foi uma coisa que me tirou um peso das minhas costas, enfim pra mim foi a parte mais difícil. Não só de você ah, ah...a sua situação de que está resolvido o problema, principalmente você de contaminar uma outra pessoa, e uma pessoa que a gente era muito querida e pensava assim que falecesse. Você entendeu?!”

O tormento do sentimento de culpa se manifestou da seguinte forma:

“Ah de você sem saber você prejudicar uma pessoa e você contaminou ela e ela talvez não reagisse à doença igual a você. Enfim, uma coisa é você pensar em você e de repente acontecer alguma coisa e se prejudica, agora quando no caso você prejudicar uma outra pessoa isso é mais complicado, né. Graças a Deus não aconteceu.”

A quarentena familiar e os protocolos observados entre os familiares

“Então, os dias que minha esposa ficou internada, quem ficou com a nenê foi a minha parente. Agora depois minha esposa teve alta, por causa da amamentação ela ficou com a nenê. Aí a gente usou máscara, ficamos confinados em casa e o meu filho ficava lá no quarto. Aí a gente dormia normal, mas separado. Cada um no seu canto. Separava a louça, separava tudo. Mas a gente se mantinha dentro de casa mesmo. Não saía de casa. Cada um ficou no seu quarto. Eu, minha esposa, meu filho e minha filha. Cada um dormia no seu quarto (esposa), eu dormia na sala e o meu filho no quarto”.

A separação entre todos e os protocolos de segurança com louça separada e utilização de banheiro durou 14 dias.

“E aí depois de 14 dias a minha esposa voltou a trabalhar.(...) Dia 27 voltou a trabalhar. E a gente voltou na outra semana, que é dia 4/5. Mas depois do confinamento dos 14 dias, voltou ao normal. A gente não tinha problema nenhum e estava tudo certo. Começou a trabalhar normal”.

Protocolos na empresa em decorrência da contaminação e medidas adotadas

Já haviam sido tomadas medidas que foram ampliadas no interior da empresa para que a contaminação desse caso externo não se alastrasse no interior da fábrica. Houve afastamentos preventivos de trabalhadores que tiveram contato com o trabalhador químico contaminado.

“Antes mesmo, dos sintomas, a empresa afastou. Quando levei a minha esposa, e ela foi e já fizeram o afastamento antecipado. E aí depois a gente foi ver que ela estava, foi feito e tinha dado positivo o exame.”

“Tem sintoma já estão afastando. Na verdade é assim: o risco dois, que tem é que é preciso tocar a planta, então afastam com qualquer princípio. Só com isso aí estão podendo fazer de ficar 15 dias* em casa. (*Houve acordo sindical com a empresa em disponibilizar 5ª turma de trabalho, uma turma reserva em *stand-by*, enquanto as demais 4 turmas se revezavam nos turnos ininterruptos). Tendo a possibilidade de chamar a pessoa em casa, tal. Então, por causa disso, só tem sintoma, já estão afastando a pessoa, então estão fazendo isso pra evitar qualquer coisa.”

“É assim, o protocolo, é o seguinte. Afastando um, todas as pessoas que ficaram próximas a você, estas pessoas tendo sintomas ou não, elas fizeram exames pra testar pra Covid. E essas pessoas todas as que estavam no meu turno, todas elas o resultado deu negativo. (...)

Se não me engano, acho que foram seis pessoas, que fizeram exame lá, no primeiro momento. (...) Como nosso turno já estava saindo de folga então, a gente ia pegar esse período de 14 dias. Então o turno todo ficou 14 dias de quarentena.”

“Por que na verdade, a gente, quando eu estava no diurno, a gente ia trabalhar esse diurno e ia trabalhar mais dois dias à noite, e a gente saía de folga. Por que essa folga de 14 dias, essa folga era um período de escape (acordo de uma turma em *stand-by*), esses 14 dias. E aí foi o dia exatamente um período coincidente. Quando a gente saiu estava todo mundo desse jeito, o turno inteiro.”

O clima na empresa estava tenso em decorrência da contaminação, porque até familiares de colegas tinham falecido, além da angústia em contaminar alguém.

“Ah o clima já estava um pouco assim... um pouco tenso! Não só por mim, mas por causa do que está rolando no mundo (devido a Covid-19). Tem muita gente assim, que está pegando o corona (Covid-19) e assim é. E tem caso que a gente tem trabalhado recente. Porque é um caso da filha de um colega nosso também que faleceu jovem.”

“Ah outra coisa... e quando eu estava afastado fiquei preocupado. Por que é assim. Como eu falei, uma coisa é você ser contaminado com você sem problema. Uma coisa é você ter angústia por ter por acaso, poder ter contaminado alguém, uma outra pessoa, e um colega de trabalho e tal. E isso é bem complicado!”

Novos procedimentos foram adotados na empresa no retorno ao trabalho após a contaminação.

“E essa volta aqui, a gente tem de tomar mais cuidado. E aí quando eu voltei já. Aí já, a partir daí, aí foi a verificação de cuidados. A gente foi o primeiro caso lá. Aí quem estava trabalhando na sala de controle, (enumerando) tem de utilizar (trabalhar) protetor facial. Aí eles adotaram outras medidas prá liberação

de documentos, que a gente tinha muito contato com pessoas, na área de processos. E aí essa coisa toda mudou demais. Inclusive, até modificaram o “lay out” da própria sala de controle para poder manter as pessoas mais espaçadas.”

“Na ocasião em que eu estava infectado, eu estava trabalhando na sala de controle. Aí depois... nessa semana (quando do retorno da quarentena) eu trabalhei na área (externa), mas trabalho na sala de controle”.

Houve intensificação da higienização na sala de controle e utilização das máscaras faciais o tempo todo. Não sabe se houve um cuidado a mais em vista da purificação maior do ar condicionado.

“Agora a respeito do ar condicionado e eu não tenho que dizer se teve um cuidado a mais. A respeito da sala de controle, e outras medidas como limpeza, aí a própria higienização do EPI, que o pessoal começou a usar protetor facial e a máscara o tempo todo. Isso aí foi muito sentido, bastante. Teve muitas mudanças, como a higienização antes de começar a trabalhar. A gente já vinha fazendo a higienização. Aí quando já teve o meu caso, aí que então a gente já está se banhando em água”.

“Então as máscaras elas já tinham. O caso do protetor facial a gente já tinha, porque como no trabalho dos fornos eles utilizavam. (...) Então a gente tinha que usar realmente protetor facial depois do meu caso mesmo.”

“A gente estava tomando (medidas protetivas), mesmo antes disso acontecer (vírus). Limpeza tanto do teclado e controles a gente mesmo estava fazendo. A gente limpava com álcool desde quando a gente chegava, e quando saía, onde a gente estava pondo a mão. Talvez isso, foi de ter ajudado a não ter mais casos. A gente estava cuidando da limpeza. Desde quando chegava lá. Chegava de manhã a primeira coisa que fazia. Passava álcool por tudo: teclado, mouses, telefone, mesa, limpava vidro, limpava a mão, entendeu. Porque além da gente, se não fazia a limpeza, a gente fazia (limpeza) até pra não piorar a contaminação.

Atenção da empresa e solidariedade dos colegas na contaminação

“Toda a parte de relações do trabalho (recursos humanos) eu vou falar pra você porque vi que estava muito preocupado. Inclusive todos os dias sempre estavam fazendo contato que eles tem como setores específicos para cuidar disso aí.(...) Eles estão fazendo acompanhamento de saúde. Eles ligavam todo dia para saber como você está, sempre sentindo, também estavam sempre dando bastante atenção. E aí quando a gente voltou fizeram um registro de boas vindas e tal. Foi bem legal. Assim a gente se sente um pouco mais parte nisso aí. Eles estavam preocupados com isso. Meus amigos também boa parte também. Ligando, conversando pelo whatsapp, perguntando se eu estava bem. Se precisava de alguma coisa. Isso é uma coisa muito importante (sentir-se valorizado pela empresa). Pelo menos ainda tem pessoas que se importam ainda.”

“Muitos deles (colegas) ligaram e mandaram mensagem de como você está, se estava se sentindo bem. Mas assim, como muitos, preocupados porque ficava isolado. Passei 14 dias isolado e não saí pra nada! Então você ficando assim. E aí as pessoas perguntando querendo saber, se precisava de alguma coisa, dando força, realmente uma coisa muito diferente.”

2 . Medo frente à morte com a intubação

Trabalhador químico, 47 anos, divorciado, um filho. Narra a contaminação por Covid-19, devido aglomerações na empresa que atingiu diversos colegas. Relata o grande sofrimento físico e mental em decorrência da internação, intubação e quarentena devido a doença. Descreve as medidas de prevenção e proteção tomadas na empresa depois desse período de contágio nos meses de abril e maio de 2020.

O início da contaminação e os sintomas físicos

Notou o processo de contaminação no domingo 19/4. Entrara em folga após a jornada diurna de turno e sentiu uma gripe pesada, estava cansado, com muita dor de cabeça e disse para sua parente que não estava bem e começou a tomar antigripal e antipirético.

“No sábado eu estava bem ainda, (enquanto estava sendo entrevistado, tossindo e retendo a tosse com a mão). Eu dormi à noite e já acordei, com o corpo debilitado. Com dor no corpo, nas juntas, mais assim... Não na questão da respiração, e dor de cabeça, e não tive febre. E nesse ponto eu não estava mais forte. Aí comentei com minha parente, que não estava legal e tomei Benegrip (medicação contra a gripe) que talvez alivia. Comecei com a Benegrip, não fui ao médico pra ter um diagnóstico.”

“Dor de cabeça eu tive sim. Não tinha febre”.

Intensificação dos sintomas físicos e hospitalização

Os sintomas foram se intensificando com forte dor de cabeça, falta de paladar e olfato, dor nas costas e muita dor no corpo e a ida ao hospital.

“A dor de cabeça (...) ficava como meio que pulsando assim (batendo com o dedo indicador na cabeça no lado E). Dor latente na cabeça, do lado esquerdo ficava assim batendo na cabeça. Nesse lado esquerdo ficava latejando bastante”. “Eu fui na terça (no hospital). No domingo, tomei um comprimido e deu uma aliviada assim na dor de cabeça, passou. O corpo ficou com aquela “molezinha”, aí tomei e continuei tomando na segunda também. Dor de cabeça não tive mais e aí o corpo já começou a dar sinais que estava um pouco mais cansado. Tem um detalhe também (...) da segunda para a terça, o que eu estava comentando que o que comia não estava com muito sabor”.

“(A falta de paladar) É tipo assim: quando você coloca algo com sal, tipo de carne, o tempero. O tempero que tem (na comida). Aí eu estava vendo que estava ficando sem gosto. Aí (justificando) minha parente não colocou muito sal, algo assim. Eu fiquei com uma coisa assim, eu não comentei com minha parente. Eu não comentei, mas não estava sentindo muito sabor com as coisas.”

“Na terça-feira, eu comentei com minha parente e estava um pouco mais debilitado, aí eu tomei um comprimido..... e aí depois do almoço, disse pra minha parente, eu vou dar uma descansada, pelo menos umas duas horas, duas ou três horas, um pouquinho. Aí acordei com o corpo travado, com muita dor nas costas, com muita dor no corpo e a respiração estava dando sinais. Faltava ar, mas dava sinais assim, (balançando um pouco o corpo pra frente mostrando-se ofegante) um pouco, faltou (aspirava), como dizer, faltou um pouquinho (de ar) quando respirava mas nada de mais grave. Aí decidi de (tossiu protegendo a boca com o dorso da mão direita) ir ao médico.”

“Persistiu durante a internação a falta de sabor. Eu tomava

suco, água, comia qualquer coisa eu não sentia nada. Eu conseguia me alimentar, mas o sabor, o cheiro eu já não sentia mais.”

Após a dor de cabeça, na internação, a febre o deixou debilitado. Aumentava a debilitação e a falta de ar com dores nas costas.

“A dor de cabeça eu tive ainda ela durante uns três dias de internação, aí era só febre. Febre e o corpo ficando um pouco debilitado mesmo. (...) Não sei se o medicamento que eu tomava, cortou a dor de cabeça que tomava lá. É que eles davam muito tipo de medicação lá. Aí dor de cabeça deu uma sanada.”

“Então, como eu ficava muito tempo deitado. Eu estava no quarto ainda, é tipo assim, a fisioterapeuta entrava lá e fazia exercício com a gente. Eu sentava, tinha um sofazinho eu ficava sentado no sofá, porque quando eu ficava muito tempo deitado tinha a parte de cima (elevando os braços e mostrando as costas) perto das costas, doía muito. Sentado no sofá com uma almofada no sofá ereto assim. Aí dava para descansar. Daí ficava com o corpo menos em cima do pulmão, que estava obstruído. Daí eu fazia exercício, eu sentia falta de ar e ficava cansado. O exercício de respiração que a gente fazia lá, e aí eu vi que cada vez eu ia fazendo o exercício sentia que faltava ar.”

“Não conseguia respirar, sim, porque, até o médico, me disse (tossindo) que era pra movimentar o corpo. Então deitado, e eles pedem se possível, porque colocavam coisas nos braços e eu não conseguia ficar muito deitado de lado. Porque tem hora que doía o corpo, aí voltava para posição de ficar deitado e aí eu relaxava. Mas na hora que ficava uma ou duas horas, com todo o peso do corpo na cama, quando a cama ficava levantada, eu sentia muita falta de ar.”

A medicação tomada no hospital e a cloroquina

Entre vários medicamentos, foi receitado com cloroquina, e tomou esse medicamento durante oito a nove dias. Com a clo-

roquina sentiu efeitos colaterais como alteração do batimento cardíaco e variação da pressão.

“Tomei três tipos de antibióticos, muito forte, que deu muita diarreia, a urina ficou escura e doía muito quando eu urinava. Tomava novalgina e remédio para pressão. Então assim. Eu sempre tive pressão normal. Eles mediam a pressão direto. A pressão dava uma certa pressão alta.”

“A pressão estava, não sei, 15 por 10, 13 por 8, 14 por 8, mais assim. Quando eu entrei no hospital, não sei se é devido a cloroquina, que eu tomei. Porque quando eu tomava ela, eu sentia uma acelerada (indicando com a mão um movimento de aceleração ao lado do coração no peito). Não sei se esse fato é relevante, mais isso dava uma mexida na pressão”.

“Eu sei que com a cloroquina. Eu sei que o coração dava uma (tossindo), sentia que dava uma... (mostrando movimento vai vem com a mão como aceleração). Eu tomava dois comprimidos, eu notei que dava uma “agitadinha” no coração. Depois, assim, vinham (tirar) a pressão, assim de quatro em quatro horas, acho que até mais, entravam no quarto e faziam uma medicação. Acho, e analisava, que a pressão subia um pouco mais”.

No quarto onde estava ficava com sensores grudados no peito para realização constante de eletrocardiogramas.

“Eu ficava com sensores, a pressão aí era 24 horas. Mas mesmo assim eles faziam, se não me engano que no meu peito eu tinha seis eletrodos. Aí eles vinham e faziam sim (eletrocardiograma). Eu chegava a fazer duas vezes por dia.”

“Sempre tive neste período o coração acelerado, mas tomando remédio é que vi esse detalhe. Sei que tomava o remédio (cloroquina), eu sei que o coração acelerava um pouquinho.”

Situação da saúde anterior à contaminação quanto a comorbidades

Relatou que nunca teve problema cardíaco ou pulmonar. Nunca foi fumante, ou tomava bebida alcoólica, no máximo uma taça de champanhe no final do ano. Os exames periódicos

feitos na empresa sempre estiveram normais. Não era diabético e sempre teve pressão normal e nenhum problema gástrico e intestinal. Na função que exercia na fábrica era exigido esforço braçal.

“Eu me matriculei na Academia em *Muay Thai* (luta tipo box tailandesa), ficando um tempo parado, mas jogando também futebol. Mas eu jogava uma ou duas vezes por semana. Eu estava me movimentando e também na fábrica é exigido esforço físico, e acaba se exercitando também.”

“Quando o material passa por um rolo, e esse material acumula muito rápido, tem de puxar esse material. A gente joga no moinho, e a gente tem de puxar esse material. Chega a ser dois a três operadores para puxar rápido, que depende da quantidade que acumula.”

Medo da morte frente à intubação na UTI

Relata que não teve medo no começo. Sua preocupação aumentou, e conseqüentemente ficou com medo de morrer quando foi submetido ao respirador, ao entrar na UTI. Medo de morrer e não ter mais contato com o filho e família. Daí durante dois dias foi intubado e esteve sedado e submetido ao respirador.

“Ah medo principalmente de morrer. Tipo quando a gente tá acordado a gente tem a noção, a gente está sendo medicado a gente está melhorando, você vê que está sendo medicado, está tendo consciência. E está ruim e naquele momento que sedam você. Perde a sensibilidade do que está acontecendo. O que estão fazendo, é horrível, porque aí você já não sabe e não depende de você, aí entra em inconsciência, e aí fica meio com paralisia total. E você não sabe que fica apagado e inconsciente você está lutando pela vida, inclusive na questão de ficar não sabendo o que ia acontecer comigo”.

“Pensava principalmente o fato de morrer, porque (...) você não sabe e te desligam e não tem sensibilidade do que acontece.”

Sofrimento psicológico: sentimentos e preocupações

Relata que morava com duas parentes, tendo de ficar isolado delas e do filho pequeno. Ficou preocupado em contaminar os amigos, parentes e filhos. Teve um sentimento de culpa. Ficou preocupado em ter passado a contaminação. Depois de passar os 14 dias, e vendo que parentes, vizinhos, e filho não tinham adoecido, o sentimento de culpa passou e ficou mais relaxado.

“Sentimento de culpa, eu tive, pelo fato de eu ter ficado um pouco, sem ter certeza que eu estava com o coronavírus e estar tratando em casa. Na nossa cabeça você nem imagina como teria pegado. Graças a Deus que minhas parentes não pegaram e aqui no condomínio ninguém tinha pegado. Fiquei preocupado de estar levando (o vírus) pra alguém”. “Também em relação à minha família, e aos meus amigos aqui no condomínio.”

“São quatro prédios aqui. Eu tive contato além da minha família, e com amigos que tenho aqui mas não, nada próximo tendo (respeitado) uma distância assim (fazendo gesto com as mãos)... e às vezes eu estava conversando, daí eu fiquei um pouco preocupado com essa questão (de repassar o contágio)”.

“Tinha passado 14 dias não relaxado pela questão desse sentimento, porque estava com minha família somente e eu vi que não tinha passado para nenhum. Aí em seguida, aí eu fiquei mais calmo... e na época até, pois estava preocupado com essa questão, que eu estava muito preocupado com esta questão (do sentimento de culpa).”

“A gente preza pela saúde de todo mundo, né. Eu vendo que todo mundo estava bem. Na cabeça agora tinha pensado é cuidar de minha parte. Tendo saído de lá (hospital) e bem de vida, sai de lá e não sabendo de tudo, mas não sabe tudo que está acontecendo. Vou fazer minha parte, eu estando lá, (você) não tem consciência de tudo que está acontecendo. E saber que todo mundo estava bem com saúde. Aí eu falei assim graças a Deus. Agora ninguém pegou, agora vamos cuidar de mim e sair daqui logo.”

Ficou angustiado e ansioso porque sua saúde piorava aos poucos. “Sua cabeça trabalhava contra” e devia esperar o ápice da doença, pela informação que obtivera da médica que o acompanhava. A angústia e a confusão mental tinha aumentado ao saber da intubação. Quando o médico disse para ele fazer ligação de vídeo com suas parentes, antes de intubação, aí ele pensou: “Agora ficou sério”.

“Eu fiquei um pouco mais ansioso, porque quando eu fiquei com 25%, com o pulmão comprometido, eu já estando uns dias lá no quarto, na minha cabeça assim estou tendo controle, assim teria alta. Aí fiquei um pouco mais preocupado com a questão de não ter saído (do hospital). Na minha cabeça eu pensei, eu estou trabalhando a questão da alta. E quando ela falou que como não tinha chegado ao ápice do vírus aí fiquei dois dias, fiquei acuado, sim mas vamos cuidar! Pensei em passar por essa virose e voltar para casa!”

“Com a informação que devia fazer uma ligação para minhas parentes e recebi isso daí, ficou séria a questão. É na minha cabeça, eu via gravidade quando tive um princípio que estava mal. Aí eu vi que tinha chegado o tal dia que a médica falou, pois já tinha 50% do pulmão já atingido. Aí eu vi que, e quando falei com minhas parentes, e o visual lá e aí eu vi que a questão lá era grave. E aí na minha cabeça, não passou em ser intubado, tomaria medicamento e aí ficaria relaxado até meu pulmão trabalhar, e aí quando que eu vi e estourou tudo, e aí eu vi a gravidade, e se nesse momento poderia ter entrado em pânico.”

“Eu fiquei 48 horas intubado. A princípio segundo minhas parentes deveria ser 72 horas”.

Relata ter visto a imagem e um rosto de Jesus Cristo, antes da intubação, com o número 63, pois seu quarto era número 633. Essa aparição provinha das persianas do quarto do hospital. E depois disso apagou (estava na UTI intubado). Diz praticar o espiritismo, segundo ele: “Deus passou

por aí para que ele fosse cuidado”. Essa alucinação ele afirma ser real e não imaginária.

A atenção, afeto e preocupações com a pandemia dos profissionais de saúde no hospital

Recordou que depois de ter acordado na UTI via as enfermeiras como anjos, também relatavam que estavam sob tensão com o vírus. Disseram para ele que “eles” (profissionais de saúde) tinham demorado duas horas para intubá-lo. A enfermeira relatou para ele que enquanto ele estava sedado, ficara sentado por um tempo na cama. Depois de ter sido intubado, via a felicidade nos olhos das enfermeiras, que sempre estavam com máscaras faciais.

“Eram anjos, normal não era, porque, conversavam pra gente ficar bem. De conversarem de carinho. Cuidado com carinho, com atenção, solidariedade.”

“Elas entravam muito paramentadas com avental. Elas trocavam o avental e quando entravam em cada quarto elas trocavam o avental. Tinham máscaras, tinham muito protetor facial, uso de luvas. Eu que eu vi, respeitavam o vírus, mas o jeito (que atuavam) dava toda a atenção para você, do que a atenção de pegar o vírus, entendeu!”

“Por que por eles, tem hora que tocavam a gente, com a luva pra fazer a medicação alguma coisa, mas tem hora que pegavam (como dizendo) força e tal com atenção dando força e a idéia (de carinho). Sentia carinho nessa questão. Os caras faziam isso (...) Passava dentro do quarto que estava isolado. Claro que o meu quarto deveria estar contaminado, mas eles usavam luvas, máscaras e tudo. Daí eles ficavam mais dias trabalhando com isso. Não que eles gostavam, mas eu via que a solidariedade deles era maior.”

As agruras na quarentena e distanciamento com o filho

Sofreu em decorrência do afastamento do filho.

“A falta de dar carinho, de dar atenção, e de ter ele por perto. A hora, antes da contaminação do vírus, a hora que podia ter contato podia levar na escola, levando para o futebol e de repente essa parte cortou. Aí depois a gente teve de ficar isolado, aí a gente devia nesse meio, até porque a gente podia estar contaminando, e depois que eu tive o Covid aí, não tinha como, e aí (meio desolado) a gente vê a falta que faz, de dar carinho, de dar atenção, de ficar (junto) de dar um abraço.”

A saudade por causa desse distanciamento social devido a doença e o impacto da internação.

“É que é assim, sei que as crianças, tem as coisas dele... de como ter de que não imaginou de iria desenvolver a minha doença. Mas, o resto era entender a gravidade e com o vírus a gente não saber o que aconteceria. Eu tive saudade dele sim, vou falar que não. Eu tive bem mais saudade do que ele.”

“Numa das ligações (o filho) me viu com respiradores e debilitado e sentiu que o negócio era grave. Assim que melhorei ficou mais calmo e com saudades. Não gostava de fazer chamada em vídeo, falávamos mais por telefone normal, para ele não me ver debilitado e com oxigênio que dava uma impressão negativa. Não pode vir até o momento em casa, mas sempre se mostrou carinhoso. (a entrevista fora feita durante o período de quarentena após a sua internação).”

A contaminação na empresa

A contaminação ocorreu com certeza no vestiário, entre os momentos de saída e entrada, onde havia maior contato e aglomeração. Havia pouca ventilação no vestuário, e os banheiros não passavam muito por higienização. De 23 trabalhadores que estavam no mesmo grupo de trabalho em turno, nove foram

contaminados sendo que três estiveram na UTI, e os demais ficaram em quarentena em casa.

“Porque é assim. Quando a gente foi pra entrar na fábrica para entrar no horário, a gente tem de ter máscara, lavar a mão e ir para o vestiário. Até aí tudo bem. A entrada aí tudo bem. A gente troca a roupa pra ir trabalhar. (...) Aí a gente não tem mais o acesso da máscara, aí a gente toma banho, se lava as mãos, mas, a questão que eu acho, é a questão do ar. O banheiro é um pouco fechado. Não tem bastante ar. E no vestiário as pessoas anda ao lado do outro. O armário tem um ao lado do outro. Então aí estava direto e ainda conversando. Se houver e se teve alguém sintomático, aí é o fato de estar passando o vírus. Que a pessoa não saberia se tem e estava ali transmitindo.”

Medidas de proteção na fábrica foram reforçadas devido grande número de contaminações

Medidas iniciais de prevenção tinham sido tomadas, porém com a contaminação de nove colegas reforçaram o uso de máscara, higienização em geral e transporte. Os operadores mais experientes começaram a vir de carro próprio, e houve espaçamento no transporte fretado.

“Como foi gradativamente (as medidas)(...)foram tomadas medidas. (...) Aí quando eu já estava internado, e aí começou a ter mais caso, aí estava tendo já mais (medidas). Na semana que eu estava, que trabalhei, já tinha ações. Já haviam detectado casos duas semanas antes, mas tinha ações do restaurante, também a máscara a fábrica deu, e não podia ter nem um tipo de cumprimento, sem abraço, sem aperto de mão, só o toque que fazia lá (mostrando a mão cerrada fechada), foi proibido. O restaurante para gente ter de diminuir a questão de estar falando. Então, foi tudo gradativamente, eu acho que, quando foi tendo os casos, aí foram tomando mais medidas para não lotar tanto. Como eles tinham dedetizado o banheiro, aliás

estou falando aqui e não quero culpar a empresa, a gente estava pensando no momento da saída da fábrica que aglomerava, eu acho que aí foi um ponto (falho), porque aí quando eu cheguei na mesma semana teve nove casos. Pra mim foi a questão do momento de aglomeração que a gente tinha no vestiário.”

“Antes de todos os casos a empresa instalou torneiras onde se lavava as mãos. A gente toda a hora que ia para o vestiário lavava, aí depois saía e voltava para a fabricação. Máscaras já estavam antes de todo mundo ser afastado. Restaurante também sentavam duas pessoas na mesa, antes de a gente ser afastado. A questão também das vans diminuir (os passageiros) antes de ser afastados. Então foram bastante medidas, que depois que eu saí, aí teve mais casos, aí que teve, que eu fiquei sabendo, conversando com as pessoas. Que era não conversar de forma alguma no restaurante, só se alimentar e ao sair do restaurante e aí tinha de colocar máscara saindo. Aí tinha de usar a máscara só para se alimentar e tirava a máscara se alimentava. Para ir até o restaurante, tinha de usar a máscara, e saía com a máscara”.

“Logo no início não tinha exigência de máscara. Os funcionários que já estavam usando a máscara por serem funcionários da saúde, umas quatro pessoas usavam máscara. Aí eles então acharam melhor que todo mundo deveria usar. Daí ficou padrão para a empresa inteira.”

As informações contraditórias públicas e políticas destorcidas quanto à gravidade da contaminação

“Muitos amigos meus que eram meio inconscientes estavam fazendo gracinha e estavam tendo uma vida normal. Aí depois mudaram e a ter consciência e viram depois a gravidade da doença, graças a Deus. E depois de ter uma divulgação melhor e quando falavam que os jovens não pegavam, pois tinham a possibilidade de recuperação rápida. Eu acho que esse discurso aí é que

está, ainda muita gente descrente (...).”

“Eu acho, essa informação de ter a Covid, passaram muito essa questão de pessoas de idade, que deviam ser mais isoladas. Deixaram em aberto que jovens, então, poderiam adquirir a doença e mais que se recuperariam rápido. E aí, eu vi que as pessoas não tomaram a consciência, a gravidade do que era essa doença. Quer dizer, como eu disse, não bebo, não fumo, não consigo ir a uma festa, ganhei consciência porque eu peguei Covid e fiquei intubado. A gente não sabe assim o grau de sempre quer estar 100% (de saúde) e não sabe como está. O que a gente faz, vai ao médico e fica fazendo os exames periódicos, na empresa não todos, mas os principais (...).”

O maior descrédito ocorreu no campo político em que o Presidente da República tratava a gravidade da contaminação como uma “simples gripezinha” e uso da cloroquina sem comprovação científica.

“No campo político houve o maior descrédito, com certeza. Para a gente ver o grau que o presidente falou ontem (Bolsonaro). Quem quiser tomar cloroquina a direita toma (a respeito da defesa de Bolsonaro da cloroquina, sem comprovação científica) e quem é de esquerda toma então tubaína. Então, e aí como vai dar a credibilidade na questão do cuidado da saúde, cuidados e se nem a dele (Bolsonaro) ele está cuidando. Ou o cara está lá no meio do povo sem proteção (Bolsonaro), o que acontece vamos colocar assim, então, tá aqui no meio, vamos trabalhar (incentivando a população a não fazer o isolamento social). Quer trabalhar, vai trabalhar e pronto. E acho que a gente que fica aqui dentro, acho as pessoas precisam ter coragem de ir para rua, então. (cuidando para não pegar a Covid).”

3. A paranoia (ou histeria?) gerada pelos erros dos exames de Covid

Trabalhador petroleiro, 55 anos, união estável, detalha as idas e vindas dos afastamentos na empresa. Muitos dos contaminados voltaram ao trabalho sem terem resultados probatórios de exames que estavam sem contaminação, agravando o contágio interno na empresa. O sofrimento criado pelas incertezas e angústias, e o isolamento na quarentena sem poder dispor de suporte humano e social da empresa.

A contaminação por Covid-19 e o clima paranóico gerado pela imprecisão e erros dos resultados dos exames

“Na refinaria tiveram pessoas em contato com quem teve Covid e trabalharam depois de ficar em quarentena, sem resultados de exame, se a pessoa teve ou não Covid também. Entendeu. Estavam com suspeita, retornaram e trabalharam e aí (não) tiveram o resultado de ninguém. Os exames tiveram de ser repetidos.”

Não houve a submissão prévia, dos petroleiros e terceirizados, a exames massivos de Covid para conhecer a dimensão do problema da contaminação.

“Não houve exames de massa. Não! Os funcionários, antes, a dois meses atrás, pelo menos, teve um atestado de Covid. Preencheram formulários eu e outras pessoas, e a gerência e outras pessoas também, e iriam tomar medidas mitigadoras: que iriam afastar as pessoas, liberar as pessoas que têm o perigo do contágio, por causa do vírus. E eles acham: “Ah sim, nós estamos pensando” (a respeito de fazer exames). Pensando o “ad aeternum”. Poderiam ter deixado o pessoal ficar em casa. Nós que trabalhamos na sala de controle,

começamos a utilizar o convênio, só que não é uma política da empresa ainda. Entendeu. Nós é que tomamos a iniciativa (de fazer os exames de Covid). O suficiente”.

“Os exames, veja bem. Não tinha disponível pra fazer para tanta gente para ter resultado. Então o que aconteceu. Quem já passou por causa de Covid, de fazer exame, a empresa já começou a fazer exame no começo de abril. O pessoal voltou a trabalhar, no começo de maio, sem resultado. Então o pessoal voltou a trabalhar sem saber se teve problema. E aí a gente desconfia que o impacto foi esse. O estresse que já começou a fazer nas pessoas,(...) já que não tem mais jeito, desconfiou que tem Covid. Eu abri um processo no site da empresa. Foi instalado de que maneira: Depois de 15 dias eles me mandaram fazer exame. É, e o resultado demorou cinco dias pra sair! E ainda saiu errado! (indignado).”

“Eles mandaram o resultado errado! O exame deu negativo! E ainda falaram que o meu deu negativo. Tanto que queriam que eu voltasse a trabalhar imediatamente, e eu por coincidência, eu não estava de folga.”

Mudança da escala de turno na Covid, de forma impositiva sem qualquer acordo com o Sindicato

“Eles fizeram o seguinte: quando começou essa história da Covid, com desculpa de haver menos troca de turno, e essa história de ir de cá e pra lá, passaram o turno sem consultar de 8 horas para 12 horas. Não passaram pro sindicato e nem nada, fizeram e acabou!”

A detecção da Covid e os sintomas

O que sentiu mais forte foi um estado febril.

“O que eu senti, é o sintoma que senti forte. Foi dia 7 de maio. Foi o que senti mais forte. Aí, que conta 14 dias (da quarentena)”.

“No meu caso particular, eu só tive uma febre muito alta.

E de repente eu, saí de um estágio que estava com 37 graus. Passou de 37,8 e 9 para 38,6 graus, de febre.

“Aí 38,5 manteve 38,5. Aí teve de tomar remédio para matar.” (para baixar a febre)

Outros sintomas sentidos.

“Tive uma leve assim, não gosto na boca, muito de leve. E aí dava uma moleza em função da febre. Foi o que me despertou. E eu corri logo pra ver isso. Porque a pessoa que trabalhava ao meu lado, uma à minha direita encostado, já estava mal, muito mal e tanto depois que ele foi até internado”.

“Tomava remédio para a febre. Da febre tive a moleza, entendeu! Isso eu tive junto também umas duas ou três noites, uma sudorese (noturna) muito forte. E acordar encharcado no meio da noite. Sabe como é que é! E tomava o remédio até que passava a minha febre muito rápido. E eu suava que tinha dois pijamas por noite”.

“Dor de cabeça. Fraquinha, eu não posso nem dizer que foi por causa disso. Você entendeu. Foi muito fraca. Foi.... foi Covid sim, mas nada que me despertasse desconfiança, por causa da dor de cabeça”.

Outras comorbidades e tratamentos médicos.

“O que eu tenho que é cálculo renal, do rim, basicamente. Há mais de 20 anos. Eu coisa que tenho é isso. E eu tenho ido ao médico esportivo, que faz aquele acompanhamento diferenciado, que esqueci o nome agora. É um tipo de medicina.”

“Eu vou, eu pago. Cada três meses eu vou no médico lá. Ele tá acompanhando. Eu tenho um pouco mais de ferro no meu fígado, do que eu deveria ter. Ele tá diminuindo isso. É uma coisa diferente que ele encontrou. Esse acompanhamento eu faço por minha conta. Nos exames nunca apareceu esse tipo de coisa.”

“Nunca fui fumante! Não Nunca fui fumante. Quanto ao álcool está mais social, porque eu para tomar uma cerveja, alguma coisa, só quando estou de folga. Mas mesmo assim, além disso, quando estou de folga, as

vezes se passa um mês, no meio da semana tomo um copo de cerveja. Então não é uma coisa constante! Entendeu!”

“Não tive problema pulmonar. Eu inclusive pratico natação. Quase todo o dia quando a coisa foi liberada. (da quarentena).”

“A minha pressão foi sempre de média pra baixo. Baixa. Esse problema, vi que o aparelho com a pressão. Ela subiu. Evidentemente. Teve de fazer de novo. Desceu e subiu. E aí foi coincidentemente, quando eu parei de ter febre que passou tudo. Aí a pressão voltou ao normal.”

“Quanto à questão cardíaca. Aí a gente, eu fiquei meio receoso. Estava tenso. O fato de morar sozinho, e ficar com medo de faltar de alguma coisa. E marcava que estava em 70/90 (batimentos) não varia muito, num dia. E no outro dia foi de 95 a 97. Então nesta semana não estava acontecendo nada.”

“Não tive problema gástrico e intestinal”.

Descrevendo a sala de controle como local de trabalho principal

“Eu trabalho na Sala de Controle, que é a sala que faz todo o controle da Refinaria. É uma sala fechada em que trabalham 30 pessoas, que não tem janela e não tem nada. É imensa. Tem um ar condicionado interno e aquelas coisas todas. Esse local.. É fechado!”

A climatização da sala de controle como provável fator de propagação da contaminação.

“Se alguém está contaminado, e traz uma doença desse tipo lá dentro, o nosso ar condicionado pelo jeito ele não é para a bactéria (vírus) descer por gravidade. E ele dá o sistema mais ou menos. E nós usamos lá o kit pra reforçar o central. Pra você ver, agora o que eles estão fazendo lá, já que tudo está fechado. Eles estão deixando as portas metade abertas. Para vir mais o ar do lado de fora pra circular lá dentro”.

Preocupações e sentimentos frente à Covid

Relata as principais preocupações e sentimentos e o que o abalou emocionalmente.

“Ah, a gente tá com medo das notícias que já tem na imprensa. Mas mais ainda, quando a gente está nesse trabalho de nível: Dois foram internados. Deixa falar deles, um está lá na UTI, e um outro que trabalha no meu lado também está intubado. Então teve gente com muito medo. E meu medo era de ficar aqui (em casa). Isso mexe com o emocional. Aqui, eu sou solteiro, mas eu tenho uma união estável, a minha mulher em outro estado e eu aqui em São Paulo, ela está distante. Então, até nessa situação ela (disse): “Vem pra cá que você fica aqui...”. Falei: “Não posso sair do isolamento. Também não posso querer passar pra você. É isso. “Porque você está sozinho” (referindo fala da mulher). E a minha família aqui! Minha irmã é cardíaca!. Enquanto está nessa situação, de risco, não posso ficar com alguém aqui no apartamento contaminado.”

“Eu tenho de estar mais preocupado comigo e comigo mesmo. É você que está preocupado.”

Ficou muito ansioso e a televisão contribuía para ampliar o desequilíbrio mental.

“Ansiedade! Fiquei ansioso, fiquei em dúvida, fiquei triste. De você ficar aqui em casa é complicado. Sozinho, e a tendência é como você ficar aqui com febre vai e volta. É você é isso mesmo e você começa a pensar besteira. Oh, vou ficar doente. Não sei o que. Dá medo! Você não tem com quem conversar nem nada, por telefone talvez de vez em quando. Pra aliviar um pouco a tensão. Você liga na TV. TV está falando nisso. Está de graça. Se você, tem hora que você tem de parar de ligar. Se não vai começar o desequilíbrio.”

A indução da TV geradora de angústias frente às notícias sobre a contaminação. A restrição de conversas domésticas para não criar mais alardes sobre a doença. Dedicar-se à atividades domésticas para superar a solidão, além de sozinho fazer

os exames especiais comprobatórios da Covid.

“É aquela história da propaganda. É só falando de graça. Oh! Tantos morreram, tanto não sei o que, tanto não sei o que lá, e aí você está preocupado pelo fato de que lado vai. Aí você vai ficar preocupado. Você está vendo que está ruim, você vai se preocupar mesmo. Você começou a ficar vendo noticiário, por exemplo. Aí você vê que não está fácil, e você fica vendo. Você chega logo em casa para conversar normalmente, já não daria, porque você deve conversar lá no quarto, para não afetar outra pessoa. Mas é, o psicológico você sabe que tem alguém dentro lá da porta (dentro de casa). Se você cai lá no chão, você tem alguém para te acudir. Não é o meu caso! Se eu cair aqui no chão, eu não consigo ligar para ninguém, e ninguém vai me acudir. O que que você vai ficar fazendo todo dia: passando e cozinhando, lavando roupa, você faz tudo em casa. Você precisa! Está sozinho! Então sempre você tem alguma coisa para fazer. Ah (recordando) os exames especiais que a gente tem feito. Como é que eles foram feitos: Eles fizeram o pedido. Nem perguntaram... “Você vai lá, pega”. Vai fazer, lá no prédio central da empresa. Que tem um local lá. Você vai com seu carro. Você sozinho no seu carro. Para coletar a amostra. Tem que sair do carro e fazer tudo lá. Mas se eu estou de quarentena por causa do coronavírus. Eu ainda tenho de sair de casa, pra ir até lá, dirigindo!” “Até eu estava na quarentena, tudo bem, para fazer isso. Tanto que no dia que eu fui fazer o exame. No dia anterior tinham já feito uma série desses exames. Mas eu acho falho, acho que eles deveriam ir na casa da pessoa, coleta e ir embora. Se você não precisa fazer isso, e você está mal e estar passeando!”

A quarentena e os resultados demorados e incorretos da Covid-19

Descrevendo a quarentena e os resultados dos exames incorretos, e o grande número de trabalhadores contaminados.

“A quarentena foi assim. 14 dias, que começa do dia 7 de maio, que senti os sintomas mais fortes. E aí a quarentena foi de 7 a 19. O exame foi feito no dia 12 de maio. Só fui ter resultado dele, uma semana depois! E aí o resultado, deram como negativo! Portanto o teste deu em nada. Eu voltei a trabalhar no dia 23. O email da empresa ele não tinha assinatura, tinha lá o resultado do meu exame. Quando eu abri esse email estava lá que era positivo. Ou seja, eles fizeram algum erro, quando transportaram. Eles erraram ao jogar no sistema da empresa o meu resultado. Colocaram negativo quando era positivo.”

Houve retorno ao trabalho mesmo com testes de exames positivos.

“Eu voltei a trabalhar... Passei a positivo quando voltei a trabalhar no sábado. Quando o exame positivo tanto meu como de 11 pessoas, deu positivo, eles mandaram voltar trabalhar sem passar pelo médico e sem fazer novo exame. Fizeram uma matéria que o site do sindicato publicou depois para você ver.”

“Voltar trabalhar e nem permitiram, como diz no quadro. Vamos voltar a trabalhar. “Ah ninguém está sentindo mais nada em 3 a 4 dias” (segundo informe da empresa) e aí não fizeram mais nenhum exame pra ver se tem alguém que deu positivo, por exemplo.”

“Eles informaram que o meu exame deu negativo. Eles estavam errados. Era positivo. Depois disso não me mandaram fazer mais nenhum exame. Me mandaram voltar a trabalhar. Eu cumpri 14 dias, o exame foi no meio desses 14 dias. Os exames que foram do dia 12 resultado só saiu no dia 23.”

“Quando eles me deram o resultado errado negativo, foi no dia 17! E no mesmo dia de meu resultado negativo, eu mantive minha quarentena até o final. Não fiquei saindo de casa, passeando. Eu só saí de casa, porque tinha de fazer minha fisioterapia. Mas eu continuei preservando minha quarentena, não fiquei, indo por aí. Porque ficou esquisito o resultado negativo. Porque to-

das as pessoas em volta de mim eram positivos. E no meu grupo de turno, tem seis pessoas que também deu positivo!”

“Esse resultado era do pessoal da sala de controle, painéis, tem 12 pessoas mais ou menos, e cinco deu positivo!”

“É quase a metade do pessoal entre painéis e da área. Os supervisores, que são operadores do quadro acima, eles, cinco foram afastados! Fora os operadores, tem supervisores que foram afastados.”

“Fizeram um grupo no zap, pra tentar controlar isso. Vinte pessoas que estavam suspeitas e confirmadas, a última vez que vi tinha 60 pessoas. Eram 20 suspeitos e 40 confirmados. Isso que a gente levantou entre nós! Para saber disso é preciso ver a informação do sindicato se eles tem.”

Famílias contaminadas durante a quarentena

“Dessas tem gente internada, tem gente que tá em casa. Tem no isolamento. Tem pessoas que passaram (a Covid) para família.”

“É, porque tem de dormir na casa. E aconteceu até porque a mulher também teve e o filho também.”

Sofrimento mental em virtude do isolamento durante a quarentena e a falta de atenção da empresa

“Ah tem horas que dá angústia. Você fica triste e começa a chorar, e você não sabe porque. Te bate um estresse, é tudo uma situação difícil. Será que você pega de novo. Se vai ter problema respiratório. Se dá mais vezes. Graças a Deus eu não cheguei a ter. Mais você fica com medo, porque, eu digo assim, eu não tinha exame feito na refinaria em si. Só uma médica me ligou, um dia, por causa da insistência da chefia, e dois minutos. E na refinaria em si, só me ligaram, e aí me passaram e-mail pros procedimentos do médico de lá. E depois no final me ligaram para me passar o resultado! Ninguém ligou

em nenhum momento, da gerência da refinaria e nem nada, pra saber se continuava respirando. Entendeu isso não houve. Teve pessoas que me ligaram, mas por amizade permanente e não pela empresa.”

“Existe um programa no computador para Covid, na página da empresa. Então, pergunta se você está sentindo alguma coisa. E você entra nesse programa e você faz uma auto declaração, se você suspeita que está com Covid. Isso vai para central da empresa. E aí você pega e liga para empresa, liga. Aí tem o médico que está lá 24 horas, e fala o que que foi e tal. “Eu estou com 38,5 (febre), tudo isso” Aí eu expliquei para ele. Ah, está e aí eu falei para ele, “as pessoas que trabalham na sala ao lado de mim estão todas Covidadas (contaminadas) ! Aí o rapaz que estava muito junto ao lado comigo e foi até internado. “Cita aí o nome dele”. Aí dei o nome. Conforme comentei com esse médico o nome dele: “Não é não, ele não tá aqui ”. Ah então é melhor eu te afastar. “Não, e se eu ficar ruim!” - “ O que que eu faço?” - “Febre, você toma dipirona.”(segundo o médico). “ou algum antifebril! “Se você está muito ruim! Aí você procura um hospital”. “Senão, não. Fica em casa quietinho”.(ironizando)”

A medicação tomada

“Eu só tomei dipirona pra febre. Tava muito alta e tive de tomar. Só. A única necessidade que eu tive!”

“Não precisei de nenhum outro tipo de remédio. No meu caso como eu falei, Covid foi só febre alta, muito alta!”

A propagação da Covid na empresa por resultados de exames incorretos

O desconforto dos colegas frente à contaminação na empresa.

“Agora, entre os colegas havia desconforto, porquê? Pes-

soas que não tiveram Covid trabalhando nesta sala de controle comigo. A pessoa que está trabalhando no meu lado está há um metro. A gente está mantendo uma distância de um metro e meio ou dois, até na medida do possível. Ninguém fez teste, mas o dele deu negativo. E o meu deu positivo?! Você entende, então! E aí a pessoa nem alegre fica! O cara tá preocupado! Porquê? Como eu não fiz o outro exame a notícia que passava que tinha atingido alguém. Não é verdade.”

“Foram os outros (contaminados). E aí tinha trabalhado com pessoas que não tiveram. Nem todas pessoas saudáveis pegaram.”

A mudança da jornada de turno durante a pandemia

Por imposição, sem acordo, a empresa mudou a jornada de turno, cujo efetivo já é reduzido.

“Exatamente. O número de pessoas no grupo trabalhando é o mesmo, só que e vez de trabalhar 8 horas, estão trabalhando 12 horas. Para trocar menos as pessoas. Só que está dando problema. O nosso caso já estava reduzido antes da pandemia. Então, por exemplo, eu chegava em casa hoje, e alguém pedia para ir na folga trabalhar, senão tinha gente que tinha de trabalhar 24 horas, porque tá faltando gente!”

“Entendeu a falha da coisa! Que que adianta eu trabalhar as 12 horas, para circular menos gente, e ficar mais tempo por lá, se no meio da sala não tem como poder me virar, ah , porque está faltando gente!”

As dobras de turno são recorrentes e chegam a ter petroleiros que trabalham até 36 horas seguidas.

“Já aconteceu várias vezes! Em várias unidades. Sim aconteceu já! E hoje, se não arrumarem, mais gente aí, vai acontecer isso. Já ficamos muitas 24 horas, dá pra ver lá o horário de turno. Faz o dele, o de outro turno, e as 12 horas da dobra! Fica 36! já aconteceu”.

“ 36 horas, já aconteceu. Porque o que que acontece, a

peessoa, vai trabalhar o seu horário de 12. Não é rendida e aí não sai do horário dela. Aí faz o outro turno de 12, deu 24. E aí, o que que acontece, aí vai dobrar de novo, e aí, a própria pessoa tem de ficar lá fazendo o horário dela!”

Demora da empresa em adotar protocolos e procedimentos frente à Covid

“A empresa demorou para comprar os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual). Ela para comprar máscaras, ela demorou pelo menos umas duas ou três semanas! Álcool gel quase 10 dias! Tanto que eu falo, eu estava usando máscaras que eu comprei na rua e os outros também! E tinha gente, que estava trazendo álcool gel de casa!!! Ainda não estava fornecendo na sala! Não tinha, e a primeira leva de máscaras veio com defeito! Não dava nem para usar!”

“Tive a máscara de pano que eu comprei! Ela teve uma edição de umas máscaras, que eu não sei, mas o primeiro lote daquelas quatro ou cinco máscaras, vieram com defeito, não dava para usar. Depois forneceu umas máscaras absurdas, que foram mal feitas. Apertam demais, mas não eram de material descartável.”

Atualmente o pessoal está usando permanentemente a máscara facial.

“Aliás, agora quem trabalha na sala de controle usa direito. Chega de máscara, e fica de máscara. Uso de máscara e tem de ficar no painel lá, fica de máscara e usa máscara permanentemente, aí é o tempo todo! Só tira para poder comer!”

“Eu levei umas máscaras particulares minhas, troca umas duas vezes durante o tempo de turno. Mas não é máscara descartável, é de pano que mandei fazer, que usa e lava, bonitinho, depois tem de secar para poder usar. E nesse meio tempo em que eu estava de quarentena, eles andaram dando umas máscaras lá. Só que eu voltei da quarentena, não deram nada assim, tipo

assim, pra mim”.

“É assim, eu não esquecendo, eu trago de casa, eu troco uma ou duas vezes durante o turno. Se é assim... eu tenho de trocar máscara a toda hora. Aí a máscara eu não vou ter o suficiente para no outro dia vir de novo, entendeu! Eu não tenho tanta máscara assim. Eu estou escalado todo dia. Então, para mim, eu estou vendo lá, eu levo lá duas máscaras por turno em média. Aí eu tenho de por, não tem jeito!”

O retorno dos contaminados sem exames comprobatórios e passagem pelo médico

“Tipo as 11 pessoas que voltaram afastadas neste sábado à noite, estou neste grupo. Eles mandaram todo o mundo que não sentia mais a Covid lá, para voltar direto ao trabalho, sem passar no médico e se cuidar. E sem fazer pelo menos o teste rápido para saber se estava ok. Podendo contaminar depois alguém. Alegando, eu acho que já vai dar positivo, e é besteira fazer teste! Mas não é besteira! Porque pode ser que para mim o vírus não tenha ido embora e eu tenha o risco de poder passar para alguém. Como eu posso sair do vírus e ter outro problema que pode ter pegado em mim e arriscando a contaminar outras pessoas que não tiveram nenhum problema. Isso que eu acho que é um erro lá dentro. E o sindicato acabou de dizer que ia fazer isso. É hora de fazer testes quando voltar, e ela não está fazendo isso.”

Morte de terceirizados na empresa por Covid

“Já morreu um ou dois terceirizados. Por eles, para gente da empresa, teoricamente, não vê melhoras para isso, e já está assim! Se a nossa gerência está sendo assim, eu imagino que não estão dando atenção aos terceirizados, por isso eu duvido que eles estejam fazendo um controle rígido dos terceirizados”.

Os terceirizados começaram a trabalhar na pandemia du-

rante o turno em vez do horário diurno administrativo.

“Aí é que tá, na pandemia, inventaram de ter manutenção no turno! Tá entendendo, apareceram de madrugada para fazer manutenção em equipamentos.”

“Então, entendeu façam que nem eu falo. Durante a madrugada tem dificuldade de fazer manutenção das máquinas. Não é legal fazer esse tipo de tarefa. Tem de ter atenção, tem o cansaço, e aí se tem de fazer manutenção nesse horário maluco! Ou seja, de qualquer maneira tentando aquela velha história! Em vez de contratar mais gente, para ter trabalho em turno melhor, não. Aí tem o mínimo de pessoas, e a idéia é ter aquele monte de trabalho, e aí não dá certo”.

4. Doença dolorosa: massacre físico, social e mental

Trabalhador químico, 42 anos, casado descreve a contaminação adquirida na empresa devido aglomerações, em que metade do seu turno de trabalho contraiu a Covid-19. Relata o doloroso e “judiado” sofrimento físico, mental e social da doença e a sofrida permanência em uma UTI de tratamento intensivo. Mostra também o doloroso período de quarentena junto à sua família, e as sequelas da doença.

O contágio na empresa e a internação

Metade do turno foi contaminado em decorrência de contatos e aglomerações no banheiro, vestiário, restaurante e mesmo na própria área de trabalho.

“A contaminação é difícil a gente ter certeza, de entender como foi de onde foi. 99% foi pego na empresa, porque, várias pessoas na empresa pegaram. Então, a gente teve contato com todas essas pessoas. Dentro da empresa não dá pra saber se foi no banheiro, no vestiário, no restaurante, ou na própria área que a gente trabalha. Mas eu tenho certeza que foi, porque, das 24 pessoas e pouco que têm no mesmo turno, mais da metade ficaram contaminados. Foram especificamente 11, e a gente não consegue saber como foi essa contaminação, não.”

“Fiquei internado sim. Fiquei nove dias na UTI e internado.”

Principais sintomas sentidos

Os sintomas sentidos foram um pouco diferentes dos que estavam sendo anunciados pela imprensa e órgãos de saúde.

“É isso, é legal. É legal é importante, é assim, porque os sintomas que mais o pessoal fala, que a gente ouve falar

na TV é febre, tosse, e falta de ar. E é só para procurar médico quando se tem falta de ar. Eu não tive a princípio, nenhum desses sintomas para descer ao hospital. O que eu tive era uma dor de cabeça muito forte, uma dor no corpo muito forte também, pernas curvas assim, nas costas uma dor muito forte. Dor de cabeça. E tive frio, senti muito frio. Muito frio no dia que internei. E um cansaço extremo, assim que não dá pra explicar. Cansaço que você não conseguia ficar em pé. E é uma coisa que precisa ficar atento para o pessoal. Eu também não tive tosse, não tive febre, não tive falta de ar. Aí também quando eu fui para o hospital, na 3ª vez que eu fui para o hospital que eu estava passando bem mal. Eles fizeram uma tomografia, para tirar dúvida. E nesta tomografia foi detectado que estava 50% do pulmão comprometido com a pneumonia. Estava com sopro como eles falam. Então é isso, é estranho, porque, estava com 50% do pulmão comprometido. Sem respirar, sentia a falta de ar. Quando fui para o hospital achei que meu caso seria pior, entendeu. Eles pegaram meu problema pela saturação do sangue, estava baixa a saturação e aí decidiram em fazer a tomografia, e daí, e com o problema e depois cheguei a fazer exame. E aí fica difícil, é difícil, esperar. Por isso que digo não espere falta de ar para poder ir para o hospital.”

Sentimentos e preocupações ao ser internado

Os sintomas físicos adversos se somavam a diversas preocupações e sentimentos negativos como angústia, medo e solidão entre outros.

“Bom, é, eu passei no pronto socorro, quando fiz os exames foi detectado pneumonia, e aí fui direto pra UTI, e não fui pro quarto. Eu não tive que ir pro quarto e depois para a UTI. Fui direto para a UTI. Então, daí as coisas: foi muito ruim os sentimentos em mim. Foi a primeira vez na minha vida que eu achei que eu, que pensei que eu não ia voltar para a minha casa, entendeu! Até porque depois que eu entrei na UTI, depois que eu fui para UTI, nos quatro

primeiros dias, eu tive piora ainda! Eu fui piorando dentro do meu quadro. Aumentando a dor. Estava aumentando a dor de cabeça. Foi aumentando a náusea. O cansaço foi aumentando. E dá muita angústia mesmo de você ficar na questão do isolamento. O problema da doença da parte física, ela é terrível, ela te judia bastante, entendeu. Porque você está sozinho e você está lá com um pouco de falta de ar e dores. São sintomas totalmente diferentes. Nunca tive outros sintomas na minha vida, com outros problemas. São sintomas completamente diferentes! Então você fica sozinho longe das pessoas, e você começa a se preocupar com quem está fora, entendeu. Medo de deixar filho! Medo de deixar a esposa! Medo de não ver mais os filhos! Medo de não ver mais esposa, filhos. A parte psicológica é muito! Ela afeta muito, muito a gente! Nessa semana que eu estava internado na UTI, meu pai também estava internado. Minha mãe quebrou a perna tal e tal. Então. E você se sente muito mal! A parte psicológica ela é importante. No meu caso ela me derrubou um pouco, mas ela também me deu força para mim lutar e dela sair. E lá não estavam meus filhos, entendeu. Ali, essa parte de ficar sozinho e isolado. E você não sabe que não vai ver as pessoas mais. Por que as chances de você ver as pessoas, se melhora ou piora. E você melhora ninguém vai te ver, se piora ninguém vai lá te ver. Então essa parte do isolamento, acho que, é a parte psicológica, muito dura! Essa parte é a parte mais difícil, da doença, no meu ver.”

“Fisicamente os sintomas da doença são muito fortes e te derruba, mas o lado psicológico é muito triste. Porque você está sozinho. Se você melhorar vai ser sozinho e se piorar você vai estar sozinho também. E o sentimento de poder não ver mais as pessoas que você gosta. Não ter o carinho, o toque das pessoas. Não poder dar um abraço, um beijo nos filhos, na esposa e pais, é muito difícil!”

“Na UTI o que me incomodava era o medo de não conseguir ver as pessoas, entendeu. É, porque, no dia que eu saí para o hospital, deixei meus filhos pequenos em casa, de lá eu internei e não sabia se pudesse acontecer

alguma coisa. Saí nesse dia, não dei abraço nos meus filhos, não consegui me despedir do meu pai, então, essa que era minha angústia. Conforme o tempo passava nos primeiros dias e não melhorava. Isso dava angústia de você não poder, dar um beijo, de você não poder dar um abraço. E assim é isso na minha cabeça. De repente eu ficasse sozinho, sozinho e não melhorasse ia ficar sozinho, e se a situação piora ia ficar sozinho. Então essa que era a minha angústia. De não poder ter contato. De não saber como as pessoas estavam. O medo de ter contaminado meus filhos e minha esposa em casa, de preocupação. Era a única coisa que eu pensava. Era isso que me angustiava. Injeção que eu tomava, cada exame que eu fazia, eu pensava nessa parte. Se meus filhos passassem por aquilo o sofrimento que eles iam ter, como eles iam ficar sozinhos lá. Passando por tudo aquilo que estava passando. Então é, eu rezava muito por isso, para eles não ficarem doentes. Que eles não precisassem passar por aquilo que estava passando. Se pra mim já era difícil, então para uma criança, é, uma criança não merece passar por isso. Eles passarem por isso, essa era uma das minhas maiores angústias.”

Internado na UTI e tratamento contínuo com oxigênio e diversos medicamentos

“Graças a Deus não precisei ser intubado! Eu, fiquei, fiquei nove dias na UTI. Só que desses nove dias eu fiquei sete dias no oxigênio. E fazendo, tratamento com vários medicamentos, com vários tipos de antibióticos. Só que... não podia ficar sem oxigênio de forma alguma! Se tivesse uma piora, provavelmente seria intubado! Mas graças a Deus, não fui! É, eu, fui tentando me esforçar, fazendo exercícios que a fisioterapia fazia, pra

tentar melhorar. Só que nos primeiros dias deu uma piora, mais oxigênio, mais oxigênio! No terceiro dia mais oxigênio, oxigênio! Até que no sétimo dia eu consegui ficar sem oxigênio um pouco. E aí, foi tirando, tirando aos poucos. E graças a Deus já consegui melhorar. Mas é, tinha que ir ao banheiro com oxigênio! Tinha que tomar banho com oxigênio! Não podia ficar um minuto sem oxigênio! Mas graças a Deus não cheguei na parte da, de ter de ficar intubado não!”

Medicações tomadas e a suspensão do uso de cloroquina

Relata diversos medicamentos tomados e usou a cloroquina por três dias, porém apresentou diversos efeitos colaterais.

“Eu recorde de alguns. Comecei a tomar vários antibióticos, a azitromicina. Tomei do primeiro dia até o último dia de internação, eu tomei. Eu tomei assim outro era Rocefin, que era um antibiótico. Tomei a cloroquina por três dias. Mas o médico, depois de cinco dias, que estava tratando ele retirou. Ele falou que a suspensão do medicamento não ia afetar em nada. É ele tirou. Única coisa que fez foi efeitos assim de dor de cabeça, e diarreia. Dava uns efeitos colaterais meio forte. Mas foi somente três dias só. Aí usou como medicamento a pentaglobina (imunoglobina). E com esse medicamento eu comecei a melhorar. É um medicamento que são três doses de 24 horas. Ele é aplicado direto na veia. Como se fosse um soro na veia, mas ele tem uma dosagem com bomba para dosar, por horas tantos miligramas. Assim não me lembro exato qual foi a dosagem. Mas tomei 72 horas esse medicamento. 72 horas, isso. Depois que eu tomei esse medicamento, eu comecei a reagir. Aí comecei a melhorar.”

A confirmação positiva da Covid

“Fiz o exame numa segunda-feira, num primeiro hospital, e fiquei lá e passei por consulta lá e fiz exame lá. Na segunda-feira (23/4/2020), à noite fui para um hospital que atendia exclusivamente Covid-19 e fiz um outro exame lá. O resultado saiu na 4ª feira. Porque fiz exames de dengue e de H1N1 e da Covid, na 3ª feira porque os exames que fiz e aí deram negativo e na quarta-feira de manhã saíram os resultados da Covid (positivo). Já estava medicado, por que o médico só estava esperando a confirmação. Ele já entrou com todos os medicamentos para a Covid. Mas eu já fiz os exames na segunda-feira e o resultado saiu na quarta-feira.”

A quarentena e o sofrimento da contaminação na própria família

“Bom, é quando eu, estava internado, meu filho pegou. Ficou de febre, o mais velho. Quatro dias de febre, com dor de garganta. É, o meu filho mais novo, teve febre, dor de garganta e um pouco de cansaço, também, ficou uns quatro dias. E a minha esposa antes de eu sair do hospital, teve sintomas, foi pro hospital e fez tomografia. Não foi identificado nada que comprometia seu pulmão, mas ela entrou com medicamento, de antibióticos. Ela não precisava tomar, mas ela tomou. Depois que eu saí do hospital a gente teve de fazer uma espécie de exercícios só em casa. Usar máscara, sem contato com eles é assim. O que foi preciso fazer: separamos talheres, pratos, copos, e tudo, até passar esses sete dias e aí a gente teve de ficar mais 14 dias. Então quer dizer, é, em casa ficamos em quatro. Eu, tive testado positivo, mas minha esposa e meus filhos, meus dois filhos não foram testados. Minha esposa

99%, eu tenho certeza que ela pegou! E aqui eu acho muito difícil, eles não terem pego. Eles não estão saindo de casa para nada. Acho que pegaram também. Então quer dizer que em quatro pessoas: o número que foi detectado foi um e os outros três não foram testados. Mas tenho como certeza que todos pegaram.”

“Então, a minha esposa, teve os sintomas quase iguais ao meu. Numa intensidade mais fraca. É meus filhos tiveram febre, eu não tive. Então foram sintomas diferentes. Eu acho que ele teve. A minha mãe teve sintomas igual ao meu. Também foi cansaço, dor no corpo, náuseas. Um pouco de febre ela teve, mas numa intensidade também menor. É, meu pai teve um pouco igual dos meus sintomas, mas ele estava um pouco assintomático. No caso dele a gente não sabe pois tinha feito há pouco uma cirurgia de ponte de safena, e deu água nos pulmões dele por causa disso aí, por conta da cirurgia, por conta da Covid. Foi o único com sintomas diferentes, nesse caso aí. São intensidades diferentes. Quer dizer que os sintomas, teve intensidade mais baixa. Minha mãe teve os mesmos sintomas de intensidade mais baixa, e meus filhos, dois filhos e meu pai tiveram sintomas diferentes, coisas que a gente não teve.”

Medidas de proteção na empresa tiveram de ser ampliadas e reforçadas

“Então na empresa, as medidas que eles tomaram assim. É, foi assim, era proibido de se cumprimentar. No refeitório diminuíram a quantidade de cadeiras. Pediram para manter o distanciamento dentro da empresa. É, na hora que se chegasse limpasse todo o equipamento: computador, teclado, mouse, telefone com água sa-

nitária, álcool. Disponibilizaram isso daí. É manter o afastamento até nas vans (transporte coletivo fretado pela empresa). Até pediram, ir menos pessoas nas vans. Quem pudesse ir de carro, ia de carro. Deixaram ficar, e até hoje está assim. Tem gente vindo de van, tem vindo de carro. Colocaram o mínimo de quatro pessoas por van. Usar álcool gel para todo mundo, para higienizar as mãos e tal. E depois desse episódio e tal (de várias contaminações) eles adotaram as máscaras, ainda. Então, depois que eles adotaram as máscaras. Eu acho que deu uma diminuída. Os casos cessaram. Mas é, como é uma coisa nova também, não tinha muito como, a gente dimensionar, como era a contaminação. Mas em princípio foi isto: o distanciamento das pessoas, não se cumprimentar. Ficou proibido o cumprimento, qualquer tipo de cumprimento. A limpeza dos equipamentos e as vans.”

Medidas que deveriam ter sido tomadas para que não houvesse tantas contaminações.

“Eu acho que o uso da máscara, ele deu uma segunda legal. Mas até então, o pessoal não seguia o uso da máscara. E se tivesse usado tinha melhorado muito. Porque além de lavar as mãos, o distanciamento das pessoas, foi feito. Não tinha usado a máscara ainda, se tivesse estimulado o uso da máscara tinha melhorado e tinha evitado. Tanto é, por coincidência, depois que adotou o uso da máscara, praticamente parou casos de contaminação que cessaram.”

Comorbidades anteriores à contaminação e as sequelas da Covid

Não apresentava nenhum tipo de doença anterior. Relata porém diversas sequelas decorrentes da contaminação.

“Não tive nenhum tipo de doença, não. Eu fiz avaliação cardiológica. Eu nunca tive problema. É, o pulmão também não! É, e problema gástrico também não! É, mas hoje, eu estou com muita dor no peito ainda! Até a médica me pediu para fazer uma avaliação cardiológica. Já passei no cardiologista, para fazer exame na semana que vem. Do coração, porque ela falou que pode não ser nada, mas ela não sabe ainda como que essa doença está afetando o organismo. Isso pode ser uma seqüela da doença, afetado ou não. É, então, eu estou aqui aguardando ainda o resultado destes exames, que tenho de fazer. Diz que espera não seja nada, mas é preciso fazer, porque há muita coisa nova, dessa doença, muitas coisas que os médicos ainda não sabem. Então eu vou fazer essa avaliação cardiológica. Meu pulmão ainda não está legal, mas ela diz que funciona normal. Tem seis semanas ainda para começar melhorar. E na avaliação cardiológica, Deus queira que não dê nada!”

O doloroso sofrimento físico e psicológico da contaminação.

Recorda a dolorosa experiência de sofrimento físico e mental e as seqüelas que ainda deixam marcas no corpo.

“(…) acho que a doença é muito triste. E os sintomas, são muito doídos, são muito fortes. Você sente, muito, muito o teu corpo, você sente muito. É depois disso que eu tive a alta do hospital, e voltei a trabalhar, mas não estou trabalhando ainda num ritmo ainda, estou bem fraco. O que eu faço, não está fácil não. Tem pessoas também que estão me auxiliando. No pós, ainda tenho falta de ar, tenho dor nas pernas, ainda tenho dor nas costas. O pós é muito ruim

pra você, para se recuperar. Então eu não estou bem ainda. Até eu estou falando agora, mandando essas mensagens gravando pra você. Estou já começando a cansar, já ficar ofegante já. Então, é, uma das piores coisas, eu acho! Isso é quando, pelo que eu passei. É praticamente, não está 100%, mais essa falta de ar que estou peguei. Não é nada praticamente, entendeu. Mas acho que o lado, normalmente da doença, o lado psicológico, ele te afeta muito, muito! E quando você está com toda essa falta de ar, você tem essas complicações, você fica nervoso e se sente pior ainda. Então, o lado psicológico da doença, de você não saber se volta para casa, se você vai ver as pessoas. O fato de você não ter visitas. Então se você não vai ver mais, se você vai voltar... se as pessoas vão te ver, como é que as pessoas estão também. Esse lado da doença, esse lado especial da doença ele é muito, muito triste! É ele é, eu não sei se foi um momento que eu passei, eu ficar internado. Mas acho que é um lado especial. Porque você está sendo massacrado, pelo corpo e pela doença do corpo. E a cabeça, está sendo massacrada pelo lado e pelo aspecto social, pelo aspecto psicológico, entendeu. Então isso que é, que tem de ter, uma força, para poder resistir e ficar resistindo. Ultrapassar por isso, entendeu! Como eu falei, então tem as pessoas que acham os que estão doentes, aí: “É para mim vai melhorar”, entendeu. “Se eu ficar doente vai melhorar!” E foi a primeira vez na minha vida que não tive certeza, entendeu. Foi a primeira vez da minha vida que passei por alguns momentos que eu achei que não ia voltar mais! Então é muito triste a doença, é muito triste. Porque, é uma doença que ninguém conhece então você não acha! Você não vê alguma certeza, você não vai vendo, como vai evoluir, porque nem os mé-

dicos sabem! Entendeu! E pelo que senti não existia medicamentos! Então, eles (médicos) vão medicando os sintomas para o corpo reagir se possível, entendeu! Então você fica ali, sem saber o que vai te acontecer, não tem como. “Tem dia que você fica bem, tem dia que você piora!” É então é basicamente isto. O lado social é muito triste. A doença é muito séria! E o lado social muito triste, porque você não tem muito contato com as pessoas, sabe”.

5. O contágio decorrente da aglomeração laboral

Trabalhador químico, 44 anos, casado, relata o contágio decorrente da aglomeração laboral no interior da empresa, que teve de reforçar os protocolos insuficientes na fase inicial da pandemia. Descreve os cuidados tomados com sua família antecipando a quarentena social. Detalha além do problema dos espaços físicos apertados como vestiário e banheiros, a demora do fornecimento de máscaras para o enfrentamento da pandemia.

A contaminação na empresa e cuidados de isolamento social antecipados com a família

“É para mim o contágio... É porque a gente não tem como saber se é certo. Mas para mim foi na empresa. Porque, eu, aqui em casa, quando começou esse surto, até antes das escolas pararem, eu já tinha tirado minha filha, na semana antes. Ela estuda no Sesi, eu tinha tirado ela uma semana antes. E aqui em casa, meu filho fazia, é estágio lá na engenharia da empresa deles. E nesta mesma data já mandaram ele em quarentena e está em casa até hoje. E o outro estava só estudando na São Judas (faculdade). E eu estava estudando também (fiquei), já que todos ficaram em casa. Então a gente estava fazendo a quarentena até esse dia, ninguém estava saindo”.

“Eu estava trabalhando, por isso que eu acho que foi na empresa”.

Interação e quarentena com o acordo de uma turma em *stand by*

Para viabilizar maior disponibilidade de horários, foi feito acordo sindical, em que uma das cinco turmas, tempora-

riamente ficaria sempre com 14 dias de folga para eventuais afastamentos de contaminados ou suspeita de contaminação (*stand by*).

“É, eu a princípio, a gente havia feito acordo com a empresa, colocando um turno de quarentena. É, cada turno ia ficar 14 dias. Daí o primeiro dia de quarentena do meu turno, eu já comecei a sentir sintomas. E no segundo dia fui ao hospital. Mandaram eu de volta. No quarto dia estava muito ruim e fui para outro hospital que atendia somente casos de Covid. Aí já fui internado que o meu pulmão estava com 50%. Comprometido (pulmão). Fiquei lá internado cinco dias na UTI, e dois dias no quarto, e aí tive alta. Fiquei sete dias no hospital internado. Ah, depois eu voltei, é aí a data da quarentena foi a partir do dia 22 de abril, no mês de abril foram 14 dias.

O exame positivo de Covid ocorreu na internação.

“O exame positivo de Covid, foi quando eu estava internado. Acho que foi no segundo dia que estava internado no dia 24 (abril 2020)”.

Os sintomas físicos da doença

“A princípio foi, o primeiro foi parar de sentir o cheiro e o paladar. Olfato e paladar. E aí depois uma corizinha de leve. Depois, aí só que eu senti, foi uma pressão no peito e uma dor no corpo, e sintomas de calafrio. Foi o que senti: não tive tosse, não tive dor de cabeça. Os sintomas foram esses daí.”.

Comorbidades prévias e atividades manuais desenvolvidas

Não relata comorbidades prévias, com a exceção que teve a cirurgia corretiva de uma hérnia devido os esforços físicos em sua ocupação operacional, e ter adquirido precedentemente tendinite.

“Nunca tive pneumonia. Raramente eu ficava gripado!”

Nunca tive problema pulmonar. Também não tive doença cardíaca, e pressão alta. Eu tive a uns seis meses atrás, colesterol e triglicérides alterado. Mas eu tomei um remédio, era pequena coisa. Eu fiz uma cirurgia, foi de hérnia inguinal!”

“Aí eu fiz os exames para fazer cirurgia. É aquela de videolaparoscopia, um negócio assim. E aí eu tinha o colesterol um pouco alto e aí tomei um remédio durante cinco dias e já normalizou.”

Descrição sintética de atividades pretéritas realizadas em que se exigia esforço físico e manuseio/movimentação de grandes cargas de produtos.

“A hérnia foi provavelmente de minha atividade. Devido manobras na área. Sempre tem. Agora, tipo não mais porque estou restrito lá (só na sala de controle). É mas tem sacarias de 25 quilos que a gente tem de manusear. Antes, mas agora colocaram um equipamento que você não tem esforço, tinha que ir no braço. Mas antes era tudo manual.”

“O processo mudou. Todo tipo, menos esforço.”

“Eu tive tendão, inclusive...recebendo um pecúlio referente a tendinite, artrose, devido a esses esforços aí.”

“Isso ocorreu antes de trabalhar (...) na área operacional, pois era só lá fora fazendo a mistura nas cargas, de aditivos, de polímeros e não polímeros.”

“Os produtos têm diversas camadas com diversos aditivos (...)se não nem a gente e nem o cliente consegue trabalhar com o produto, entendeu! Por causa de velocidade, essas coisas. Aí é colocado esses aditivos (são manipulados e movimentados em sacarias com pallets em estrados de madeira). E aí tem de mexer e manobrar pra saber (...)Vai lá é meia tonelada, entendeu (são movimentadas cargas em média de 500 quilos).”

“Esse trabalho era fazer a batelada (operação por lote e tipo de produto), fazer limpeza de maquinário, mas aí o principal é o manuseio de sacarias”.

Preocupações e sentimentos sofridos por causa da contaminação e as medicações na internação e a cloroquina

Impactos psicológicos sofridos durante a contaminação e internação. O sentimento de medo.

“É primeiramente quando soube que tinha ficar internado tive uma baqueada”.

“É deu uma desanimada, estava preocupado. E vê o que já morreu... esse tanto de gente, né, que passava, morte e morte, né. Daí tem de ficar preocupado.”

“Sentimento de medo. É medo mesmo. É medo.”

Medicações tomadas, desorientação e os efeitos adversos da cloroquina.

“Eu fiquei meio, eu fiquei meio... não sei como fiquei...(desorientado) achei meio esquisito. Mas depois que eu tomei a tal da cloroquina! Três dias. Porque foi assim ó. A princípio eu tomei, no primeiro dia: já tomei anticoagulante, azitromicina (antibiótico) e a cloroquina. Só que depois de uns 20 minutos que tomei essa cloroquina, eu fiquei eu passei muito mal! Muito mal, muito mal! Dor de cabeça tanto do lado direito como do lado esquerdo. Eu fiquei com uns calafrios que não cortava ! Tive uma diarreia que não parava nunca! É, fiquei muito mal! Fiquei muito mal!”

A continuidade da utilização da cloroquina

Com a incerteza da cura, foi dada continuidade ao tratamento de cloroquina, porque a febre não cedia e teve transtorno repentino jogando todas as coisas que estavam em sua volta.

“Eu falei com a médica , falei com a enfermeira que não ía tomar mais! Aí no terceiro dia que eu estava lá, a médica esteve lá, no quarto, e falou que eu teria de tomar porque minha febre não baixava, não sei o que e tal. Aí como a gente estava com uma situação daquela, que falavam que ela (doença) não tem cura, e a febre não baixava! Facultativo ela falou! Aí falei: Eu vou, vou tomar. E aí falei para ela que eu ia tomar. E comecei a tomar! Aí tomei um dia

e outro dia tive alta para o quarto! Aí no primeiro dia que fiquei no quarto que era o segundo dia que já estava tomando a cloroquina fiquei meio transtornado. Joguei tudo: os cobertores, tudo pro chão, travesseiro, minha perna ficava pulando.”

“Todo o dia eles faziam eletro lá, eles faziam duas a três vezes. Mas eu acho que estava alterado (o batimento cardíaco), porque depois que eu peguei os resultados não estava legal não. Estava bem irregular nos batimentos.”

“O batimento estava mais acelerado.”

Preocupações e sentimentos durante a quarentena

A continuidade da ansiedade e uma irritação constante relacionada ao clima geral de incertezas devido à contaminação.

“É eu estou ansioso. Quando eu voltei estava bastante ansioso. Quando cheguei em casa. Isso tá assim, vai fazer uns dois.... é um mês! É, até hoje eu estou um pouquinho ansioso, ainda. Irritação eu estou um pouquinho também, bem irritado”.

“Eu não fiquei irritado quando eu não estava contaminado. Eu estava aqui quando depois cheguei em casa. Não sei, dá um nervoso assim, oh. Fico um pouco mais nervoso agora.”

“É acho que é da situação (contaminação). Assim, ter alguma coisa, coisinha assim acho que é normal. Todo mundo tem seu, assim numa hora estar mais irritado é natural. Agora que direto assim, mais do que o normal é esquisito, é. Eu, eu fiquei muito irritado, entendeu.”

Reforça o clima de ansiedade e não de angústia quanto à contaminação.

“Não é angústia, acho que é uma ansiedade. É ansiedade! Não sei explicar direito. É, o, fato de ficar mastigando até (mostra os dentes cerrados) sentindo. Fica doído e fica até aqui doendo (esfregando a mão no meio do lado esquerdo do rosto), ficar apertando (mostra dentes cerrados) os dentes. Acho que é ansiedade.”

“Mordia os dentes (mostrando dentes cerrados) fazia as-

sim...ficava...que nem... É ficava rangendo os dentes (mostrando dentes cerrados novamente) ficava até doendo. Entendeu! Quando eu notava o dente estava doendo já.”

A ideia e pensamento de ansiedade que mais incomodava era de poder contrair de novo a contaminação.

“Eu acho que não era um pensamento assim, era só um pensamento que fico ansioso, se pega ainda, tipo de peso. Eu não sei se a gente já tá curado (da Covid-19). Se não pega ou se pega. Não sabemos ainda. Ninguém sabe ao certo. Que não pega mais. Acho isso daí, ainda não estamos nesse ponto. É você fica preocupado de pegar de novo.”

Permanência na UTI e não intubação.

“Fiquei cinco dias na UTI. Não fiquei intubado não! Por que minha oxigenação ela foi até 95%, aí a médica falou que não era necessário. Com essa percentagem de oxigenação, não era necessário não (ser intubado).”

Não senti diferença entre ficar mais preocupado no quarto ou na UTI.

“Ah aí eu acho que ficou igual”.

Atenção dada no hospital pelos profissionais de saúde

“Eu, lá no hospital fui muito bem tratado. É, tanto quando eu estava na UTI, quando depois ficava no quarto. E tem mais ainda. Eles toda a hora iam lá, pedir tipo o que está sentindo. E muitas vezes sem chamar lá, dando muita atenção. Eu fui bem tratado lá. Eficiente e de qualidade lá”.

A quarentena familiar.

“Bom, não é fácil. Por que, aqui são cinco pessoas. Eu e minha esposa, e mais três filhos. E cada um tem um pensamento, e cada um age de uma maneira. Então a gente precisa saber lidar com esses, essas coisas do dia a dia”.

A quarentena familiar seguiu o protocolo de separação de louças, cuidados no banheiro e uma série de cuidados por 14 dias.

“Nós tivemos só quando até terminar os 14 dias da qua-

rentena. Aí depois a gente não fez mais não. Até hoje está do mesmo jeito.”

Houve maiores cuidados com as saídas da residência e na compra de produtos essenciais para a alimentação.

“Quando a gente está trazendo alguma coisa de delivery aqui, é a gente tem preocupação sim, de estar higienizando tudo. É a gente sai, saiu poucas vezes. Pro mercado quando vou a gente vai comprar para o mês inteiro. Então a gente não fica saindo mesmo. A gente está bem cuidado, também usando álcool gel, lavando as mãos com frequência, usando a máscara.”

Sempre usando externamente máscaras e não fazendo uso da mesma dentro da própria casa.

Aglomerção no vestiário e banheiro principal fator de contaminação.

O contágio comunitário laboral decorreu do contato com pessoas já contaminadas na empresa.

“É foi só o contato! O fato é que tinham duas pessoas lá, que estavam com os sintomas. E depois que eu voltei daquela ida ao hospital fiquei sabendo, que a gente tinha um grupo lá na firma de Covid. E colocaram lá que tinha dois funcionários que deu positivo.”

“Aí a gente tinha contato com eles e aí pegou.”

Houve um grande número de contaminados no turno em que estava trabalhando.

“Do meu turno foi. Deixa eu contar aqui mais ou menos.

Um, dois, quatro... uns 15 não tenho certeza.”

Cada turno dispõe de cerca de 30 trabalhadores, e 15 ficaram contaminados e o principal motivo é que deixaram de tomar inicialmente algumas ações preventivas.

“O problema, acho que, demoraram para tomar algumas ações. Porque nós temos o Diálogo de Segurança. Então todo o dia, em algum momento do turno, tem essa reunião. E no início foi cogitado até que a empresa fornecesse máscara para gente e álcool gel que não tinha. A gente estava usando um álcool que era usado pra limpar as máquinas.

E depois que eu ... na verdade pra você ter uma ideia, fui internado e saí pra quarentena, máscara não tinha ainda. Então, eu acho que demoraram pra tomar as ações.”

A aglomeração no vestiário e banheiros dentro da empresa.

“É todo mundo no mesmo horário e na mesma hora até hoje.”

“No vestiário, eu acho que se tiver 80 cm de um lado pro outro do armário é muito! Acontece que quando tem um virado pro outro, tem uns dois lugares que é um pouquinho mais espaçado. Inclusive tem local que é um metro e meio. Mas tem a maioria nos espaços de tipos de armários, que fica um do lado do outro, um armário de frente pro outro que não tem como trocar, porque não tem espaço”.

O espaço no vestiário e banheiro é muito apertado.

“É apertado lá! Das empreiteiras não é um vestiário adequado. Tem que ter mais espaço. Porque eu já trabalhei em outras empresas, com um número razoável de pessoas, de trabalhadores, e o espaço era bem grande, de um pra outro de uns 2 metros ou mais de um armário para o outro.”

“Os armários ali não são adequados. Tem questão de trânsito, você vai lá tomar banho, você se escova, e volta e tem uma pessoa de frente pro armário e não tem como se trocar.”

O uso de máscaras inicialmente foi inadequado quando forneceram máscaras tipo zincobeira (para evitar queda de pelos no produto).

“Alguma pessoa estava usando (máscaras). Eu, acho que na verdade eles forneceram uma tal de zincobeira (tipo de máscara de proteção de barba) que era obrigado a usar.”

“A zincobeira, ela segura pelo (fio de barba). Segurar a barba, quem tem barba tem de cuidar. Aí me falaram que era obrigatório todo mundo usar, mesmo quem não tinha barba. Mas aquilo lá, era pra segurar pelos!. É, não era o ideal, não chega nem perto da pior máscara que tem. Melhor aquela então, pra não ser pior, é.”

Depois do número grande de contaminações começaram a fornecer quatro máscaras para cada funcionário.

“A máscara hoje lá é de pano. Deram quatro máscaras para cada funcionário. E você tem de trocar de duas em duas horas. Só que quando você traz as máscaras para lavar, e ainda mais nesse tempo agora de frio, ela não seca e fica úmida e aí você tem de levar de pano nossa, que a gente usa em casa. Aí a gente nem sabe e a gente compra e não sabe qual é o tipo. Especificação correta assim, se ela, segura ou não segura, entendeu.”

“Ela demorou para tomar ações. Agora o álcool agora tem bastante lá. Só que o problema agora é ter as máscaras. É insuficiente! Eles deram quatro. Se em um dia você usa quatro e o outro dia ?”

As máscaras deveriam ser descartáveis.

“Na minha opinião é que deveria ser descartável. Descartável. Daí, seria o seguinte, se você, vamos supor. Você tira a máscara você coloca num plástico isso e você traz pra casa. Quem te garante que aquela máscara não está contaminada e você trouxe vírus para tua casa, pro teu lar?”

6. A falha em não afastar contaminados e suspeitos na empresa

Trabalhador petroleiro, 46 anos, casado descreve o contágio entre o trabalho de turno na empresa e ou contato no bairro junto ao comércio. Refere falha da empresa em não afastar trabalhadores contaminados e suspeitos da Covid-19, e a indefinição de um protocolo preciso da doença. O medo de morrer e deixar sua família sem proteção. Na quarentena houve a propagação da contaminação para a família.

A incerteza do contágio entre contágio comunitário laboral e contágio no bairro

Contágio entre contato no bairro e pessoas que tinham suspeita na empresa que não puderam ser confirmados na empresa por falta de um protocolo técnico preciso da doença.

“Então, eu não tenho certeza como eu peguei. Eu acho que, eu moro aqui no bairro, é um bairro que tem muita incidência do Coronavírus nos ambientes, creio que quando o pessoal começou a usar máscaras na rua e a gente ainda via o pessoal usando máscaras e olhava e estranhava, em uma dessas oportunidades eu peguei, acho que no mercado, entendeu? Eu não comecei a usar máscara de cara assim, mas logo que o pessoal começou a usar. Assim, eu aderi rápido, mas não foi tão rápido.

“Olha, quando eu tive, as pessoas elas tinham suspeita, porque eu tive meus sintomas no dia 22 de abril.(...) Então eu tive meus sintomas e a empresa nessa época ela adotava aquela auto declaração. Você dizia: olha, eu acho que tive, tive uns sintomas assim, assim e assado, e a empresa te liberava do trabalho.”

“Então, no meu setor hoje a refinaria ela é dividida em vá-

rias unidades. Você tem a utilidades que abrange toda a refinaria que entrega ar comprimido, vapor, entrega água, e as unidades são interdependentes, você tem a ventilação, tem o craqueamento, tem unidade de vácuo, enfim todas as unidades da refinaria, e o que que acontece? Existe um controle integrado ao Centro de Controle Integrado - CCI, onde ficam operadores de todas as áreas e controla as unidades pelo computador, e tem as CCLs, onde ficam os operadores em cada área, então o pessoal da CCI interage todo porque ficam no mesmo ambiente. Agora nas unidades eles só interagem entre eles. Quando eu tive meus sintomas no dia 22 de abril, não haviam testes disponíveis como tem hoje, então muita gente assumiu que teve, e a empresa dispensou. Tinha um colega que trabalhava comigo, antes de eu ter os sintomas, ele fez auto declaração e não foi trabalhar, ficou 15 dias em casa, mas ele não sabe se ele pegou ou não.”

Sintomas físicos

“Dia 22 eu tive coriza, tive um pouquinho de dor no corpo. A coriza ela vinha quando eu acordava, depois o nariz ressecava de uma forma que eu nunca tinha visto, as vias aéreas elas ficavam muito secas, e os olhos também, e eu tive também um pouco de diarreia, mas não muito forte, mas moderada. Às vezes eu também sentia uma pressão no peito, não chegava a ser uma falta de ar, mas é como se tivesse um peso sobre o peito.”

“Não tive dor de cabeça. Tive falta de paladar. Sim, teve isso também, o meu paladar eu não perdi, mas senti ele alterado. Eu percebi que aqui em casa a gente compra nozes, castanhas, e fica em um pote lá, e sempre que eu vou lá, eu pego uma ou duas, aí eu comi e achei que estava com gosto de velho, até comentei com minha esposa, mas ela falou que estava normal, mas pra mim alterou bastante o sabor. Mas o olfato eu não percebi alteração não.”

Comorbidades anteriores à Covid-19

“Não tive doença cardiovascular ou pulmonar. Os exames de colesterol e triglicéres normal. Sempre que eu faço os exames periódicos da refinaria sempre dá normal. Está tudo dentro dos limites, nada alterado. Não tenho diabetes. Não tenho nada de problema gastrointestinal. Nunca fui fumante. Cerveja está menos do que eu gostaria. Só uma cervejinha e olhe lá. É o social mínimo aceitável, vai. Olha o que eu tenho de problema de saúde é um problema nas articulações do quadril. É ortopédico, fisicamente, fora o sobrepeso e esse problema na cabeça do fêmur, está tudo normal.”

“A Covid veio e foi embora e não influiu na parte do quadril. Veio e foi embora, entendeu, pra mim foi tranquilo, graças a Deus não tive nada afetado. O meu problema, por isso até que o diretor do sindicato deve ter me indicado, foi a notificação da doença para a empresa. O diretor do sindicato me colocou para falar contigo, por que o meu problema, foi ter que fazer a notificação lá para a empresa da doença”.

“Frente a uma intubação, eu graças a Deus, posso dizer que passei ileso”.

Principais sentimentos e preocupações do ponto de vista psicológico

“Olha, psicologicamente eu sou um cara assim bem pragmático, eu tenho ciência de que estamos aqui de passagem, então eu não temo pelo meu futuro, e lógico, eu espero que demore muito, mas um dia chega para todo mundo, né! Então eu não tive esse sentimento de medo, eu tive sim a preocupação de faltar com minha família! Eu tenho uma filha pequena, minha esposa, e eu quero acompanhar o crescimento dela, quero acompanhar minha esposa nessa jornada aí. É isso que me preocupou de verdade, eu fiquei com receio, mas eu pensei assim: bom eu tenho meus familiares, minha avó, meu tio avô que lutou na guerra e eles sobreviveram, então não é assim! É uma coisa que vamos ter que passar, tem que

confiar em Deus e tocar a vida. Eu não posso ficar pensando, ah se acontecer isso e por isso eu criar um, digamos assim, uma trava na minha vida que me impeça de viver, de curtir minha vida, estou curtindo o que dá”.

“O medo é um receio que você tem de faltar! Medo de morrer sim! É que minha filha está aqui, eu não quero ficar falando alto, ela está ali na sala, mas você entendeu.”

“Ela é pequena e se não fica impressionada, daí vai ter pesadelo. Mas assim, é um fato da vida que um dia virá para todos. E eu encaro assim, a gente não tem que ter medo da morte, uma hora vai vir mesmo, então aproveite a viagem.”

“Minha maior preocupação era essa, faltar pra eles”.

“O tempo que eu fiquei doente, não senti nenhuma alteração psicológica, só preocupação mesmo.”

Medicação tomada e família também atingida pela contaminação.

“Minha esposa, ela é enfermeira e trabalha com saúde pública, só que ela não trabalha na linha de frente, ela trabalha na secretaria de saúde, na gestão.”

“Houve contaminação lá sim! Eu até achei que ela ia pegar primeiro e passar pra gente, mas acabou que eu que tomei a frente da doença.”

“Ela teve depois. Sim, provavelmente eu passei pra ela, e também para minha filha.”

“A minha esposa confirmou com o teste rápido. A minha filha a gente vai fazer o exame de sangue agora esta semana.”

“Minha filha só teve febre e dor no corpo. Minha esposa só teve febre no começo e eu não tive febre.”

A medicação tomada pela família foi Kaloba, fitoterápico. O mesmo medicamento tomado pela esposa.

A cronologia dos fatos

Trabalhou 15 dias, quando deveria estar afastado em quarentena, tendo a confirmação positiva de Covid-19 neste período. O protocolo da empresa foi colocado em cheque.

“Então, vou te passar a cronologia dos fatos, aí você vai entender melhor. Dia 22 eu apresentei os sintomas, eu estava em casa já de folga, aí eu entrei em contato com a empresa no dia 23 e eu não conseguia falar com ninguém lá, eu só consegui no dia 24. Aí no dia 24 eu falei com a médica de plantão, terceirizada, lá da refinaria, e ela pediu, ela meio que não quis fazer a auto declaração. Ela falou assim: eu vou pedir que você venha no teu horário de trabalho, que era sábado dia 25 às 7 horas da manhã. Só que ao invés de você ir até o local de trabalho, eu fosse até o setor de saúde, para passar numa consulta médica, com médico de plantão. Foi feito, eu cheguei lá dia 25 às 7 da manhã, fui ao médico, e o médico lá me atendeu, fez os exames, ele me mostrou o protocolo da empresa, no qual os sintomas que eu havia tido, não se enquadravam como Covid. Só que aqui em casa eu tenho uma enfermeira que trabalha no setor, que conhece bem, que estuda. Ela é mestranda, eu sou bem assessorado na área de saúde aqui em casa, então eu questionei ele, e ele não gostou de eu questioná-lo. Porque ele estava imbuído naquele sentimento de médico e paciente. Preciso achar assim uma certa superioridade, como se o sentimento dele fosse o único! Eu questionei ele. Daí nós acabamos discutindo e ele não quis me atestar como Covid, porque não tinha como comprovar na hora. Não tinha um exame para ser feito, ele simplesmente falou assim: eu acho que você está bom para trabalhar. Eu falei: então está bom! Me dê por escrito um atestado que eu posso trabalhar, e ele me entregou um atestado com carimbo dele, CRM, dizendo que eu estava apto, falei tudo bem! Peguei o papel e guardei. Cumpri meus 15 dias, que eu deveria estar em casa, trabalhando. E quando eu saí, após esses 15 dias, eu sairia de férias. Eu saí era dia 5 de maio já, eu saí de lá às 7 horas da manhã do trabalho. Eu já passei no laboratório de análises clínicas, que é o laboratório que faz parte do Ministério da Saúde, que atende todos os protocolos, e fiz o exame de sangue, onde foi constatado que eu tive. Aí eu saí

de férias, já não ia trabalhar mesmo fiquei 15 dias em casa gozando minhas férias. Mas eu informei a empresa que eu tive Covid e que o protocolo deles era furado! E aí me ligaram aqui e falaram: como é que foi, como é que não foi, para que eu pudesse explicar. Eu falei: Não, a explicação quem tem que dar é vocês, com esse protocolo que a empresa pratica, simples, vocês mostram total despreparo para essa condição. Só que enquanto eu trabalhava desde o dia 22 eu já usava máscara “full time”. Eu parei de usar o transporte que a empresa oferece e comecei a usar meu próprio veículo para me deslocar, para evitar contato, entendeu? Eu sabia que assim, eu não podia deixar de trabalhar, falar assim: não vou. Eu fui! Só que eu me cerquei de todas as formas pra evitar que eu expusesse qualquer colega de trabalho à doença. Por que eu não tinha certeza, eu só fui ter certeza depois”.

Trabalhou com suspeita de Covid, e ficou preocupado em estar contaminando outros colegas neste período, até porque em um dos grupos tinha ocorrido um óbito entre petroleiros.

“A preocupação eu fiquei, aqui em casa principalmente, mas como eu não tinha maneira de fazer teste, então foi meio que um voo às cegas. Aqui em casa eu procurei me cercar também de cuidados, lógico como foram provados não foi o suficiente, mas no trabalho eu fui bem mais cuidadoso, e creio eu que não passei pra ninguém. Tanto é que no meu grupo, no grupo que eu trabalho, poucas pessoas tiveram. O foco hoje é outro grupo, que a Covid atacou várias pessoas. Inclusive nosso colega que faleceu era desse outro grupo.”

O trabalho desenvolvido na empresa e a proximidade física entre colegas

“Eu trabalho na CCI, que é o Centro de Controle Integrado, uma sala de controle grande, totalmente fechada, parece um bunker, com ar condicionado ligado o tempo

todo, sem janela, e a gente trabalha lá cada um no seu console, um ao lado do outro”.

“Todas as pessoas trabalham umas ao lado das outras, de todas as áreas. A chefia também ficava, mas eles tiraram. Supervisores e o coordenador de turno saiu de lá de dentro, mas ele ficava lá dentro também. Olha, são seis supervisores, um por turno, e 35 operadores.”

“No meu grupo, eu tenho a lista no meu celular, mas foram poucas as pessoas que apresentam sintomas. Oficialmente fui só eu, porque só eu fiz o teste. Agora que os testes estão se popularizando outras pessoas estão descobrindo que tiveram, entendeu?”

“No meu caso foi confirmado porque eu me prontifiquei a ir em um laboratório e pagar do meu bolso pra fazer o teste”.

A empresa objetivava a continuar operando, não resguardando a saúde dos trabalhadores.

“Na verdade assim, eu sinto que a empresa está reagindo, mas é por necessidade dela manter a empresa operando, do que digamos assim por preocupação com seus funcionários. Porque o fato de eu ter falado para o médico, olha eu acho que tive Covid, ele deveria me afastar. É o que ela propagou, falou olha, você faz auto declaração e você vai ser dispensado por 15 dias. Só que na prática não funcionou. Eu só seria dispensado se eu tivesse os sintomas que eles lá na chefia acharam que eram importantes, mas outros sintomas estavam excluídos do protocolo da empresa. Então, quer dizer, o que aconteceu no meu ver, a gerência se reuniu lá, e falou assim: olha esse sintoma aqui, é coriza, ah isso aí é bobagem pode tirar, isso aqui febre, febre deixa. Esse sintoma aqui, que não estava aparecendo, mas agora já apareceu, bolha no pé, isso aí é bobagem também. Dor de barriga: só se tiver com outro sintoma, entendeu? Eles pegaram a realidade, e fizeram ela de uma forma que ajudasse eles a manter a empresa operando sem problema, sem pagar hora extra, entendeu? E não pensaram na qualidade de vida, na segurança das pessoas.”

Medidas que deveriam ter sido reforçadas para poder evitar o contágio

“Pelo que a gente sabe hoje, o uso da máscara é mandatório, certo? Outra coisa, você evitar o contato social, que é uma coisa que vem desde o começo. Então, por exemplo, todo mundo que trabalha na refinaria tem o contato social dentro do ônibus e você interage com as pessoas que vão ali cada um para seus setores e depois no seu setor você tem contato com seus colegas, se você, digamos assim, cortar esses contatos o máximo possível, você minimiza as chances de contágio. Então se eu fosse alguém, que tivesse um poder de opinião na empresa, eu simplesmente iria falar assim: quem tem automóvel se disponha a pagar a vir com seu próprio automóvel, eu sou uma empresa de petróleo, tenho gasolina aqui lotando os tanques, eu tenho mecanismos para reembolsar o seu combustível, então faça assim: venha com seu carro, você vai com seu carro até sua unidade de processo, para ele ali do lado, entra para trabalhar e volta. Você só vai ter contato com os colegas que estão ali, na tua área, e eu te reembolso, eu sei onde você mora, eu sei a distância, então: seu carro faz tanto por litro, então pega isso aqui de combustível, pronto! Só isso aí.”

“Os nossos ônibus no trabalho, são aqueles ônibus que os vidros não abrem e só tem umas janelinhas pequenininhas em cima e ele tem ar condicionado. O que foi feito, o pessoal melhorou a higienização do ônibus, e passou a andar com aquelas janelinhas abertas, mas as janelinhas são ridículas de pequenas.”

“É o ônibus ele tem 42 lugares, vai cerca de 20 pessoas nele, às vezes menos. Pelo menos na minha linha que é um ônibus grande. Mas os micro ônibus acho que são 22 lugares, mas também não vai cheio.”

“Olha, hoje o vestiário lá na refinaria, ele tem cada vez menos petroleiros trabalhando, então o vestiário é até bem vazio. Eu acho minha opinião, pelo que eu vi lá, a higienização do vestiário ela poderia ser melhorada, en-

tendeu? Eles limpam uma vez por dia, mas poderia ser com uma frequência maior”.

A preocupação maior com a limpeza, e não está havendo cuidados maiores na hora da alimentação.

“A limpeza melhorou uns 50% se for botar em números. Mas no refeitório eles fizeram o distanciamento social, reduziram para que as pessoas não fiquem próximas. A nossa copa no CCI é onde é o nosso refeitório, o próprio pessoal ainda não se conscientizou da forma correta de se alimentar. Muitas vezes as pessoas estavam indo almoçar e ficavam conversando, que é a hora que você tira a máscara. Estavam aproveitando para conversar no almoço. Então as próprias pessoas elas não tiveram essa dimensão de entender que você vai se alimentar e você não pode falar, só vai lá come e depois coloca a máscara e conversa.”

Uso da máscara foi reforçado depois do grande número de casos no outro grupo de turno.

“Olha, eu entendo da seguinte forma, o meu colega que trabalha do meu lado, ele foi o primeiro a usar máscara, logo depois eu comecei a usar também. No começo o pessoal tirava sarro, achava bobagem, que era exagero. Antes de eu estar doente eu já usava máscara, eu só segui a minha forma de conduzir o assunto, mas o pessoal não levava muito a sério. Muita gente não usava, levava mas só usava no começo, até a hora que deu o boom de casos do outro grupo. Na hora que surgiu a avalanche de gente doente aí todo mundo passou a usar”.

A consciência da gravidade da pandemia contribuiu para ampliar as medidas de proteção individual.

“Eu acho que o pessoal fez como todo brasileiro faz, encarou assim, empurrou com a barriga. Na hora que precisar eu faço o que precisa, mas quando o pessoal viu que a situação ficou ruim aí criou-se aquele: nossa! Agora todo mundo aparece de máscara, toma cuidado e tal, mas mesmo assim você vê que, as pessoas elas ainda cometem gafes, vamos dizer assim.”

“Olha, o que eu acho é que falta as pessoas a real dimen-

são do problema. Não só no trabalho, tem colegas que são o próprio enfermeiro lá da área da saúde que trabalha no meu grupo, ele achava que a Covid-19 era uma gripe mais forte, ele falava. Ah não, isso aí não vai dar nada. As pessoas elas meio que relutaram em aceitar a verdade, eu entendo isso como uma característica do povo brasileiro, que é tido como um povo cordial. Se você for ler esse termo aparece aí na literatura, o brasileiro cordial. O que é o cordial? Ele é guiado pelo coração, só que o coração é burro. O brasileiro ele precisava ser um pouquinho menos cordial e mais cerebral, e realmente vê o que estava acontecendo, a gente teve uma oportunidade de ter uma prévia vendo o problema na Itália, vendo aquela onda, depois na Espanha, e foi chegando, como chega uma tempestade, e o pessoal: ah, não vai dar nada. Faltou realmente você parar: espera aí, vamos olhar os fatos. Os fatos são X, Y e Z, isso aqui vai dar merda gente, vamos, convenhamos que quando chegar aqui vai complicar. Então faltou isso mesmo. Faltou cabeças pra gente analisar o que estava na nossa cara.”

7. Enfrentando o confinamento do confinamento na pandemia

Trabalhador petroleiro, 36 anos, casado, contaminado em plataforma em alto mar. Para embarcar fez exame rápido de detecção que não acusou contaminação. No sétimo dia de trabalho apresentou os sintomas físicos de Covid, e foi resgatado com mais dois colegas para o continente no dia seguinte. A quarentena deu-se em um hotel destinado pela empresa. As medidas adotadas em uma plataforma tornam-se o confinamento do confinamento, já que os espaços são muito restritos.

O contágio na plataforma e os sintomas físicos

Havia embarcado, ou seja estava em atividade na plataforma cuja permanência é de 14 dias. No sétimo dia teve sintomas da doença.

“O contágio suspeito que foi lá mesmo, não foi fora, acho que foi na plataforma mesmo. Como eu já tinha sete dias embarcado, aí depois de sete dias que começou a surgir os sintomas.”

“Os sintomas foram febre, dor no corpo, garganta inflamada, basicamente esses três.”

“Não tive nenhum tipo de dor de cabeça.”

“Acho que a coisa que chamou a atenção foi a perda do olfato, não sinto o cheiro de nada, fora isso, tudo normal. Para sentir o cheiro tenho que forçar bem, bem fraco o cheiro.”

“Agora, depois que adquiri, nem o perfume eu consigo sentir o cheiro”.

Comorbidades

Não relatou nenhum tipo de doença pré-existente, como problema cardiovascular, pulmonar, pressão alta, colesterol e

triglicérides. Diz não ter sentido sonolência ou insônia durante a contaminação, que estava normal. Não tem diabetes ou algum problema gastrointestinal e não é fumante, não bebe qualquer bebida alcóolica.

Exame negativo ao embarcar e positivo quando estava em quarentena após os sintomas

Antes de embarcar na plataforma, como procedimento da empresa no mês de maio, fizera o exame de sangue, o sorológico (teste rápido) para constatar se os trabalhadores estavam contaminados ou não.

“O exame de sangue que a gente fez antes de embarcar deu negativo.”

“É, quando a gente embarca tem que estar fazendo, aí deu negativo”.

No momento da entrevista o trabalhador estava em quarentena ainda, e nesse período fez novamente o exame de sangue, o PCR, o do cotonete, exame molecular que detecta o vírus no começo da doença.

“Fiz um outro exame. Fiz aquele do cotonete. Já teve o resultado. Foi o que deu positivo, o resultado saiu ontem.”

“Ele foi feito, foi recolhida aqui a amostra no sábado pela manhã. A data não me recordo agora, acho que dia primeiro (junho). Ontem que deram o resultado, o laboratório deu o resultado ontem, positivo!”

“É uma empresa contratada, um laboratório contratado, eles falaram isso pra gente aqui.”

Preocupações e sentimentos psicológicos

Sentiu medo pelo fato da febre ter persistido um pouco, mas não teve pânico, somente medo normal. Preocupado e receoso com a comoção midiática da morte por Covid.

“Assim, eu agora me sinto bem. Acho que está um pouco fora de perigo, mas aí tem esse sentimento, que agora estou meio fora de perigo, mas não passou ainda. A pre-

ocupação agora é não passar para ninguém, não transmitir.”

“Agora não estou sentido medo. No início quando começou a febre, no segundo dia que a febre não passou aí eu fiquei com um pouco de medo. Tanta notícia do pessoal morrendo que a gente ficou com um pouco de medo quando viu que a febre não passou, não estava confirmado ainda, mas fiquei com receio, um pouco de medo.”

“Não tive pânico não! Medo normal. Uma coisa que você não conhece e vendo na televisão o pessoal morrendo, aí você fica com aquele medo também, aquele sentimento. Mas quando eu vi que estava passando, que melhorou a febre, que passou mais, aí o medo foi passando. Agora praticamente estou mais tranquilo, mas no início a gente fica com receio mesmo. Tanta notícia ruim.”

Não relata ter sido acometido por desânimo, ansiedade ou angústia. Não sentiu irritação ou nervosismo neste período da contaminação.

Medicação e tratamento médico devido a contaminação

“Assim que eu desconfiei (da Covid), porque tem as orientações na plataforma, assim que você sentir qualquer sintoma suspeito você deve entrar em contato com a enfermaria. Aí eu fui para a enfermaria, fiz uma consulta com o médico por vídeo conferência, com a enfermeira do lado e o médico passou praticamente dipirona e um antialérgico, não me lembro do nome agora, mas foi dipirona e antialérgico, estou tomando isso há quase 10 dias. O antialérgico acabou, o dipirona eu também parei, pois não estou sentindo mais nada, o pessoal está acompanhando aqui no prédio (local da quarentena), tem um pessoal da enfermaria aqui.”

Relata não ter sentido falta de ar em nenhum momento.

“Nenhum pouquinho”.

Resgate para o continente

Ao ter sido detectada contaminação no 7º dia que estava na plataforma, passou por isolamento na própria plataforma e foi transportado para o continente no dia seguinte.

“Quando eu passei pela triagem lá na plataforma, estava certo de no mesmo dia eu desembarcar. Só que como está tendo vários casos de várias plataformas, o meu voo teve que ser transferido para o dia seguinte. Então eu procurei a enfermaria na quinta, aí estava tudo certo para desembarcar na quinta mesmo, só que aí teve problema, tem vários casos de várias plataformas, aí não conseguiram atender a tempo. Eu desembarquei na sexta. Pernoitei mais uma noite na plataforma, isolado em um camarote e na sexta-feira eu vim”.

Normalmente um camarote na estadia normal da plataforma é para duas ou quatro pessoas.

“O camarote geralmente é para duas ou quatro pessoas. Eu estava em um camarote para duas pessoas, assim que foi detectado a enfermeira me transferiu para ficar isolado em outro camarote.”

Nesta mesma plataforma no resgate mais duas pessoas foram transportadas.

“De lá comigo desceram mais duas pessoas. Um colega que estava com suspeita antes de mim, só que ele estava em acompanhamento, aí como surgiu meu caso resolveram descer todos. E desceu mais um colega que estava dividindo o camarote comigo, ele desceu só porque estava dividindo o camarote comigo e o pessoal achou por bem descer ele também.”

A quarentena no hotel destinado pela empresa.

“Eu estou em um hotel, a empresa deixou a gente em um hotel.”

“Ela colocou a gente aqui em um hotel para fazer o exame e ficar o período que for necessário para acabarem os sintomas se for o caso, ou ter o atendimento se necessário ir para um hospital.”

O trabalhador, durante a entrevista, estava no oitavo dia

de quarentena no hotel.

“Cheguei aqui na sexta-feira, quinta já comecei lá no camarote isolado, tem uns sete dias agora, oito dias.”

Família distante da Covid

A família não teve proximidade com o trabalhador, por estar distante do hotel da quarentena e esposa e filhos não tiveram sintomas e não fizeram os exames.

“Ninguém (da família) apresentou sintomas, eu só fiz o exame mesmo, porque para embarcar agora está fazendo exame, se não eu nem tinha feito.”

A contaminação na plataforma

Confirma a contaminação na própria plataforma, e já tinham acontecido casos de contaminação anteriores na mesma plataforma.

“Pelo tempo (a contaminação) acho que foi lá mesmo”.

“Teve gente que foi contaminada e que já voltou para trabalhar.”

“Teve outros colegas sem ser esses dois que já tiveram a Covid que desembarcaram, passaram o período em casa, voltaram a fazer o teste, estavam recuperados e voltaram a embarcar.”

Medidas de proteção exigem maior confinamento: o confinamento do confinamento

O espaço de uma plataforma, já normalmente é confinado, e é preciso evitar ao máximo a aglomeração prejudicando o pouco espaço social e comunitário disponível.

“Dá para evitar aglomeração. O pessoal lá está fazendo um trabalho relevante em termo de evitar aglomeração, tanto nos refeitórios quanto nos camarotes. Camarotes que são para quatro pessoas estão deixando duas pessoas, tem camarote que estão deixando uma pessoa só. Acho que mesmo com toda essa preocupação, toda essa nova

rotina, acho que mesmo assim está difícil evitar o contágio. É muito complicada, a gente tomou várias medidas, uso de máscaras, uso de álcool gel, afastamento e tudo mais e mesmo assim têm pessoas que estão pegando. Então não sei é complicado.”

“Assim, dá para evitar (aglomerações), mas eu acho que sinceramente não tem como evitar esse contágio. As medidas estão sendo tomadas. Tem o afastamento, a academia de bordo lá fechou, todas as áreas comuns foram fechadas. O pessoal respeita o distanciamento, o uso de máscaras, de álcool gel, e mesmo assim está tendo o contágio, eu acho muito complicado.”

Os desafios para evitar o contágio biológico são enormes, e ao mesmo tempo há os riscos da insalubridade e da periculosidade. Há uma exigência de proteção dupla.

“Desde o início a empresa forneceu máscaras, forneceu álcool, que já tinha lá álcool gel para usar, fazer a higienização, agora só fortaleceu o uso. Forneceu orientação, proibiu sair do camarote sem usar máscara. As medidas foram tomadas, mas é muito complicado, o vírus tem o contágio muito forte, qualquer detalhe, qualquer vacilo está sendo contaminado.”

Medidas adicionais no confinamento do confinamento em virtude da Covid

Os cuidados para evitar a contaminação em um momento em que os testes também falham e a preocupação de todos deve ser redobrada em um ambiente já confinado, em que devem ser adotadas medidas rígidas de afastamento social nos poucos momentos de lazer existentes. Os testes também deveriam ser feitos no desembarque também.

“Opinião minha, é quase impossível evitar. Eu não estou querendo defender, mas o que cabe a empresa ela está fazendo, só que pelo fato de ser uma situação nova, ser uma doença nova, fica muito complicado. Até os próprios testes não são fiéis, não tem como confiar tanto nos tes-

tes. Porque os testes de sangue mesmo, teve colegas que já teve, fizeram o teste e estava dando negativo, como se nunca tivessem tido, é uma situação muito complicada pra todos. O que a empresa poderia fazer, ela está fazendo, está testando. Acho que deveria também testar no desembarque, para as pessoas não ter que levar isso pra casa. Mas já está testando no embarque, está fornecendo a máscara, álcool gel, tomando as medidas de precaução. Aí bate na potencialidade do vírus e também um pouco na educação das pessoas, impacta um pouco esse lado.”

A acomodação individual ajudaria bastante para diminuir o fator contaminação, o que complicaria com a diminuição do efetivo e problemas para realizar as operações e manobras com mais segurança.

“É, a acomodação individual ajudaria bastante, esse termo de isolamento. Só que se fizer uma acomodação individual vai ter que diminuir bastante o efetivo, e diminuir o efetivo às vezes complica algumas operações. É um caso para ser estudado, mas é um caso meio complicado, porque já temos um problema grande de efetivo, às vezes tem que fazer várias manobras, aí tem que desembarcar as pessoas para embarcar a outra equipe pra fazer determinada manobra porque não tem vaga a bordo, e se a gente chegar e encontrar um camarote por pessoa, acho que vai ficar ainda pior em situações de operações. Mas seria um caso a se estudar, mudar a estrutura da plataforma, diminuir os camarotes, fazer mais camarotes individuais, poderia ser feito assim também.”

“Lá em média ficavam embarcadas 150 pessoas antes da pandemia.”

“Numa plataforma tem enfermeiro permanente. Não tem psicólogo”

Os dias embarcados exigem equilíbrio mental, como contatos via teleconferência com a família, pois no momento devido a pandemia, no confinamento do confinamento, não ocorre contato social devido as áreas comuns estarem interditadas.

“Fica um pouco mais complicado, tem essa questão que

já é um confinamento em si trabalhar na plataforma. Aí você vai fazer o confinamento do confinamento, porque você não tem mais nada pra fazer, praticamente trabalha e dorme, porque as áreas comuns, academia, área de lazer foram todas interditadas por causa do problema. Então você tem que estar com a cabeça muito boa, se não você surta, é só trabalhar.”

Para se manter saudável é preciso contatos, e saber que a principal meta é sua família para manter-se saudável mentalmente.

“Conversar com a família, ligar pra casa, conversar com as pessoas e saber realmente o que você foi fazer ali. Você foi ali para ganhar dinheiro, então você tem que cumprir aquela fase e depois voltar pra casa. Ser bem consciente do que você foi fazer ali, que o importante é o que está em casa (família). Importante é pra que você está ali, saber o que realmente está fazendo ali. Você saiu, está vendendo seu tempo, suas horas com a família, ter isso fixo na sua cabeça para manter sua sanidade.”

“Assim, eu acho que a empresa, eu não sou de ficar defendendo, o que estiver errado tem que falar pra tentar corrigir, mas eu acho que a empresa está no caminho certo em termos de fazer as medidas. Talvez ela não esteja tomando porque quis, talvez porque alguém pressionou. Mas eu acho que está sendo bem efetivo, eu acho que vai melhorando com o tempo. Sinceramente eu acho que infelizmente esse vírus a maioria das pessoas vão ter que pegar, o contágio acho que é inevitável, sinceramente.”

8. Preocupação com a família frente a uma doença terrível

Trabalhador químico, 51 anos, casado, foi contaminado por contágio comunitário externo à fábrica, posteriormente foi confirmado o contágio de outro colega. Não foi internado, mas teve uma quarentena de quase um mês, já que os sintomas não regrediram facilmente, pois é uma doença terrível. Sua maior dor e preocupação era contagiar a família, ficou também angustiada e com medo de morrer. Quando de seu retorno à fábrica apresentava ainda algumas sequelas da contaminação.

O início da contaminação e os sintomas iniciais

Após quatro dias em turno de 12 horas via que sua gripe não melhorava, e durante a folga seus sintomas de gripe evoluíram para perda de olfato e paladar, calafrios, dor no corpo e muita dor de cabeça. Ao procurar o hospital na folga foi afastado preventivamente pelo médico com suspeita de Covid.

“Então, fui trabalhar e comecei a sentir dor de cabeça como se fosse princípio de resfriado, tomei um antigripal, mas ao passar dois dias eu fui percebendo que não estava melhorando. Trabalhei quatro dias de 12 horas e ao final do expediente eu falei ao meu supervisor que não estava me sentindo bem, ele perguntou se eu estava preocupado, mas eu já estava indo embora. Fui pra casa e fiquei os quatro dias da folga tentando remediar, achando que era só um resfriado, sempre conversando com meu supervisor ele perguntando se eu estava melhor. No último dia de folga, falei com ele via WhatsApp que não estava sentindo melhoras, fui ao hospital. Ao chegar fiz alguns exames, o de influenza não deu nada, o de sangue deu um pouco alterado. Pelos meus sintomas, perda de olfato, paladar, alguns calafrios durante a noite, dor no corpo e muita

dor de cabeça, o médico falou que pelos meus sintomas e como o exame de influenza deu negativo era provável que eu estava com a Covid-19. Que iria me afastar por 14 dias, e assim foi no dia quatro de maio de 2020. A empresa entrou em contato comigo para saber como eu estava, expliquei os sintomas e eles marcaram para eu fazer um exame, pois o médico do hospital me disse que o teste estava sendo disponibilizado apenas para quem é da área de saúde e ele não poderia fazer o teste no hospital. Expliquei a situação para a empresa e eles marcaram o exame para mim na Vila Mariana. Me pediram para tomar todos os cuidados e ir sozinho para fazer o exame. Fui no dia 11 de maio fazer o exame e depois de uma hora mais ou menos veio o resultado com a confirmação da doença: IGM reagente e IGG não reagente. Eu estava com a infecção aguda, o médico me receitou tamiflu e paracetamol 500mg para dor de cabeça. Fiz o isolamento e no dia 18 a empresa enviou um agente de saúde na minha casa para eu fazer um novo teste e foi detectado que eu não tinha mais a infecção aguda e que meu organismo tinha gerado os anticorpos para combater a doença.”

“O primeiro exame para detecção de Covid-19, foi feito no dia 11 e o segundo no dia 18 de maio, sete dias após”.

Acredita ter sido contaminado inicialmente nas idas ao supermercado.

A quarentena prolongada e o afastamento de mais um colega de turno

“Continuei a quarentena! No dia 18 terminava o meu atestado dos 14 dias, mas eu não estava me sentindo muito bem, um pouquinho de dor na região dos pulmões, nas costas, cansaço ao me locomover e eu retornei ao médico. Como o meu grupo ainda estava de folga, eu conversei com ele, não melhorei nesses dias, eu retornei lá depois e ele me deu mais sete dias de afastamento, retornei ao trabalho no dia 28 de maio, não cheguei a ficar um mês em casa.”

Preventivamente foi feita entrevista pela empresa com todos os colegas que tiveram contato e um colega do mesmo turno teve resultado positivo também.

“A empresa entrou em contato comigo e fez uma entrevista e me perguntou com quais pessoas eu tive contato. Eu relatei pra eles quais pessoas que eu tive contato, nos comunicamos via WhatsApp e eles afastaram todas essas pessoas para fazerem o teste e verificar se eles estavam contaminados. Dessas pessoas só um que não apresentou anticorpos no primeiro exame, mas apresentou no segundo. Os outros fizeram os exames e não tiveram problemas.”

Os sintomas físicos da Covid, e as sequelas ainda existentes

Descreve com mais detalhes os sintomas físicos da contaminação, e mesmo tendo retornado ao trabalho apresenta algumas sequelas.

“A dor de cabeça que foi mais intensa, e que mais me incomodou. Tive muitos calafrios por duas noites, acredito que foi febre, perdi o paladar e o olfato. Senti dores musculares, mas não muito intensa. Já no finalzinho fiz duas tomografias de pulmão, a primeira apresentou até 10 de comprometimento e a segunda 25, que foi quando eu já estava no final da quarentena. O médico explicou que é assim mesmo, como eu peguei no começo, a doença evoluiu e fica como uma cicatriz, demora um pouco para sair da tomografia a indicação de comprometimento. Eu pratico bastante esporte. Então minha condição física é boa e eu sentia cansaço ao subir escada. Se eu falasse muito rápido e quando eu respirava fundo me doía um pouco o pulmão. Foi aí que eu retornei ao médico e ele me deu mais alguns dias. Nesse momento ainda me incomoda um pouco as costas, quando eu respiro ainda dói um pouquinho. Pretendo marcar um pneumologista para acompanhar, vê se ficou alguma sequela, alguma coisa.”

Tratamento médico e medicação

“Não houve necessidade de internação, todo o tratamento foi feito em casa mesmo”.

“A medicação que tomei foi o tamiflu, o paracetamol 500mg, e depois que eu retornei ao médico como o pulmão não estava legal ele passou acetilcisteína (expectorante)”.

“Quanto à cloroquina: Eu não tive contato, não foi necessário, eles não me indicaram esse remédio não.”

Comorbidades e doenças pré-existentes

“Graças a Deus não tenho problema cardíaco, nem hipertensão, nem diabetes, nada. Tenho uma saúde boa, graças a Deus. Triglicérides está normal. É a primeira vez que tenho problema com o pulmão. Nunca fui fumante. Não tenho outro tipo de problema relacionado à saúde física não! É tranquila.”

Sintomas psíquicos: sentimentos e preocupações com a contaminação

Preocupado em contaminar a família e teve medo de morrer.

“Minha maior preocupação, minha maior dor foi em relação a minha família, tive medo de passar a infecção para eles, e depois como estão as estatísticas, muita gente falecendo por causa dessa pandemia, eu fiquei com medo de morrer. Eu tenho um filho adolescente de 17 anos e deixar ele desamparado, minha maior preocupação foi com minha família, senti medo de morrer não por mim, mas por eles, eu fiquei bastante preocupado nesse aspecto.”

“Só medo mesmo. Eu não cheguei a me desesperar não, porque eles estavam muito preocupados comigo. Então eles tinham que ver em mim alguma tranquilidade. Então eu procurei buscar força na imagem deles. Falei eu estou bem, eu não estava me sentindo tão mal assim. Segundo informações que a gente vê na mídia. “Eu estou bem”, “É capaz que eu consiga”. Então fui mantendo a calma. Pri-

meiro eu tive aquele medo, esse que eu acabei de relatar. Mas depois eu fui mantendo a calma. Fui me cuidando e as coisas foram caminhando bem, graças a Deus.”

“É um medo natural. Essa questão de mídia e política eu acompanho mas com muita serenidade, avaliando os fatos, buscando a veracidade das informações. Muita coisa que a gente vê que não tem fundamento, então eu procuro buscar informações que sejam verdadeiras. Eu não procuro me influenciar muito com isso não. Olhei mais para meu aspecto familiar, para a minha condição física e procurei me manter, isso não me influenciou não (referindo-se ao momento político)”.

Quanto ao pessimismo, indecisão, ansiedade ou angústia neste momento diz ter sentido mais angústia.

“Eu senti angústia, fique angustiado um tempo, fiquei bem quieto, quando eu ficava parado, só isso mesmo, mas eu procurei lutar contra esse sentimento.”

“Na angústia pensava na minha família, pensava em mim, que eu poderia vir a falecer, eu estava preocupado mesmo com minha família e comigo.”

“Não tive irritação ou nervosismo! Por incrível que pareça eu fiquei bem sereno, bem tranquilo, bem calmo. Foi até atípico, pois geralmente eu sou um pouco agitado. Como eu precisei ficar parado eu refleti sobre muitas coisas e isso me ajudou a acalmar”.

“Eu tive desânimo sim! Não sei se foi a parte psicológica ou por conta da enfermidade, eu fiquei muito cansado, com muito sono, eu dormia o dia inteiro. Esse desânimo físico que eu senti.”

Na quarentena a família não foi contaminada e foram seguidos os protocolos de isolamento.

“A família não teve nenhum sintoma relativo à Covid! Minha esposa e meu filho não tiveram nada, graças a Deus.”

“Na quarentena tomamos os cuidados. Então, eu fiquei isolado em um cômodo da casa, procurei separar uns utensílios meus, a parte de higiene tudo, separadinho, a

gente já tem esse hábito. Procurei sempre usar o álcool gel, usei máscara o tempo todo. Quando eu tinha que sair ir até o portão já usava a máscara, luvas, esses cuidados, não ter contato físico, manter uma distância de no mínimo um metro e meio, foi assim. Não foi fácil ficar longe.”

O fato de estar próximo com sua esposa e filho na quarentena, contribuiu para estar mais tranquilo, do que se ficasse isolado sozinho.

“O apoio é muito importante, saber que tem pessoas ali com a gente, cuidando, preocupados, foi excelente. Pra mim nesse aspecto foi muito bom, pois a vida da gente é muito corrida, pena que eu estava enfermo, mas foi muito bom estar perto deles.”

“Na quarentena quem fazia as compras externas era minha esposa e meu filho.”

Medidas de proteção adotadas pela empresa

Relata o acordo de turno sindical que foi feito para que dois turnos ficassem em *stand by*, mudando de 8 horas para 12 horas temporariamente e as orientações com diretor e médicos.

“Eles tomaram bastante providências. Até tinha conferências diárias do diretor passando orientações, médicos, foi bem legal a orientação. Eles se dispuseram a fazer uma tabela de turno alternativa, onde ficam 2 turnos ali parados, ao invés de trabalharmos sete dias, passamos a trabalhar quatro de 12 horas. Cada turno fez uma quarentena de 15 dias, esse foi o primeiro ciclo, agora estamos indo para o segundo, agora dobrou o ciclo. Eles disponibilizaram máscaras, álcool gel pra gente usar de forma individual e na empresa. Eu gostei da atenção foi legal o que foi feito.”

Houve reforço das medidas e maior preocupação na empresa depois da contaminação.

“Quando eu voltei, notei que já tinha alguma coisa diferente. Colocou um acrílico na sala de trabalho, na sala de controle. Quanto à alimentação que desde o começo tem

uma pessoa que fica nos servindo. A parte de operação está sempre isolada em um canto, reservado, intercalado. O mundo inteiro está se adaptando, é uma coisa nova. Eu percebi uma preocupação maior, até então não tinha casos, eu achava que as medidas que já tinham sido tomadas seriam o suficiente, aí procuraram dar mais uma aperfeiçoada. Agora quando vamos pegar o turno é uma pessoa só que conversa. Os outros dois saem pelo outro lado. É feita toda uma higienização da área, do posto, do local de trabalho antes de começar. São medidas que estão sendo adaptadas de acordo com o que o quadro vai apresentando.”

“Cada turno tem de oito a nove pessoas”.

A mudança excepcional de turno de cinco turmas de 8 horas (anterior) para cinco turmas de 12 horas (pandemia) na empresa.

“É muito melhor o regime de turno anterior a pandemia, não tenho dúvida. Mas por questão da exposição alguma coisa tinha que ser feita, e foi o que eles fizeram. Agora um turno de 12 horas é ruim, é muito cansativo e a gente fica atenuado”.

“A tabela atual de 12 horas eu não tenho decorado. Mas é mais ou menos isso, trabalha quatro dias diurno e fica quatro dias de folga, ou você trabalha quatro noites e no dia já sai folgando. Então seria quatro, o dia que trabalhou e mais três dias. Depois temos um período de 16 dias de quarentena e depois tem uma folga de oito dias também.”

Uma doença terrível

“Eu só gostaria de dizer que essa doença é terrível, não é uma brincadeira. Eu percebo que têm pessoas que não dão a devida importância, e realmente eu fui contaminado. Eu tive os sintomas e não preciso ir muito longe. Eu vejo vizinhos, pessoas fazendo festas, um tomando na latinha do outro, pessoas com mais idade que eu. Então pedir para essas pessoas que tenham consciência e se cuidem, porque se não vai morrer muita gente.”

9 - Solidariedade dos amigos, descaso da empresa e perseguição sindical

Trabalhador petroleiro, 52 anos, separado. Submetido à testagem em massa no seu grupo de trabalho o exame deu positivo, e não apresentava sintomas físicos. Relata o problema da solidão durante a quarentena preventiva, a solidariedade dos amigos e familiares, e descaso da empresa, e preparava-se psicologicamente até para algo mais grave. Acredita que as medidas adotadas pela empresa foram demoradas e sem qualquer tipo de diálogo social com os trabalhadores e sindicato.

A história da contaminação na empresa e resultado positivo de Covid-19

Medidas tardias da empresa em oferecer a proteção individual, propiciaram que 18 petroleiros do mesmo grupo de trabalho tivessem resultados positivos de Covid-19.

“A empresa demorou tomar atitudes, demorou para entregar máscaras, demorou a fazer o que deveria para ir mitigando esse risco. Só no dia 27 de abril que recebemos máscaras, sendo elas de pano, sem muita vedação. Entregaram uma lista depois de uns dois dias para assinar que recebemos as máscaras, mas a lista não tinha data, aí eu coloquei data na minha assinatura, pois acredito que depois eles poderiam dizer lá na frente que recebemos. Meu grupo de turno foi o primeiro a ser testado. Fizemos o teste no dia 14 de maio, e eu entraria de folga nesse dia. No outro dia o médico me ligou a tarde dizendo que havia dado IGM positivo, e o IGG havia dado negativo, só reagente para anticorpos IGM. Ele perguntou se eu estava com algum sintoma, eu disse que não. Ele falou que eu deveria ficar sete dias em isolamento e depois fazer um novo exame. Como éramos

a primeira turma a ser testada foi um baque, por sorte eu já não estava morando com minha família, estou morando provisoriamente em uma sala comercial, que eu já tinha, e eu fiquei isolado aqui. A empresa testou 90 funcionários no meu turno, mais alguns motoristas terceirizados e o pessoal da limpeza. Dos 90 testados, 18 deram positivo.”

Outros grupos de turno foram testados também e a empresa não esperava que houvessem tantos casos positivos.

“Na sequência foi feito nos outros grupos também. Eu tive resultado no dia 15 de maio.”

“Essa primeira turma foi um baque, a empresa não esperava isso. Ela achou que iria fazer os exames e estaria tudo bem, mas ela levou um susto e interrompeu por um momento o exame dos outros grupos. O pessoal ainda questionou se não seriam testados, mas falaram que havia acabado os testes. Demorou um pouco para iniciarem novamente, então eu não sei quanto às outras turmas. A partir daí estamos sendo testados a cada 14 dias.”

Assintomático fisicamente, mas sintomático psicologicamente

O que pesou mais, por ser assintomático fisicamente, foi a solidão imposta pela quarentena preventiva. Ao mesmo tempo preparava-se psicologicamente para o pior e mais grave, como ser intubado, em caso do agravamento da doença.

“Na verdade o que afetou mesmo foi o psicológico, ficar parado sem saber o que fazer fechado, sem poder estar perto da família. Aí eu mandei a notícia para o grupo do sindicato, alguns grupos de amigos e da família, vários se prontificaram a ajudar, deixar uma comida, fazer compras pra mim. Mas a empresa em momento algum me contou após o ocorrido, não veio assistente social, ninguém. O presidente do sindicato, alguns amigos e vizinhos que entraram em contato para saber se estava tudo bem.”

“Após o resultado positivo comecei a pensar, ficar esperando uma coceira na garganta e às vezes até coça. Uma

dor no corpo, uma dor nas costas, eu estava lavando louça e começou a doer às costas, parece que tem fraqueza, mas não era. Eu fiz um trabalho psicológico para enfrentar o que viesse de pior, eu estava preparado para o pior.”

“Com a dorzinha, eu achava que estava iniciando (a doença). Tenho um amigo que é do meu grupo e também testou positivo, eu mandava mensagem, ligava pra ele, conversava com ele, ele também testou assintomático. Teve uma moça terceirizada que é motorista de ambulância, ela chorou praticamente por sete dias. Eu já estava com a cabeça mais preparada, caso tivesse algo mais grave.”

“O que você pensava de ter de mais grave era chegar ao extremo de precisar intubar, ir para a UTI, ou algo assim. Tenho um amigo que me passa alguns vídeos espíritas, que fala sobre desencarnar e depois encarnar, então eu estava preparado até para desencarnar (morrer) se fosse preciso”.

“Quanto ao medo da morte ou desencarnar, meu psicológico estava preparado. Eu dormia bem nessa quarentena, não perdi noite de sono. Eu estava bem preparado psicologicamente, com essas conversas que tenho com meu amigo da ordem espírita.”

Sintomas referentes ao resultado positivo não teve. Não sentiu dor de cabeça, e nenhum sintoma cardiopulmonar. Não tem diabetes. Não é fumante. Experimenta cerveja artesanal, nada exagerado.

Relata algumas comorbidades anteriores à Covid

“Tomo medicação para pressão alta. O colesterol sempre está acima do desejado”.

“De tempos em tempos às vezes acontece de ter refluxo. Eu fiz os exames, mas devido a pandemia não consegui mais voltar ao médico”.

O trabalho em turno durante a pandemia. Em virtude de trabalhar em turno alternado (manhã e noite) relata insônia.

“Na verdade, concidentemente essa noite não consegui dormir, mas é resquícios do trabalho de turno mesmo. Ontem eu dormi bastante, essa noite já fui prejudicado, eu trabalhei três noites a três dias atrás. A nossa escala foi alterada. A empresa adotou novo sistema, nosso turno passou de oito para 12 horas, para haver menos troca de turno.”

Considera sofrida a jornada de 12 horas, mas ao mesmo tempo reconhece que propicia um afastamento maior da empresa.

“A jornada de 12 horas está sendo positiva. Ficamos mais tempo afastados da empresa. O que é mais sofrido são as três noites de 12 horas, entra às 19 e sai às 7 da manhã.”

“Terminado essas três noites eu folgo por cinco dias. Essa escala foi alterada por causa da pandemia.”

Outros sentimentos e preocupações, solidariedade frente à doença e descaso da empresa.

Buscou interação digital com familiares e amigos, leitura, filmes, e teve apoio solidário de várias pessoas durante a quarentena para melhor superar seu isolamento.

“Não tive depressão! Com a internet e o whatsapp eu até brincava com meus amigos, conversava com a família, que perguntava como eu estava. Minhas irmãs faziam vídeo, os quatro irmãos conversando juntos, eles queriam ver como eu estava, e eu estava tranquilo o tempo todo.”

“Não senti desânimo. Só de não poder sair, ficar preso. Eu havia me preparado, sem querer eu já havia feito antes um rancho de frutas e verduras, então eu não precisei sair nenhuma vez. Comprei um termômetro para ir aferindo minha temperatura, e fui cuidando, lendo e assistindo filmes.”

“Estava tranquilo, não tendo irritação ou nervosismo, estava só esperando passar o tempo, me policiando, vendo se havia algo mudando em meu organismo.”

“Não houve incômodos! Eu vejo mais pelo lado positivo, pessoas que se prontificaram a ajudar, pessoas que às vezes nem esperava, outras que esperava que fizessem e não fizeram, muita solidariedade nesse momento. Esses pon-

tos foram muito positivos, pontos negativo eu já esperava, pois a empresa trata você como número, uma matrícula. Eles têm uma assistente social, e em nenhum momento eles perguntaram se eu estava precisando de alguma coisa, um alimento, um remédio.”

A solidariedade recebida

“A solidariedade foi de todos! Colegas de trabalho, família, vizinhos, os colegas da cerveja artesanal, todos estavam prontos para me ajudar.”

Solidariedade também da família e compreensão do contratempo da contaminação dos colegas e amigos.

“Como eu saí de casa meses antes, eu já estava acostumado a ficar só. Eu pegava minha marmitta e dava para dois dias. Depois que fechou os restaurantes eu preparava meu alimento.”

“Minha ex-esposa também se prontificou, disse que se precisasse de alguma coisa era só chamar”.

“No dia que eu fiz o exame estava aguardando um colega que vinha buscar umas cervejas, aí eu liguei pra ele e falei olha não vem que meu teste deu positivo, daí ele voltou e disse que depois pegaria a parte dele.”

Atendimento médico, medicação e novo exame

“Não precisei de atendimento médico, nem interno da empresa ou externo”.

“Não tomava medicação. Eu tomava chazinho caseiro, com mel, alho, para dormir e melhorar a imunidade, pingava umas gotas de vitamina C.”

“Foram sete dias de quarentena, daí no sétimo eu fiz um novo exame e ele deu negativo IgM e negativo IgG, ficou meio dúbio. Ele contradiz o primeiro, o segundo deveria ter dado positivo para o IgG. Passados mais sete dias daí eu entrei no grupo dos 14, e no terceiro exame deu negativo para os dois.”

Possíveis fontes de propagação da contaminação na empresa

Pontos iniciais de contaminação: transporte coletivo e vestiário.

“O micro-ônibus eu já estava evitando, quando eu estava fazendo essas 12 horas por dia eu ia com meu carro, quando é a noite que eu fico sem dormir e volto no outro dia cedo eu uso o micro-ônibus. No meu setor especificamente o pior local é o vestiário, ele é pequeno e com pouca ventilação, até perigoso se acontecer uma coisa mais grave ali e um fator de aglomeração. Então o meu teste eu não sei se foi um falso positivo ou falso negativo.”

Área operacional com aproximação das pessoas na execução de serviços operacionais e de manutenção.

“Trabalho na emergência. No trabalho à noite temos algumas rotinas, mas no geral é mais prontidão. Quando trabalho nas 12 horas durante o dia, aí eles chamam a gente para liberar serviço, o que é um problema, por ser uma área com muitos ruídos temos que chegar perto para trocar informação, para fazer uma liberação, por exemplo. Vai cortar uma tubulação, eu preciso ir lá, medir. Ver se não vai ter explosividade, se não existe gás tóxico. Durante toda essa troca de informações, quando o executante vem para conversar existe a proximidade. Não conseguimos falar de longe. Cada um tem que se policiar olhar e sair para conversar sobre o serviço fora da área ruidosa. É praticamente duas empresas, a empresa e os contratados, então tem essa interface. Na empresa temos algum conhecimento, trocamos informações sobre a pandemia, sobre o vírus. O terceirizado talvez demore um pouco mais, eles vinham conversar de perto, em alguns momentos a gente estava de máscara, eles às vezes não.”

“Meu trabalho é liberação de serviços quando precisa de uma permissão de trabalho e eu preciso recomendar alguma coisa e tem documentação para preencher e informação para ser trocada”.

“A contaminação pode ser no transporte, pois alguns mo-

toristas do micro-ônibus testaram positivo. Esse pessoal trabalha com a refinaria inteira, tem gente sempre entrando e saindo dos micro-ônibus.”

“Dos cinco grupos o meu olho clínico acabou adotando o seguinte, enquanto tinha uma turma no vestiário tomando banho e se trocando, os demais aguardavam fora, fazíamos a troca de serviço fora do vestiário, que não é o que ocorre normalmente. Os outros grupos sempre aglomeram, ficam a turma que está entrando e a que está saindo dentro do vestiário.”

Organização do setor de saúde e meio ambiente

Gestão atual da área de saúde e meio ambiente no local de trabalho da empresa.

“Na verdade é um operador, ele que manda na segurança industrial, no setor de saúde e no meio ambiente. É uma pessoa que não é da área.”

“Ele é o gerente de segurança, meio ambiente e saúde. É como se fosse um gerente do departamento. Tem o gerente que é mais próximo de mim que é o gerente industrial, que não é da área, e o supervisor administrativo também não é da área. Então no meu setor a maioria que está lá no cargo de gestão não são da área.”

Descaso da empresa, perseguição sindical e alívio pelo término da quarentena.

“O mais agravante no final é que eu tinha que estar isolado por sete dias, no sétimo dia eu tinha que fazer o exame pela manhã cedo e o resultado só saiu no final da tarde, umas quatro horas mais ou menos. Dos meus três dias de trabalho, seria a última noite, como meu exame era de sete dias, eu estaria contemplado. Eu entrei de folga e quando eu voltei fui conversar com meu supervisor e ele falou que eu ia ganhar falta e que estavam querendo me dar punição. Eu fui conversar com os médicos e perguntei se existia algum atestado, eles falaram que não, que estava tudo no sistema e que meu gerente tinha acesso ao sistema. Eu perguntei

até que dia eu estava com afastamento, pois seria do dia 15 ao dia 21, e no dia 21 eles me deram falta no ponto. Eu conversei com o médico e ele me informou que eu estava afastado até o dia 21, eu encaminhei um e-mail para o médico informando da situação, que o gerente estava me dando falta com agravamento e que haveria o desconto, mas só vou saber o retorno daqui uns três dias. Além do psicológico, terminou aquele sétimo dia com um alívio, opa não tenho mais o vírus, e eles queriam que eu fosse trabalhar naquele dia mesmo, sem que eu tivesse tido nenhum preparo. Eu tive que ir cedo para o laboratório, não dormi bem, eu não estava preparado para uma noite de 12 horas de trabalho. Mas como sou diretor sindical, a empresa, meus gestores, principalmente nesse novo governo somos vistos mais como antagonistas, um inimigo no setor, e não é isso, queremos o bem de todos. Principalmente na segurança.”

A falta de diálogo social na empresa

“O relacionamento empregado e gestão da empresa é zero, só querem que estejamos lá trabalhando para não gerar hora extra. Agora com os amigos é outra história.”

10 . “O maior sofrimento físico foi a falta de ar.(...) Minha maior preocupação psíquica era deixar a família exposta.”

Trabalhador petroleiro, 44 anos, casado. A contaminação foi entre contato comunitário laboral na empresa e contágio externo no comércio residencial. Com o agravamento de seus sintomas, foi internado e imediatamente intubado por 14 dias. Família como guardiã durante o seu restabelecimento, que também foi contaminada. Relata o grande sofrimento tido durante a internação, físico e psicológico, em deixar a família ao relento se algo mais grave ocorresse. Continua com algumas sequelas decorrentes da contaminação devido a internação, teve suporte social da empresa.

História da contaminação e os sintomas

Relata que a fonte de contaminação ficou entre a exposição na empresa e o comércio local. Fala dos sintomas iniciais e o agravamento de sua saúde em virtude da contaminação com a falta de ar e consequente internação.

“Não posso afirmar se foi na empresa ou em outro local, porque eu fui a supermercados, eu fui à farmácia. Mesmo tomando as precauções, usando máscara, álcool gel, em algum momento eu devo ter vacilado e fui contaminado por esse vírus da Covid-19. Desde o dia 28 de março eu comecei com os sintomas de febre e dor de cabeça. Daí fui ao médico e ele só me medicou com dipirona. Eu também tinha tosse, ele até tirou um Raio-X do pulmão e me medicou com antibiótico achando que fosse alguma infecção bacteriana e não pelo vírus. Mesmo porque eu estava tossindo e escarrando. Só que eu comecei a tomar o antibiótico, que não fez efeito. Eu continuei tendo febre e dor de cabeça por outros três dias, depois do terceiro dia comecei a faltar ar. Depois do dia 31 fui ao médico novamente

e simplesmente me medicaram com dipirona e eu voltei para casa, mas continuei tendo dor de cabeça e febre. Só que como eu estava no turno trabalhando não quis voltar ao médico novamente, só cortando com dipirona. Daí eu trabalhei do dia 2 para o dia 3, no dia 4 a minha situação piorou, fui ao médico e já estava em uma situação de falta de ar, ou eu falava ou respirava. As duas coisas eu não conseguia fazer ao mesmo tempo. Quando o médico viu essa minha situação já resolveu me internar. A consulta e internação foi tudo pelo convênio médico, eu não passei no serviço médico da empresa.”

“De 28 de março até 4 de abril, trabalhei três dias nesse período. Fui (trabalhar) com transporte da empresa. Na realidade nós como cargo de supervisão eles fornecem táxi, daí eu ia com o táxi, sozinho para a refinaria. Não no coletivo (transporte fretado) da empresa.”

Detalhando os sintomas físicos sofridos e a entrada na UTI

“A febre ficou girando em torno de 37.8°, 37.7°, nessa faixa, não chegou a 38° não. A dor de cabeça, vamos dizer assim (era) uma dor média, não era forte, mas era aquela dorzinha incômoda.”

Perda de olfato e paladar.

“No começo eu até poderia ter sentido, mas no final eu já não sentia mais o sabor dos alimentos, mas já estava em um estado que eu não estava nem tendo vontade de comer.”

Ausência de coriza e tomografia do pulmão.

“Não tive coriza, nem nariz entupido, nada. Me internei no dia quatro e no dia cinco eu fiz uma tomografia do pulmão. Não sei o que acusou o resultado, não vi. Mesmo porque depois da tomografia acredito eu que já tenha ido para a Unidade de Terapia Intensiva – UTI, já sedado.”

Exame positivo de Covid.

“Sei que no hospital eles fizeram o exame do cotonete no nariz no segundo dia de internação, depois não vi mais nada, pois já estava sedado. Deu positivo, isso!”

Medicação tomada e permanência na UTI

A gravidade da doença fez com que tivesse de ser internado e ficado um longo período na UTI. Frente à agonia e sofrimento em decorrência da Covid-19, quando foi oferecida cloroquina disse ao médico que tomaria até chumbo derretido para curar!

“Fiquei na UTI 14 dias. Do dia 5 ao dia 20 de maio. Os sintomas começaram no dia 28 de abril, dia 4 de maio eu fui internado, dia 5 eu entrei na UTI e saí dia 20 de maio.”

“Tomei vários tipos de medicação, nos últimos dias que eu já estava no quarto, eu estava tomando três tipos de antibióticos, mas os nomes não vou saber.”

Cloroquina

“Sim tomei, cloroquina. Não sei te dizer, por quanto tempo e se melhorou ou piorou. Porque no dia que eu internei o médico falou: eu trabalho com cloroquina, você aceita? No estado que eu estava eu falei: Doutor, tomo até chumbo derretido se for para sarar. Aceito né mesmo com toda essa polêmica que tem em cima da cloroquina, mas acredito que eu tomei, mas o quanto eu não sei te dizer, mesmo porque dia 5 entrei na UTI e já fui sedado. Não estava consciente, porque muita coisa eu esqueci, por exemplo, eu não me lembro de eu entrando na UTI, eu só me lembro de eu fazendo a tomografia e voltando para o quarto. Segundo a minha filha eles fizeram um procedimento de pronação, que é o procedimento de ficar virando o corpo para ver se abre os pulmões, e eu não me lembro desse procedimento comigo, não me lembro de entrar na UTI, e também não me lembro de eu saindo da UTI. Fui recobrar minha confusão mental quando eu já estava no semi-intensivo, daí eu lembro que tinha uma televisão na minha frente e já era um outro ambiente.”

Histórico completo dado pela família quando estive na UTI.

“Famíliares me deram histórico quando estava na UTI. O médico chegou conversando, perguntou: Você sabe que dia é hoje? Eu estava meio confuso, disse acho que é dia oito ou nove, meio chutando. Ele disse: hoje é dia 21 ou 22,

você estava intubado por tantos dias, agora você está no semi-intensivo. Quando eu saí do semi-intensivo fui para o quarto, pude ter o celular na minha mão, liguei para minha família e eles me deram o histórico completo.”

Comorbidades

Na realidade declarou que sofria anteriormente de bronquite, na verdade de asma. Não teve problema cardiovascular anterior.

“Eu tinha bronquite. Isso talvez tenha ajudado a agravar minha situação. Na verdade era uma asma.”

Relata não sofrer de pressão alta, porém quanto ao colesterol ou triglicérides havia alterações.

“Colesterol e Triglicérides, isso aí sempre foi alto, mas no último ano o médico me passou rosuvastatina”.

Não apresenta diabetes, não teve problemas gastrointestinais. Nunca foi fumante. Álcool bebe socialmente, nada de extravagância, uma ou duas cervejas no máximo e não teve outro tipo de doença preocupante.

Sentimentos e preocupações de ordem psíquica

“Minha preocupação sempre foi de manter o meu trabalho em dia e pagar minhas contas. Eu sempre tive essa preocupação, às vezes até receio de procurar médico e ficar internado, eu não queria estar nessa situação atual, mesmo porque vai entrar nessa questão de INSS, redução de salário, a minha preocupação sempre foi essa. Então eu retardei o máximo possível de procurar o médico, embora eu tenha procurado já desde o início o médico. Mas sempre achando que era só tomar o remédio e já sarava. Acho que desde o início não acreditei que estivesse contaminado pelo Coronavírus. Tanto que na primeira e segunda consulta ficou só como suspeita, na terceira consulta deixou de ser suspeita, me internaram, eu já estava em um estado mais crítico.”

Medo e o papel da religião no enfrentamento das adversidades (coping individual). Não teve tempo de sentir inicialmente medo por estar intubado. O papel da religião como fonte de

resiliência diante de um estado de saúde grave.

“Acho que não, não deu tempo nem de sentir medo, porque foi muito rápido e como eu sou uma pessoa bastante religiosa, trabalho na igreja e tenho bastante confiança e fé em Deus que chegar a ter medo não cheguei não.”

“Preocupação a gente sempre tem, mas medo de morrer, isso não cheguei a sentir não. Mesmo que com confiança e fé em Deus, tanto que quando eu estava indo consultar pela terceira vez fui de Uber. Nem fui com meu carro já esperando que eu fosse internado, fui rezando e pedindo para Jesus que me preparasse uma equipe médica boa para minha recuperação, e graças a Deus, Jesus me atendeu. Assim que o médico me viu já me internou e já no segundo dia começaram os procedimentos para minha recuperação.”

Não sentiu desânimo e saiu depois da sedação de seu estado confusão mental e teve diversos sonhos durante sua sedação.

“Desânimo não senti. Depois que eu saí da sedação e recobrei minha confusão mental, eu estava com uma sonda nasogástrica, sonda vesical, aí eu fiquei preocupado. Me bateu medo de ter que ficar para o resto da vida com uma sonda no nariz ou na bexiga. Ali eu fiquei preocupado, mas quando veio a médica eu perguntei se iria ter que ficar para o resto da vida com as sondas, ela disse que não. Que era só até eu me recuperar, pois tinha machucado minha garganta e até minha funções renais funcionarem direito. Dois ou três dias depois já tirariam minhas sondas, eu já comecei a me alimentar, já comecei a fazer as necessidades normalmente.”

“Enquanto eu estava sedado sonhei bastante, tinha variações de sonhos. Sonhei com minha família e com várias situações. Quando fui para o quarto estava conversando com minha família, tive que separar o que foi real e o que foi sonho.”

“Sonhei com meus parentes vindo me visitar. Que estávamos fazendo festas, como fazemos quando eu vou para o Sul. Que eles estavam jogando truco. Eu gosto muito de jogar truco, mas daí quando foram me chamar eu estava

deitado na cama. Sonhei que minhas filhas estavam ali comigo. Tive um sonho um pouco mais profundo. Tive uma conversa com Jesus: eu estava em um desfiladeiro, um vale, e lá não batia sol, era bem sombreado, e no fundo tinha um riozinho, mas não corria água, era um líquido escuro, viscoso, e assim. Decifrando era como a sombra do vale da morte, e eu perguntava por que isso estava acontecendo comigo, e uma voz me respondia: não fala assim, não está acontecendo só com você. Eu falei: por que eu? Eu não quero morrer. Ele falou: cada um carrega a sua cruz, e eu vi do meu lado uma cruz pequena fincada no chão. Eu interpretei que minha cruz ainda era pequena para ser carregada, e nisso fui tirado dali e estava em um local mais claro. E ele falou que eu ainda tinha uma missão para cumprir e que tudo o que eu fizer para Deus que faça bem feito. Isso foi algo mais profundo que eu lembro que sonhei.”

“Sonho que eu recorro. Vamos dizer que foi um momento que eu tive na fronteira da outra vida.”

“Não, em momento nenhum eu senti medo. Acho que ali foi uma decisão, eu poderia partir ou voltar para a vida. Eu acho que eu senti essa vontade de continuar vivendo, e fui tirado dali.”

Não senti angústia, mas tinha a ansiedade de sarar logo. Não teve irritação ou nervosismo.

“Angústia não, mas a ansiedade para sarar logo, sair daquela situação logo, talvez uma ansiedade sim.”

“Nem irritação nem nervosismo. Mesmo porque quando eu fui internado eu fiz uma oração para Jesus, eu entrego e estou em suas mãos, o que tiver que ser feito que seja feito. A partir do momento que eu me entreguei, não cabia nem irritação, nem nervosismo”.

Sofrimento físico maior foi a falta de ar e sofrimento psíquico em deixar a família exposta.

“O maior sofrimento de dor física foi a falta de ar, que é a pior coisa que existe quando você puxa o ar e não é o suficiente pra respirar. Quanto à psíquica minha maior preocupação foi a de deixar minha família exposta. Tenho

minha esposa e duas filhas. Eu como pai, provedor, protetor da família, minha maior preocupação foi de deixar minha família exposta. Mas graças a Deus minha esposa foi muito guerreira, segurou as pontas, ela foi forte, não demonstrou insegurança para minhas filhas. Minhas filhas choraram, rezaram bastante, minha esposa foi quem manteve a esperança e segurança para elas. Minha preocupação de expor minha família foi de vir gente de fora perguntar o que estava acontecendo, se estão precisando de ajuda, deixar minha família a esmo. Mas graças a Deus minha esposa cuidou bem dessa parte”.

A quarentena com a família após a alta hospitalar

“Na minha saída do hospital não tive orientação nenhuma quanto à quarentena. Simplesmente a médica falou que a partir de agora é vida normal, que precisava fazer fisioterapias motora e respiratória. Aqui em casa estamos desde março, abril em quarentena. Antes de eu estar contaminado quem saía mais para mercado, farmácia, mesmo porque eu estava trabalhando, era eu quem saía mais. Talvez tenha sido onde eu fui contaminado. Hoje quem sai é minha filha do meio, ela quem vai ao mercado, volta. Ela quem faz o serviço externo, tomando todas as precauções para ela não ser contaminada também. Quando eu estava internado ela teve alguns sintomas. Ela teve dor de cabeça, dor de garganta e febre por dois dias, mas ela foi ao médico, foi medicada com dipirona. Mas foi só suspeita de Covid-19, e ela ficou 14 dias isolada no quarto. Mesmo porque elas estavam sem ânimo para fazer nada porque eu estava internado, intubado nesse período, mas ela respeitou a quarentena de 14 dias aqui no quarto. Minha esposa e minha outra filha não tiveram nenhum sintoma.”

“Os talheres e outras coisas foram separadas tudo por 14 dias”.

“Quando eu voltei do hospital estava negativado da Covid, eu acredito que sim, eles não me falaram nada não. A médica

simplesmente me deu alta e falou que é vida normal. Daí acredito eu que estou com a Covid-19 negativada. Tomei todos os medicamentos no hospital, fiquei quase 25 dias internado, acredito eu que já esteja negativado.”

Na empresa o contato com os demais colegas, a falta de medidas iniciais na empresa e medidas adicionais

“Não, ninguém do meu grupo teve Covid-19, só eu.”
“Tinha contato com outros técnicos, operadores, sim. Mas até hoje ninguém teve sintomas da Covid-19, mesmo porque lá nós respeitamos o distanciamento. Eu fazia a higienização no começo do meu turno da minha estação de trabalho, teclado, telefone, rádio, mesa, maçaneta, até o interruptor de luz, e sempre busquei usar a máscara, acho que isso foi fundamental para eu não contaminar outros do meu grupo.”

“No início do uso de máscara a empresa não forneceu nem descartável nem de tecido, mas orientou que cada um usasse. Logo que eu adquiri, eu comecei a usar. Mas como era início da pandemia talvez nós não tivéssemos a consciência da gravidade ou da facilidade de contágio. Mesmo porque usar a máscara é incômodo, então pelo menos eu não usei o tempo todo. Quando eu estava sozinho na sala eu tirava. Quando chegava alguém eu colocava novamente, e assim por diante. Eu acho que em algum momento de pône e tira a máscara, ou quando eu fui à farmácia ou ao mercado eu vacilei e fui contaminado com o vírus”.

Afastamento preventivo na empresa de pessoas do grupo de risco e os exames em massa.

“Não havia necessidade de ser afastado preventivamente. Acho que não, mesmo porque minha asma é controlada, já fazia tempo que eu não tinha nem bronquite nem asma, e estava bem de saúde.”

“Teria sido importante, com certeza, o teste de Covid para todos. Porém logo no começo da pandemia, faltou máscara

descartável, faltou álcool gel, não tinha teste rápido. Tanto que só em meados de maio começou a aparecer os testes rápidos. Todo mundo sofreu com a falta de materiais de prevenção ao Covid-19.”

Evitaram-se aglomerações com trocas de turno antecipadas, e o vestiário é grande.

“A troca de supervisores é meia hora antes da troca de turno. Eu entrava e saía meia hora antes do grupo como um todo, então eu não participava da aglomeração, era só eu com outro supervisor. Eu passava o turno, passava o que era preciso e logo ia para o vestiário, tomava banho, trocava de roupa e ia logo embora. Quando tem a troca de turno do grupo como um todo tem certa aglomeração no vestiário, mas como ele é grande acaba tendo certo distanciamento.”

Os armários no vestiário são próximos.

“São próximos, um ao lado do outro, um se troca e o outro espera, assim por diante. Não fica todo mundo junto ao mesmo tempo.”

“Quando é do mesmo grupo ficam separados (armários), mas quando é de outros às vezes vem a calhar de um estar ao lado do outro. Mas as pessoas estão respeitando o distanciamento.”

Considerações sobre a entrevista de estudo de caso e as sequelas de saúde existentes

“Acho que a pesquisa, como eu falei para o colega do sindicato, eu toparia participar, colaborar. Mesmo porque esse novo vírus que está circulando no nosso país ainda é um mistério, tudo ainda sendo pesquisado, e o que eu puder ajudar para a gente aprender a lidar com esse vírus até pra logo eliminar essa pandemia, eu acho que é muito importante. Também achei interessante a preocupação da parte psíquica do trabalhador. Isso é bastante interessante para aprender quais são os impactos que vão ter na vida após esse contato com o Coronavírus, isso pra mim é bem interessante. Agora que estou reestabelecendo, estou fazendo a recuperação, eu fiquei 25 dias internado e eu estou ainda

com algumas sequelas dessa internação. Desse tempo prolongado de sedativos, por exemplo, ainda tenho dificuldades motoras para andar, estou com uma úlcera de decúbito no cóccix, fazendo curativo para sarar, e essa ansiedade de querer ter a recuperação completa para voltar a trabalhar. Uma coisa engraçada e que quando estamos trabalhando queremos ficar em casa, agora que estou em casa, nessa situação eu quero voltar logo a trabalhar.”

Suporte da empresa e suporte psicológico necessário.

“Acho que sim, deveria ter um suporte psicológico. Só que da empresa eu não tenho o que reclamar, pois o tempo que eu fiquei internado as assistentes sociais da empresa deram todo suporte para minha esposa. Ligavam todos os dias perguntando como estava, se estava precisando de alguma coisa e deram suporte com a papelada do INSS para eu fazer a perícia. Meu gerente e outros supervisores também vieram aqui e deram todo suporte para minha família. A psicóloga conversou com minha esposa, com minhas filhas. Da empresa quanto a isso eu não tenho nada o que reclamar, ela foi maravilhosa. Agora estou fazendo a fisioterapia para poder voltar logo a trabalhar. Mas ter um suporte psicológico pós Covid-19 seria interessante.”

PARTE 3

Análise do estudo de casos de trabalhadores químicos e petroleiros

1. Resultados da Análise Lexical:

A contaminação e os sintomas entre químicos e petroleiros

Das entrevistas dos estudos de caso de trabalhadores em atividades essenciais tanto no setor químico como na extração e refinação de petróleo, foram selecionados os discursos temáticos que nas entrevistas se referiam ao histórico da contaminação e a descrição dos próprios entrevistados sobre os sintomas físicos e psicológicos. Esse discurso das entrevistas foram referentes a casos de contaminação por Covid-19, ocorridos entre abril e maio de 2020.

Metodologia

A metodologia utilizada foi qualitativa. Utilizado o software Iramuteq (Versão 0,7 – alpha 2), para a análise lexical do discurso temático da contaminação e sintomas da Covid-19, por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), dada pelo Método ALCESTE², ampliado pelo matemático francês Ratinaud com o Iramuteq (2012)².

Resultados Encontrados

Destacaram-se quatro núcleos temáticos (clusterizações) com a contaminação pela Covid-19 e seus principais sintomas quer físicos como mentais: Classe 1 – “SOFRIMENTO MENTAL” (19,1% de UCEs (Unidades de Contexto Elementares) ou ST (Segmentos de Textos); Classe 2 - “SOFRIMENTO RESPIRATÓRIO” (24,4% de UCEs ou ST); Classe 3 – “EMPRESA COMO MEIO DE PROPAGAÇÃO” (21,5% de UCEs ou ST); e Classe 4

- SOFRIMENTO FÍSICO E NEUROLÓGICO (34,9% de UCEs ou ST).

O núcleo temático, da Classe 1, “SOFRIMENTO MENTAL’, COM 19,1% de UCEs ou ST, ressalta no discurso dos trabalhadores as preocupações e sentimentos psicológicos dominantes em relação à família (filhos/esposo e esposa) quanto ao medo de morrer e deixá-los. A angústia e a solidão na doença (distante do afeto, abraços) e o sentimento de culpa em contaminar familiares e colegas.

O núcleo temático da Classe 2, ‘SOFRIMENTO RESPIRATÓRIO”, deteve nestas entrevistas de 10 estudos de casos, o percentual de 24,4% do conjunto geral de UCEs ou ST deste discurso. Esse sofrimento foi ressaltado principalmente pela terrível sensação decorrente da falta de ar e o quadro de pneumonia. Pela ansiedade, medo, preocupação em ficar internado e intubado com insuficiência de oxigênio principalmente. Mostrou-se como uma das agravantes do sofrimento físico constatar o diagnóstico de comprometimento pulmonar significativo com a realização de tomografias.

O núcleo temático da Classe 3, ‘EMPRESA COMO MEIO DE PROPAGAÇÃO”, com 21,5% de UCEs ou ST, demonstra que os trabalhadores consideraram em sua maioria o contexto ambiental no interior das fábricas ou unidades produtivas de produtos essenciais, como meio de propagação da contaminação em virtude da troca de turno, aglomerações nos espaços sociais ou de descanso. Combinado isso com a não testagem inicial em massa para Covid-19, a falta de agilidade para afastar imediatamente os trabalhadores para folgas ou quarentena, além da falta de medidas mais efetivas de proteção.

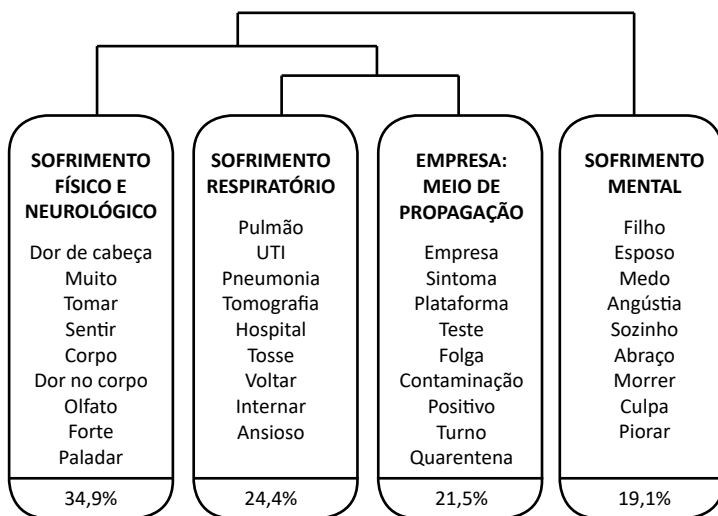
O núcleo temático da Classe 4, SOFRIMENTO FÍSICO E NEUROLÓGICO, mostra que de todo o discurso desta análise concentra-se em 34,9 de UCEs ou ST. O principal sofrimento quando da contaminação por Covid é uma

dor de cabeça (neurológico) que é muito intensa nas fases agudas da doença, combinada com dores pelo corpo. As entrevistas dos contaminados mostraram também que entre 8 dos 10 entrevistados declararam a perda de olfato e paladar (problema neurológico) em diferentes intensidades.

Os resultados do conjunto do discurso sobre o histórico da contaminação e os sintomas da Covid-19, resultante das entrevistas dos 10 estudos de caso evidenciam dois eixos estruturadores das percepções sobre a Covid-19 entre trabalhadores químicos e petroleiros: (figura 1)

Figura 1 - Resultado do processamento da Análise Lexical relativa ao discurso da contaminação por Covid e seus sintomas físicos e psicológicos

Covid - A CONTAMINAÇÃO E OS SINTOMAS



Nota: Elaboração própria a partir do dendrograma do Iramuteq, com Método interpretativo de Reinert, em que o conjunto de segmento de texto (UCEs ou ST), formam núcleos temáticos mostrando um quadro perceptivo-cognitivo do contexto da contaminação e os sintomas físicos e psíquicos.

-
- **Eixo 1 do Discurso:** – Engloba e incorpora o núcleo temático da Classe 1 – “SOFRIMENTO MENTAL” (19,1% de UCEs ou ST), posicionado à direita da Figura 1. Os segmentos de discurso mais representativos da pesquisa, e as palavras, entre substantivos e verbos, mais frequentes identificadas por significância estatística por ordem descendente, do sofrimento mental desta classe 1, que determina exclusivamente também o eixo do discurso são: Filho, Esposo, Medo, Angústia, Sozinho, Abraço, Morrer, Culpa, Piorar. Como segmentos do discurso relativo ao sofrimento mental durante a Covid-19, das entrevistas entre os 10 estudos de caso, destacam-se: Sentimento de culpa: “Senti culpa,(...) de você prejudicar uma pessoa e você contaminou ela e ela talvez não reagisse à doença igual a você.”; Medo: “Tive sentimento de medo, eu tive sim a preocupação de faltar com minha família!. Eu tenho uma filha pequena (...) e eu quero acompanhar o crescimento dela”; Outro trabalhador quanto ao medo assim se manifestou: “Quanto à psíquica minha maior preocupação foi a de deixar minha família exposta.(...) deixar minha família a esmo”. Isolamento descrito como fator de sofrimento em estar sozinho no hospital: “Não ter o carinho, o toque das pessoas. Não poder dar um abraço, um beijo nos filhos, na esposa e pais, é muito difícil!”; Medo de morrer, ao ser intubado: “Fiquei com medo de ser submetido ao respirador. Principalmente de morrer.”; Entrevistado sentia angústia ao piorar seu quadro de saúde: “Sentia angústia pois o quadro de saúde piorava devagarinho”.
 - **Eixo 2 do Discurso:** Neste eixo estão inseridos três núcleos temáticos: Classe 2 - “SOFRIMENTO RESPIRATÓRIO” (24,4% de UCEs ou ST); Classe 3 – “EMPRESA COMO MEIO DE PROPAGAÇÃO” (21,5% de UCEs ou ST); e Classe 4 - SOFRIMENTO FÍSICO E NEU-

ROLÓGICO (34,9% de UCEs ou ST). Os discursos representativos deste eixo dão ênfase ao sofrimento físico em geral e a doença ter sido propagada no local de trabalho.

Quanto ao sofrimento pulmonar, a doença é insidiosa como relata um dos entrevistados: “O maior sofrimento de dor física foi a falta de ar, que é a pior coisa que existe quando você puxa o ar e não é o suficiente pra respirar”.

Quanto aos problemas do sofrimento físico em geral, foram vivenciadas as seguintes situações: Relato de um trabalhador que foi internado: “O que eu tive era uma dor de cabeça muito forte, uma dor no corpo muito forte também, pernas curvas assim, uma dor nas costas muito forte.” (...) “O problema da doença da parte física, ela é terrível, ela te judia bastante.”; Outro trabalhador que não foi internado relata: “A dor de cabeça que foi mais intensa, e que mais me incomodou”.

Dos 10 entrevistados, 8 relataram a perda de olfato e paladar, o sintoma mais presente entre os contaminados: Um dos internados assim se manifestou: “A princípio foi, o primeiro, foi parar de sentir o cheiro e o paladar.” Outro trabalhador considerou como um dos sintomas diferentes a perda do olfato: “Acho que a coisa que chamou a atenção foi a perda do olfato, não sinto o cheiro de nada (...) nem o perfume eu consigo sentir o cheiro.”

Sufrimento físico que continua com a continuação de sequelas da doença: Um dos entrevistados após a alta do hospital: “Hoje eu estou com muita dor no peito ainda!” (...) vou fazer avaliação cardiológica. Meu pulmão ainda não está legal”. Outro trabalhador que não foi internado, assim relata suas sequelas: “(...) ainda me incomoda um pouco as costas, quando eu respiro ainda dói um pouquinho.”

Quanto à propagação da doença no local de trabalho, seis dos 10 entrevistados afirmaram que o contágio teve ori-

gem na empresa, e mais dois afirmaram que o contágio foi entre a empresa e o bairro: “O contágio na refinaria foi porque pessoas tiveram contato com quem teve Covid e trabalharam depois de ficar em quarentena, sem resultados de exames”. Outro entrevistado assim relata o contágio na empresa: “A contaminação 99 por cento foi pego na empresa, porque, várias pessoas na empresa pegaram. Mas eu tenho certeza que foi, porque, das 24 pessoas e pouco que tem no mesmo turno, mais da metade ficaram contaminados”. Outro trabalhador afirma a demora da empresa onde trabalhava a tomar medidas: “A empresa demorou tomar atitudes, demorou para entregar máscaras, demorou a fazer o que deveria para ir mitigando esse risco.”

2. Discussão dos sofrimentos físicos e psíquicos encontrados e das prováveis causas nas empresas

Quando ao eixo 1, da Análise Lexical, que está estruturado no discurso do sofrimento mental percebido pelos trabalhadores, essa situação de problemas psíquicos também são encontradas em diversos estudos revisados. O sofrimento mental relatado pelos trabalhadores químicos e petroleiros brasileiros se concentra principalmente no medo da doença e de deixar filhos e esposa em caso de morte, angústia, medo de morrer e sentimento de culpa. Há uma ênfase no fator familiar: declararam que a grande proteção psicológica que estes trabalhadores tiveram quando estavam em tratamento ou hospitalizados, decorreu do afeto permanente recebido da família, e ao mesmo tempo os trabalhadores sofreram mentalmente na possibilidade de contagiar a família (sentimento de culpa) ou de abandoná-la em caso de morte.(medo de morrer). Estes mesmos sintomas também são encontrados na literatura internacional em referência à população em geral e aos trabalhadores da saúde. A revisão da literatura, no entanto, mostra uma abrangência maior de sintomas, como: depressão, ansiedade, estresse, distúrbio do sono, raiva, comportamento de pânico, histeria coletiva, estigma, xenofobia, coronofobia, burnout e ideação suicida^{15 a 29}. É bom salientar que os trabalhadores da área de saúde estão sendo os trabalhadores na linha de frente do contágio, operando

diretamente e em grande parte do tempo de seu trabalho com os doentes por Covid, e expostos a todo e qualquer risco de contágio, diferente dos trabalhadores de atividades essenciais do setor químico e petrolífero que estão em áreas operacionais ou em salas de controle digitais. Na literatura até agora, não foram encontrados estudos de sintomas referentes à angústia muito citados neste estudo de casos brasileiro. No caso brasileiro a angústia também está associada à ansiedade juntamente aos sintomas físicos respiratórios. A OMS⁷, OPAS⁸ e CDC⁹ americana ao listar os sintomas não faz referência aos sintomas psicológicos.

O segundo eixo, o sofrimento físico, que comporta três núcleos temáticos: Sofrimento físico e neurológico; sofrimento respiratório e empresa como fonte de propagação, está muito próximo dos sintomas físicos descritos pela OMS⁷, OPAS⁸ e CDC⁹.

O sofrimento físico e neurológico que é um dos núcleos temáticos, do segundo eixo, deu bastante ênfase às dores de cabeça, dores no corpo e falta de olfato e paladar. As autoridades nacionais sanitárias no início deram pouca importância a esses últimos dois sintomas: falta de olfato e paladar. No estudo aqui feito oito dos 10 casos mostraram que esse foi um dos sintomas físicos (neurológicos) bastante percebido pelos trabalhadores (Apêndice 1). Na revisão da literatura há observação de pesquisadores italianos de que esses sintomas não foram muito bem observados pelos chineses em seus estudos iniciais, e que esse fenômeno na Itália, foi recorrente entre os contaminados na fase inicial de sua doença¹¹. Interessante observar também que o Estudo sobre Covid da Universidade Federal de Pelotas também considerou prevalentes dois sintomas, com mais de 60% de confirmação entre contaminados pelo Brasil tanto de dor de cabeça, como falta de olfato e ou paladar¹³, entre 133 cidades brasileiras da população em geral.

O sofrimento respiratório, outro núcleo temático, demonstra a preocupação central do sofrimento físico, principalmente para aqueles trabalhadores que foram intubados e ou estiveram na UTI. O discurso desse núcleo do sofrimento físico respiratório está associado também a sentimentos e preocupações psíquicas como a ansiedade e muito ligada ao medo de morrer devido a hospitalização, e aos constantes exames específicos a serem feitos e o demorado processo de recuperação e fisioterapia: “O maior sofrimento de dor física foi a falta de ar, que é a pior coisa que existe quando você puxa o ar e não é o suficiente pra respirar”.

Esse sintoma da falta de ar é muito referido na listagem tanto da OMS⁷, OPAS⁸ e CDC⁹ que recomendam a imediata procura de um hospital com a persistência desse quadro clínico. A referência a esse grande sintoma registrado neste estudo mostra a contribuição desse estudo, não referido até o momento em estudos internacionais. A batalha central dessa doença sem dúvida é o aspecto respiratório, que mais faz sofrer os acometidos por essa doença. Há também a preocupação posterior dos contaminados quanto às sequelas físicas em geral tanto neurológicas, respiratórias e cardiológicas e demais órgãos vitais, decorrentes da contaminação. Essas sequelas da contaminação estão sendo objeto de estudo e estão em curso, por exemplo, entre 2 000 mil contaminados que estiveram internados no Hospital das Clínicas e no Instituto do Coração em São Paulo no 1º semestre de 2020³².

Por fim, o núcleo temático, empresa como meio de propagação, dentro do eixo do sofrimento físico em geral, evidencia também o ineditismo deste estudo. Demonstra que 6 dos 10 trabalhadores afirmaram que o contágio foi em decorrência de pequenas aglomerações na troca de turno, vestiário, banheiros, refeitório. Outros 2 casos também ocorreram entre a empresa e o bairro residencial. Esse contágio somou-se à falta de medidas

mais rígidas no início como falta de uso de máscaras faciais, a não realização de exames em massa de Covid-19, desde o início, para melhor definir a estratégia de afastamento preventivo, além de trabalhadores mencionarem o discurso contrário do governo federal com o isolamento social. Um estudo chinês quanto à contaminação no local de trabalho de trabalhadores de saúde, mencionou que o uso correto de máscaras cirúrgicas e ou N95, além de outros protocolos sanitários impediram a contaminação entre trabalhadores da área de saúde.

3 .Considerações finais e medidas a serem adotadas

As duas questões mais presentes em todas as entrevistas do estudo de caso foram detalhar os problemas de saúde encontrados tanto físicos como de problemas psicológicos e saber das principais causas que propiciaram a contaminação desses trabalhadores dos diferentes locais de trabalho, se a contaminação era de caráter laboral ou de contágio comunitário geral externo às empresas.

A relação detalhada dos problemas físicos e psíquicos estão relacionadas no Apêndice (sintomas físicos e psíquicos) deste livro. Dos dez estudos de caso, entre químicos e petroleiros, os sintomas físicos mais constantes foram: Perda de olfato e ou paladar, com oito casos; sete apresentaram febre ou calafrio; sete apresentaram dor no corpo; seis queixaram-se de dor de cabeça constante e ou forte; cinco estavam com sintomas gripais e ou com sensação de vias aéreas secas; cinco estavam com dor nas costas, pulmões e peito; cinco tinham entre 25 a 50% do pulmão comprometido; quatro apresentaram debilitação, cansaço extremo e moleza; e três com falta de ar.

Quanto a problemas psíquicos todos tiveram sensação permanente de medo durante a sua contaminação por Covid entre os dez casos analisados. Conforme Apêndice, parte dos problemas psicológicos sofridos, foi constatado nas entrevistas que quatro sentiram ansiedade; quatro sofreram com as angústias e incertezas da doença; quatro tiveram forte sentimento de culpa preocupados em contagiar os demais companheiros de trabalho, colegas externos ao trabalho e a família

(esposa e filhos); dois sentiram tristeza e outros transtornos.

Enfim, os problemas de ordem física e psicológica mostraram a agonia e o sofrimento de todos aqueles que foram acometidos pela Covid-19.

A causa central entre os dez casos entrevistados, por meio das entrevistas foi a detecção que seis deles declararam ter adquirido o vírus no próprio local de trabalho, devido inicialmente medidas e protocolos incipientes de proteção nas empresas, frente à contaminação com aglomerações que aconteceram em banheiros, vestiários, troca de turnos, ou ambientes confinados como no caso de plataformas de petróleo em alto mar.

Por fim, a medida permanente de proteção contra os riscos biológicos de contágio atual e futuro é sem dúvida a vacinação. Nas unidades operacionais tanto químicas, petroquímicas e petroleiras, deve ser mais rígido o distanciamento social, além dos protocolos de higienização e sanitização geral como de qualquer instrumento de trabalho. Deverá ser constante a utilização de máscaras faciais protegendo boca e nariz, evitando permanentemente as aglomerações em qualquer espaço no local de trabalho. Por fim uma das medidas epidemiológicas, que sempre foi preconizada pela OMS/OPAS é o contínuo diagnóstico massivo de exames para Covid-19, tanto de sintomáticos como de assintomáticos, para conhecer a dimensão e propagação do vírus, e para que se tomem medidas como afastamentos preventivos e quarentenas necessárias.

Este estudo de diversos casos, com constatação do contágio de origem laboral, poderá também servir de paradigma para negociações em âmbito sindical ou mesmo de ações junto à justiça do trabalho do contágio relacionado ao trabalho de cobrança de indenizações ou mesmo benefícios previdenciários de natureza acidentária. Num levantamento feito entre janeiro de 2020 a maio de 2021, noticiado pelo Jornal Valor Econômico, existiam 30.543 ações propostas no sistema da Justiça do Trabalho referentes à contaminação por Covid, em sua primeira instância em todo o território nacional³⁵.

Apêndice 1

Sintomas físicos e psíquicos

(Estudo de casos de Covid entre químicos e petroleiros)

Sintomas físicos

Descrição/ Estudo de Caso	C.1	C.2	C.3	C.4	C.5	C.6	C.7	C.8	C.9	C.10	Total
Internado	N	S	N	S	S	N	N	N	N	S	4
Sintomas gripais e ou vias aéreas secas	X				X	X	X	X			5
Sinusite	X						X				1
Dor no corpo	X	X		X	X	X	X	X	X		7
Dor (pressão) costas, pulmões, peito	X	X		X	X	X			X		5
Dor de cabeça constante e ou forte	X	X		X				X		X	5
Perda de olfato e ou paladar	X	X	X		X	X	X	X		X	8
Pulmão c/25 a 50% de comprometimento		25%		50%	50%			10 a 25%		S	5
Pneumonia				X							1
Febre/calafrio	N	S	S	S	S	N	S	S	N	S	7
Debilitado/cansaço/ cansaço extremo/moleza		X	X	X				X			4
Falta de ar		X						X		X	3
Náusea				X							1
Pressão alta			X								1
Pernas curvas				X							1
Diarreia						X					1
Cócega/ garganta inflamada							X		X		2
Tosse										X	1

N = Não S = Sim

Obs.: C.1 a C.10- Os 10 casos estudados

Apêndice 1 - continuação

Sintomas físicos e psíquicos

(Estudo de casos de Covid entre químicos e petroleiros)

Sintomas psíquicos

Descrição	C.1	C.2	C.3	C.4	C.5	C.6	C.7	C.8	C.9	C.10	Total
Medo de morrer/ receio/tensão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10
Pré-pânico		X									01
Ansiedade	X	X			X					X	04
Angústia	X		X	X				X			04
Sentimento de culpa contaminar família, colegas	X	X					X	X			04
Alucinação		X									01
Paralisia e incertezas		X									01
Tristeza			X	X							02
Estresse			X								01
Solidão (isolamento)				X							01
Nervoso					X						01
Irritação					X						01
Paranóia (em pegar de novo o vírus)					X						01
Desânimo								X			01
Confusão mental										X	01
Sentimento de Perda – emprego/renda e família										X	01
Sonho com a morte										X	01

Referências

1. Codo, W. (Org). (2006) Por uma psicologia do trabalho. Ensaios recolhidos. 1a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
2. Ratinaud, P e Marchand, p. (2012). Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux” : analyse du “CableGate” avec IraMuTeQ. Em: Actes des 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles (835–844). Presented at the 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012, Liège.
3. Folha de São Paulo (2020). Covid comparada a outras tragédias (Capa do Jornal). Folha de São Paulo, 9/8/2020.
4. Todeschini, R. (2020). Grande impacto da Covid-19. Revista CIPA, vol. 487, pp.92-93, junho 2020. São Paulo.
5. Lima Barreto, M. e Hage Carmo, E. (2007). Padrões de adoecimento e de morte da população brasileira: os renovados desafios para o Sistema Único de Saúde. Ciênc. saúde coletiva vol.12 suppl.0 Rio de Janeiro Nov. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000700003>. Acesso em 6/8/2020.
6. Rebelo-de-Andrade, H e Felismino, D. (2018). A pandemia de gripe de 1918-1919: um desafio à ciência médica no princípio do século XX . Ler História [Online], 73 | 2018. On online: 27 dezembro 2018. Disponível em: URL : <http://journals.openedition.org/lerhistoria/4070> ; DOI : 10.4000/lerhistoria.4070. Acesso em 6/7/2020.
7. WHO (World Health Organization) (2020). Coronavírus. Symptoms. English. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_3 . Acesso em 30/6/20.
8. OPAS BRASIL (2020). Folha informativa – Covid (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:Covid19&Itemid=875 . Acesso em 30/6/20.

-
9. CDC – Centers for Disease Control and Prevention – (United States) (2020). Symptoms of Coronavírus. May, 13, 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/symptoms-testing/symptoms.html> Acesso em 30/6/20.
 10. Driggin et al. (2020). Cardiovascular Considerations for Patients, Health Care Workers, and Health Systems During the Covid-19 Pandemic. *Journal of the American College of Cardiology* Volume 75, Issue 18, May 2020 DOI: 10.1016/j.jacc.2020.03.031. Disponível em: <https://www.onlinejacc.org/content/75/18/2352.abstract>. Acesso em 25/6/2020.
 11. Giacomelli A, Pezzati L, Conti F, et al. (2020) Self-reported Olfactory and Taste Disorders in Patients With Severe Acute Respiratory Coronavirus 2 Infection: A Cross-sectional Study. *Clinical Infectious Diseases*, ciaa 330. 26 March 2020. Disponível em : <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa330>. Acesso em 30/6/20.
 12. Lechien Jr, Chiesa-Estomba Cm, De Siati Dr, et al. (2020). Olfactory and gustator dysfunctions as a clinical presentation of mild-to-moderate forms of the coronavirus disease (Covid-19): a multicenter European study. *Eur Arch Otorhinolaryngol* 2020 April 6 . Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00405-020-05965-1>. Acesso em 30/6/20.
 13. Folha de São Paulo. (2020). Só 9% dos infectados por coronavírus se dizem assintomáticos diz estudo. Folha de São Paulo, 03.07.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/Covid-19-avanca-no-sul-e-centro-oeste-que-podem-virar-epicentro.shtml>? Acesso em 3/7/20.
 14. Xu H., Zhong,L.; Deng J. et al. (2020). High Expression of ACE2 Receptor of 2019-nCoV on the Epithelial Cells of Oral Mucosa. *Int J Oral Sci* .2020 Feb 24;12(1):8. Disponível em: doi: 10.1038/s41368-020-0074-x. Acesso em 30/6/20.
 15. Rajkumar, R.P. (2020). Covid-19 and mental health: A review of the existing literature. *Asian Journal of Psychiatry*. Volume 52, August 2020, 102066. Disponível em : <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102066>. Acesso em 26/6/2020.
-

-
16. Asmundson, G.J.G; Taylor, S (2020) Coronaphobia: fear and the 2019-nCoV outbreak. *J. Anxiety Disord.*, 70 (2020), Article 102196. Disponível em : <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102196> . Acesso em 26/6/20.
 17. Aguilera, J. (2020). Xenophobia “is a pre-existing condition.” how harmful stereotypes and racism are spreading around the coronavirus. Disponível em: <https://time.com/5775716/xenophobia-racism-stereotypes-coronavirus/>. Acesso em 26/6/20.
 18. Lima CKT, Carvalho PMM, Lima IAAS, et al. The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease). *Psychiatry Res.* 2020;287:112915. doi:10.1016/j.psychres.2020.112915. Acesso em 26/6/20.
 19. Rubin G.J., Wessely S. (2020) Coronavirus: the psychological effects of quarantining a city. *The BMJ Opinion.* 2020 - January 24. Disponível em: <https://blogs.bmj.com/bmj/2020/01/24/coronavirus-the-psychological-effects-of-quarantining-a-city/>. Acesso em 26/6/20.
 20. Conejero I, Berrouiguet S, Ducasse D, et al.(2020) Épidémie de Covid-19 et prise en charge des conduites suicidaires : challenge et perspectives [Suicidal behavior in light of Covid-19 outbreak: Clinical challenges and treatment perspectives] [published online ahead of print, 2020 May 8]. *Encephale.* 2020;S0013-7006(20)30085-3. Disponível em : doi:10.1016/j.encep.2020.05.001. Acesso em 26/6/20.
 21. Reger M.A, Stanley I.H, Joiner T.E. (2020). Suicide Mortality and Coronavirus Disease 2019—A Perfect Storm? *JAMA Psychiatry.* Published online April 10, 2020. Disponível em: doi:10.1001/jamapsychiatry.2020.1060. Acesso em 27/6/20
 22. Troyer, E. A.;Kohn, J.N.;Hong, S. (2020) Are we facing a crashing wave of neuropsychiatric sequelae of Covid-19? Neuropsychiatric symptoms and potential immunologic mechanisms. *Brain, Behavior, and Immunity.* Volume 87, July 2020, Pages 34-39. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.027>. Acesso em 27/6/20.
 23. Arango, C. (2020). Lessons Learned From the Coronavirus Health

Crisis in Madrid, Spain: How Covid-19 Has Changed Our Lives in the Last 2 Weeks. *Biol Psychiatry*. 2020 Apr 8 . Disponível em : doi: 10.1016/j.biopsych.2020.04.003. Acesso em 29/6/20.

24. Wang, C et al. (2020) . Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (Covid-19) epidemic among the general population in China. *Int J Environ Res Public Health*. 2020, 17(5), 1729. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>. Acesso em 29/6/20.
25. Yao, H; Chen, J-H; Xu, Y-F. (2020). Patients with mental health disorders in the Covid-19 epidemic. *The Lancet Psychiatry*, vol. 7, issue 4, E21, April 01, 2020. Disponível em :DOI:[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30090-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30090-0) . Acesso em 29/6/20.
26. Huang J.Z, Han M.F, Luo T.D et al. (2020). Mental health survey of 230 medical staff in a tertiary infectious disease hospital for Covid-19. *Zhonghua Lao Dong Wei Sheng Zhi Ye Bing Za Zhi*. 2020;38(3):192-195. Disponível em: doi:10.3760/cma.j.cn121094-20200219-00063. Acesso em 7/7/20.
27. Kang L, Li Y, Hu S, et al. (2020) The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. *Lancet Psychiatry*. 2020;7(3):e14. Disponível em: doi:10.1016/S2215-0366(20)-30047-X. Acesso em 7/7/20
28. Koh D, Lim MK, Chia SE et al. (2005). Risk perception and impact of severe acute respiratory syndrome (SARS) on work and personal lives of healthcare workers in Singapore: what can we learn? *Med Care* 2005;43:676–682. Acesso em 7/7/20.
29. Xiang, Y.T., Jin, Y., Wang, Y., Zhang, Q., Zhang, L., & Cheung, T. (2020). Tribute to health workers in China: A group of respectable population during the outbreak of the Covid-19. *International journal of biological sciences*, 16(10), 1739–1740. <https://doi.org/10.7150/ijbs.45135>.
30. Kangqi, N. G et al. (2020) Covid-19 and the Risk to Health Care Workers: A case report. *Annals of Internal Medicine*. Letters. 02.06.2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7326/L20-0175>. Acesso em 29/6/20.

-
31. Solomon, I.H, Normandin, E, Bhattacharyya, S. et al. (2020). Neuropathological Features of Covid-19 – Correspondence – The NEW ENGLAND JOURNAL of MEDICINE. June 12, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMc2019373?rss=searchAndBrowse> . DOI: 10.1056/NEJMc2019373 Acesso em 30/6/20.
 32. Girardi, G. (2020). Recuperados relatam rotina de dor e fadiga. O Estado de S. Paulo. Metrópole. A-12, 17/6/2020.
 33. Poder360 (2020). Brasileiros estão com mais medo do coronavírus, diz Datafolha. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasileiros-estao-com-mais-medo-do-coronavirus-diz-datafolha/> . Acesso em 24/1/21.
 34. Valor Econômico (2021). Estudo Indica que Covid-19 pode deixar sequelas de saúde em até 25% dos casos. Valor Econômico de 16/6/21, pág. A12.
 35. Valor Econômico (2021). Justiça decide primeiros casos de Covid no trabalho. Valor Econômico de 21/6/21. Isadora Peron. pág. A-6.

DIREÇÃO DA FETQUIM - 2021-2025

SECRETARIAS

Coordenação Política

Airton Cano

Coordenação da Secretaria Geral

Arlei Medeiros da Mata

Coordenação de Administração e Finanças

Deusdete José das Virgens

Secretaria de Assuntos Jurídicos

Walmir de Moraes

Secretaria de Comunicação

Nilza Pereira de Almeida

Secretaria de Formação Sindical

Sidney Araújo

Secretaria de Saúde e Condições de Trabalho

André Henrique Alves

Secretaria de Políticas Sociais

Amabile de Oliveira Cordeiro

Secretaria de Política Sindical

Nilson Mendes

Secretaria da Mulher Trabalhadora

Rosângela Paranhos

Secretaria de Meio Ambiente

Wellington Luiz Cabral

Secretaria de Cultura

Paulo Sérgio da Silva

SUPLENTES DE DIREÇÃO

Erasmu Carlos Isabe

Joel Santana

José Roberto Trindade

Conselho Fiscal

Alana da Silva Ferreira

Carlos Eduardo de Brito

Edilene Nascimento de Moraes

Suplentes Conselho Fiscal

Lucas Alves de Melo

Clarineide da Silva

Valdir Lourenço de Souza

Título: Agonia e sofrimento dos trabalhadores
contaminados pela Covid-19

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Adobe Caslon Pro e Calibri

Papel: Offset 75 g/m2 (miolo), Cartão supremo 300 g/m2 (capa)

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão:

NSA Gráfica Editora

“ A pandemia que se abateu sobre o mundo carregada pela covid-19, trouxe ainda mais que o sofrimento da UTI ou o medo da morte. Trouxe consigo o sofrimento psíquico que persegue os seres humanos com a mesma ferocidade do vírus. Este livro trata do sofrimento mental dos trabalhadores afetados pela covid-19, que é vivido em silêncio. Este livro cumpre a lacuna, revela a dor que não aparece nos jornais.”

Wanderley Codo
*Pesquisador em
Psicologia Social da
UnB*



ISBN: 978-85-62623-09-7

CIL



9 788562 623097